

HT-103



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**BAIXO MAPUTO: MEIO AMBIENTE, OCUPAÇÃO HUMANA E HISTÓRIA
POLÍTICA PRÉ-COLONIAL (1550-1896)**

**Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a
obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Eduardo C.
Mondlane**

Sérgio Armando Maúngue

Maputo, Novembro 2001

HT-103

04

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 28151
DATA 11/ Janeiro/02
AQUISIÇÃO 02 Letra
COTA HT-103

574.3(679)
M451b

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BAIXO MAPUTO: MEIO AMBIENTE, OCUPAÇÃO HUMANA E HISTÓRIA POLÍTICA
PRÉ-COLONIAL (1550-1896)

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de
licenciatura em História da Universidade Eduardo C. Mondlane

Supervisor: Prof. Doutor Gerhard J. Liesegang

Maputo, Novembro 2001

Classificação 16 (dezasseis) Valores

O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
<u>Solange Macamo</u>	<u>Gerhard J. Liesegang</u>	<u>Isabelina</u>	<u>7/12/01</u>

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

Resumo

Pretendemos neste estudo um quadro de relações entre as variáveis em título contribuindo deste modo para a reconstrução do passado da região do Baixo Maputo no período que data c. 1550, quando apareceram os primeiros relatos dos naufragos, até ao fim do período colonial em 1974-5.

Nosso pressuposto é que a vida dos homens organizou-se em contextos naturais, que antes de tudo, são meios bioclimáticos que, na interacção com outros factores, condicionaram as estratégias de sobrevivência que se reflectiram na ocupação e aproveitamento do espaço pelos grupos humanos. Não só, como também interagiram nos processos políticos pré-coloniais.

Quanto à estrutura do trabalho, no capítulo I apresentamos os habituais aspectos metodológicos do trabalho e a revisão da literatura. No capítulo II o perfil geográfico ecológico da região de estudo, em que apresentamos o zoneamento ecológico e o levantamento do potencial em recursos das grandes áreas ecológicas.

No capítulo III analisamos a estrutura de ocupação humana e seus factores na região ao longo do período em estudo.

No último capítulo articulamos os capítulos II e III na análise dos processos políticos pré-coloniais.

Nas considerações finais, recapitulamos sumariamente o trabalho sublinhando as principais conclusões por capítulo.

AGRADECIMENTOS

Com todos partilho o esforço investido para a produção do texto que a seguir é apresentado. Sei quanto injusto serei ao tentar indicar nomes, pois são inúmeras pessoas que em muitos casos contribuíram sem disso darem conta.

Os agradecimentos ao corpo docente do Departamento de história que directa e indirectamente me apoiou quer na fase de licenciando quer na fase de supervisando. Particularmente ao Prof. Doutor David Hedges pelas apreciações à secção de argumentação da tese e por ter fornecido e indicado textos e referências bibliográficas. Especialíssimos agradecimentos ao meu supervisor, Prof. Doutor Gerhard J. Liesegang, que incansavelmente apoiou-me científica e moralmente em todas etapas para a concretização deste trabalho.

Aos docentes da secção de Arqueologia da UEM nomeadamente Dr Ricardo T. Duarte de quem tive acesso o financiamento da SAREC no âmbito da "Microregional Studies Project", Prof. Doutora Maria Paula Meneses, dr Hilário Madiquida que me apoiaram na concepção do projecto desta dissertação e por outras facilidades afins.

Ao governo distrital de Matutuine muito em particular o senhor Armindo Samuel, Director Distrital de Cultura, Juventude e Desportos, que foi o guia principal de trabalho de campo com quem percorri, a pé, muitos quilómetros.

Os agradecimentos também à minha família pela acomodação, acompanhamento e encorajamento em todo o percurso. Particularmente aos meus pais Banhane e Kapane, aos meus irmãos e sobrinhos. Extensíveis aos amigos dr Simão Jaime, dr Mário Cumbe "Bidu", Humberto, Augusto e, à grande amiga JúJú Monjane (Djúdi) que me acalentou nos momentos mais cruciais.

SUMARIO

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	1-13
I. 1. Objectivos gerais e específicos.....	1-2
I. 2. Abordagem.....	2-3
I. 3. Hipóteses.....	3-4
I. 4. Percurso da investigação e metodologia do trabalho.....	4-7
I. 5. Avaliação das principais fontes e bibliografia utilizadas.....	7-12
I. 6. Limitações deste estudo.....	12-13
CAPÍTULO II: PERFIL GEOGRÁFICO ECOLÓGICO DA REGIÃO DE ESTUDO.....	13-31
II. 1. Introdução.....	13
II. 2. Localização geográfica.....	13-14
II. 3. Características físicas gerais.....	14-18
II. 4. Produtividade das zonas ecológicas.....	18-31
II. 4. 1. Recursos de recollecção, caça, pesca e fontes de água.....	20-29
II. 4. 2. Condições naturais para a produção agrícola e criação animal.....	20-29
II. 4. 2. 1. Factores adversos à produção agrícola e criação animal.....	29-31
II. 5. Sumário.....	31
III. OCUPAÇÃO HUMANA DA REGIÃO EM ESTUDO.....	32-49
III. 1. Introdução.....	32
III. 2. Período anterior a 1550.....	33-35
III. 3. Período entre 1550 a 1870.....	35-37
III. 4. Período entre 1870 e 1974/5: a colonização agrícola, o "reassentamento" e a segurança alimentar das populações locais.....	37-41
III. 5. População, factores e algumas hipóteses da sua evolução.....	41-42
III. 5. 1. Introdução e fontes estatísticas.....	42-44
III. 5. 2. As guerras, doenças e os factores ecológicos.....	44-47
III.5.3.Densidades de população e sua relação com o perfil geográfico ecológico.	44-47
III. 6. Sumário.....	47-49

CAPÍTULO IV: HISTÓRIA POLÍTICA PRÉ-COLONIAL C.1550 A 1896.....	49-75
IV. 1. Introdução.....	49-50
IV.2. As bases da estrutura política na região.....	50-54
IV.3. O mapa político do Baixo Maputo c. de 1550 a 1647 segundo as descrições dos naufragos.....	54-57
V.4. As modificações depois de 1647 até 1730: Fissão e colapso de Nhaca e, a reascensão de Tembe.....	57-58
IV. 5. Entre 1729/30 e 1760-7: Conflitos e fissões na linhagem Tembe-nuclear e a ascensão de Nwangobe (Mangobe).....	58-60
IV. 6. O período depois de 1760 até 1896: Ascensão de Tembe-Maputyo e a situação de Tembe-nuclear até à conquista colonial.....	60-69
IV. 7. 1890-1896: A ocupação colonial e o fim dos Estados africanos a Sul da baía...69	
IV. 8. Sumário.....	70-72
V.CONCLUSÕES.....	73-75

FONTES CONSULTADAS

1. Primárias

1.1. Colecção de história oral do AHM

1.2. Relatórios do governo e das circunscrições

1.3. Relatos dos naufragos coligidos em McTheal

2. Secundárias

2.1. Livros

2.2. Artigos e trabalhos de síntese

2.3. Teses

3. Legislação

4. Outras

Dedicada à toda linhagem Maphulo-Maúngue, em particular aos meus pais Mbhanhane e Kapane.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

- I. 1. Objectivos gerais e específicos**
- I. 2. Abordagem**
- I. 3. As fontes**
- I. 4. Hipóteses**
- I. 5. Percurso da investigação e metodologia do trabalho**
- I. 6. Avaliação das principais fontes e bibliografia utilizadas**
- I. 7. Limitações deste estudo**

I. INTRODUÇÃO

Este capítulo é especificamente para os aspectos metodológicos do trabalho subdividido em 6 secções nomeadamente: de indicação dos objectivos gerais e específicos do estudo; de apreciação das fontes utilizadas na elaboração do trabalho; de argumentação sumária no que toca a abordagem, periodização e tematização; de indicação das limitações na pesquisa; do decurso da investigação deste estudo e a última de revisão da literatura.

Na primeira secção que segue passamos apresentar os objectivos gerais e específicos deste estudo.

I. 1. Objectivos gerais e específicos

I. 1. 1. Gerais

Pretendemos contribuir para pesquisas micro-regionais de Moçambique, com o exemplo da região do Baixo Maputo. Especial enfoque para a ocupação humana e aproveitamento territorial analisados no contexto ecológico da região. Também, a estrutura e os processos políticos pré-coloniais são parcialmente analisados no mesmo contexto.

I. 1. 2. Específicos

Especificamente pretendemos construir um quadro de relações das variáveis em título e no período indicado:

As questões que se seguem abaixo constituem o questionário de partida, cujas respostas são os objectivos específicos do trabalho:

1. Como é que se desenvolveu a ocupação humana na região do Baixo Maputo? Que grupos populacionais povoaram a região?

2. Que factores ambientais, políticos e históricos orientaram a ocupação humana na região no período em estudo?

3. O que é que caracterizou a dinâmica interna da história política pré-colonial da região?

I. 2. Abordagem

Esta dissertação é, em simultâneo, uma síntese e uma hipótese; uma síntese porque concentra uma totalidade de relações entre a ocupação humana, meio ambiente e história política pré-colonial; uma hipótese porque as relações estabelecidas entre as variáveis operacionalizadas podem não ter sido as primitivas e, se o foram, não são absolutamente evidentes e verificáveis.

Sem partilhar as velhas teorias do determinismo ambiental, reconhecemos o aspecto ambiental como motor principal em determinar e ou influenciar o comportamento humano e as possibilidades que o meio oferece à sua existência, pois a vida humana se organizou em contextos naturais que se revelam, antes de tudo, como meios bioclimáticos individualizados pelas características hidrológicas, pedológicas e botânicas.

• Os meios bioclimáticos condicionaram as estratégias de sobrevivência, sobretudo pelo baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas pois, a tecnologia representa um importante significado pelo qual as sociedades humanas resolvem inúmeros problemas da produção e distribuição¹. A tecnologia pode contribuir para a segurança alimentar quer aumentando espaços agricultáveis quer adequando os condicionalismos naturais desfavoráveis².

O estado de guerra que caracterizou a região em estudo, pelo menos a partir do século XVI, foi um outro importante móbil na ocupação humana estando na origem de vastas áreas despovoadas e do isolamento das pequenas unidades políticas. Também, limitou os investimentos em larga escala, a reprodução de tecnologias, etc.

¹ Jochim, M.A. 1981: 3, 4 e 123.

² Ibidem: 121 e 123.

Os transportes e o sistema de mercados foram outros factores de ocupação humana quer interligando áreas e regiões quer isolando-as.

E, desta base norteamos o desenvolvimento temático deste estudo nas principais variáveis denominadamente o perfil geográfico ecológico e o nível de desenvolvimento das forças produtivas e o seu impacto na estrutura de ocupação humana e de aproveitamento territorial.

Na historiografia africana em geral e, da África Austral em particular os processos políticos pré-coloniais são parcialmente associados ou relacionados com os aspectos ecológicos e ambientais. O impacto ambiental, particularmente pelas variações climáticas e consequente redução da produtividade das zonas ecológicas, não foi restritamente económico e espacial, como também foi extensível e é possível traçar os seus efeitos sobre as maiores tendências dos desenvolvimentos políticos pré-coloniais³. As crises ambientais aumentam desigualdades dentro e entre sociedades e começam as grandes competições sobre os recursos naturais e comércio⁴.

As crises ambientais que caracterizaram a região da África Austral, de que a região em estudo faz parte, parcialmente favoreceram uma nova ordem através do reforço do poder centralizado de modo a assegurar a estabilidade política. Neste período emergiram grandes Estados a partir de pequenas chefaturas antigas que passaram a controlar largas áreas respondendo em parte às oscilações climato-ecológicas.

Para o nosso trabalho foram importantes as teorias desenvolvidas por Martin Hall, Gerhard Liesegang, João Morais e Elizabeth Eldredge sobre a influência do meio ambiente na produção agrícola durante os séculos XVIII e XIX.

1. 3. Hipóteses

O quadro de relações das variáveis em título que tentamos construir nesta dissertação, assenta parcialmente no perfil geográfico ecológico da região que caracterizamos no capítulo II.

Este factor determinou um modelo de ocupação humana e aproveitamento territorial essencialmente junto aos principais cursos de águas superficiais; rios e lagoas, nos topos e sopés de antigas dunas cobertas de árvores e nas baixas. Os solos aráveis e os *machongos* foram sempre outros espaços preferenciais de ocupação e

³ Hall, M. 1976-7.

⁴ Newitt, M. 1997 e Eldredge, E. 1992.

aproveitamento. Por outro lado, estes factores influenciaram negativamente a evolução da população local.

Estas condições estão mais concentradas na zona a Este do rio Maputo, por isso é a mais densamente povoada mesmo em descrições não cartográficas dos séculos XVI-XIX e, visível nas cartas produzidas a partir dos anos 60.

Este conjunto de factores orientou a estrutura de ocupação humana limitando o aproveitamento territorial e, pressionando as poucas áreas favoráveis à segurança alimentar na região de estudo.

A história política pré-colonial caracterizou-se pela ligação entre migração, conquista e estabelecimento de Estados linhageiros com uma rede territorial fracamente hierarquizada e, pelo facto, muito propensa à fragmentação. Uma das fontes desta propensão à fragmentação é o próprio direito sucessório e o sistema de governação consuetudinários que vulnerabilizam a unidade e coesão territoriais⁵. São exemplos a expansão e conquistas de Nhaca-Manganeira, de Nwangobe e de Tembe-Maputyo.

Os Estados estabelecidos, por actos violentos em benefício de um grupo, muitas vezes continham elementos de contrato social que limitava os direitos do grupo conquistador, em parte porque era necessário assegurar a cosmovisão local como importante componente técnica na reprodução das próprias comunidades nos aspectos sócio-económicos e político-culturais⁶. Nhaca no Sul do Baixo Maputo incluindo parte da região Norte Nguni durante o século XVI, Tembe-Maputyo na Inhaca a partir do século XVIII, Nwangobe em Machavane no século XVIII, Tembe-Maputyo na área do Tembe-nuclear no século XVIII.

I. 4. Percurso da investigação e metodologia do trabalho

I. 4. 1. Percurso da investigação

Inicialmente a temática do trabalho, à recomendação do dr. Ricardo Teixeira Duarte, era parcialmente arqueológica e ambiental enquadrado no "Microregional Studies Project" financiado pela SAREC através do Departamento de Arqueologia e Antropologia/UEM. Esta recomendação fazia parte de um projecto para posterior integração do candidato na secção de arqueologia do DAA/UEM.

O trabalho iniciou em Agosto de 1998 e compreendia três etapas; uma para a introdução a arqueologia e análise da distribuição espacial das estações da "Idade de

⁵ Junod, H. 1996: 370.

Ferro" e respectiva cerâmica, fase que foi interrompida; outra fase no primeiro semestre de 1999 para cruzar essa introdução com a história da região de estudo durante e depois do trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 1999.

Várias razões ditaram a interrupção e a reorientação do projecto; desde a ausência do dr. Ricardo Teixeira Duarte da UEM, razões técnicas e organizacionais e o próprio currículo da faculdade que não prescreve defesa em arqueologia. E, perante estas adversidades decorridos 9 meses de trabalho e para não perder na totalidade a revisão da literatura que já havia sido feita, reorientou-se a abordagem procurando estabelecer as relações entre meio ambiente e os aspectos de ocupação humana, aproveitamento territorial, hipóteses e factores da evolução da população, segurança alimentar, história política e controlo dos recursos da região no período c. 1550 ao fim do período colonial. A reorientação teve, em parte, como base os habituais questionamentos temáticos do Prof. Doutor Hedges, que no 2º ano, em aula expositiva analisou a história do Sul da baía de Maputo e a região Nguni numa abordagem de relacionamento dessa história com o controlo dos recursos e características do meio ambiente.

Esta reorientação que não foi fácil, implicou não só a releitura da consulta bibliográfica inicial bem como nova documentação do AHM sobretudo os relatórios da circunscrição de Maputo, Fundo dos Negócios indígenas, documentação da Junta Provincial de Povoamento e Terras, Boletins Oficiais.

I. 4. 2. Metodologia do trabalho

Fizemos leituras preliminares para a instrumentação teórica e conceptual do trabalho que envolveu sobremaneira questões sobre a ocupação humana, população, história política, arqueologia particularmente da África Oriental e de Moçambique, ecologia, geografia física e económica, antropologia, etnologia, Estado, etc.

Esta leitura subsidiária permitiu-nos organizar a recolha de dados específicos deste trabalho para testar, corrigir e operacionalizar o aparato teórico e conceptual definido. Para o efeito realizamos a seguinte pesquisa:

- a. Consulta documental nas bibliotecas do Arquivo Histórico de Moçambique, da Faculdade de Letras, do Centro de Estudos Africanos, do Centro de Documentação, da Faculdade de Agronomia, do Departamento de Arqueologia e Antropologia, Instituto

⁶ Rita-Ferreira, A. 1982; Junod, H. 1996; Liesegang, G. 1998. Ver o cap. IV deste trabalho.

Nacional de Planeamento Físico, do Ministério da agricultura e Pescas, DINAGECA, Direcção Nacional de Geologia e Minas e do Instituto Nacional de Fauna Bravia;

b. Leitura cruzada das cartas satélite de 1991 e da distribuição da população de 1966, ambas à escala de 1:250000 para "medir" o impacto da agricultura na vegetação natural; também as cartas da província de Maputo à escala de 1:50000. A leitura das cartas para além de outras informações e análises, possibilitou a localização de topónimos que indicam apelidos ou nomes referenciados na documentação escrita e oral;

c. Trabalho de campo em três principais etapas que nos permitiram abranger Bela Vista, Tanga, Tinonganine, Santaca, Salamanga, Madjadjane, Hindane, Macassane, Baixo Mangove, Reserva Especial dos Elefantes de Maputo, Machangulo, Catembe e Catuane.

O trabalho de campo previa inicialmente um trabalho eminentemente de arqueologia conforme o projecto inicial, porém dificuldades acima enunciadas inviabilizaram esta intenção. Deste modo, o trabalho de campo visou essencialmente a observação e familiarização com os aspectos ambientais da região e o seu registo.

Contudo na zona de Machangulo, que as cartas dos anos 1950-60 apresentam como a zona mais povoada da margem direita do rio Maputo⁷, fizemos um trabalho não só de carácter histórico mas essencialmente arqueológico, recolhendo fragmentos cerâmicos e conchíferos, demarcação dos lugares com o GPS e o registo do contexto ambiental. O material recolhido em quatro lugares não é utilizado neste trabalho, apenas serve de referência da extensão de ocupação humana relativamente às estações da "Idade de Ferro" até então conhecidas e registadas no banco de dados do depósito do DAA. No mapa das estações arqueológicas da área em Morais (1988) acrescentámos 4 estações localizadas em trabalho de campo no âmbito da realização deste trabalho⁸.

Fizemos, também, 6 horas de entrevista essencialmente sobre a história política, duas com extensionistas rurais sobre a sua relação com os camponeses no que toca às culturas e técnicas agrícolas dos camponeses.

As entrevistas foram do tipo qualitativo o que permitiu que os entrevistados falassem livremente. As informações quase que não divergem com as já recolhidas e sumariadas em publicações, porém fornecem novos dados que requerem uma análise mais profunda e necessariamente mais completa do que se faz na presente dissertação.

⁷ Os relatos dos naufragos dos séculos XVI-XVII; Santa Teresa (1784). Felgate, W. S. 1982: 1-2, refere-se à margem direita do rio Maputo ecologicamente indiciar que no passado ter sido a mais povoada do que é hoje.

A última etapa foi da compilação do texto final.

I. 5. Avaliação das principais fontes e bibliografia utilizadas

I. 5. 1. As fontes

As fontes para este trabalho dividem-se em primárias internas e primárias externas. As primárias internas são constituídas pela tradição oral recolhida e sumariada em publicações, o Fundo de Matutuine dos anos 80 na colecção da secção de História Oral do Arquivo Histórico de Moçambique.

As primárias externas escritas por testemunhas presenciais europeus, cujas informações em muitos casos foram obtidas de intermediários ou colaboradores africanos, constituídas pelos relatos dos naufragos dos navios S. Bento (1554)⁹, S. Thomé (1589)¹⁰, S. Alberto (1593)¹¹, S. João (1622)¹², do Sacramento e Nossa Senhora da Atalaya (1647)¹³. Apesar de certa dose de exotismo, imprecisões na localização de acidentes geográficos, má transcrição toponímica e exageros na estimativa do número da população, seus autores constituem os "precursores" da antropologia não só para a região em estudo. Fornecem dados que são, por excelência, valiosos mormente de carácter geográfico, fauna e flora, a caracterização da organização sócio-política dos povos marginais da baía, alguns processos políticos, economia, etc.

Estes relatos cobrem os séculos XVI-XVII. No século XVIII temos a documentação holandesa de 1721-30 e o "Plano e relação da bahia denominada de Lourenço Marques" de 1784¹⁴ do missionário Francisco de Santa Teresa que são valiosas fontes de informação do século XVIII.

Para o primeiro quartel do século XIX temos importantes informações políticas, económicas e estimativas de população da região de estudo constituídas pelos apontamentos dos britânicos Owen e Fynn em 1823¹⁵.

Por volta do último quartel do século XIX outro tipo de fontes primárias surge constituído por relatórios, seguindo no século XX inspecções à então circunscrição de Maputo. Parte desta documentação, publicada mensalmente no Boletim Oficial, teve uma particular importância na elaboração do capítulo III, pois informam regularmente

⁸ Nos anexos o relatório deste trabalho de campo.

⁹ Perestrelo, M. M. 1554 in RSEA I: (especialmente as págs. 196-208).

¹⁰ Couto, D. 1589 in RSEA II: 153-88 (especialmente as págs. 163-7)

¹¹ Lavanha, J. B. 1593 in RSEA II: 225-82 (especialmente as págs. 261-81)

¹² D'Almada, F.V. 1622 in RSEA VIII: 3-68 (especialmente as págs. 47-52)

¹³ Feyo, B. T. 1650 in RSEA VIII: 237-94 (especialmente as págs. 283-92)

¹⁴ In Montez 1948:161-73.

sobre o esforço agrícola e o estado das culturas, da população africana local. Permitiram-nos assim, traçar em linhas gerais a segurança alimentar e sanitária dos últimos 100 anos.

Neste conjunto, especial importância tem a obra editada por Francisco Ferrão (1909), sobre as circunscrições de Lourenço Marques, pela abrangência temática dos relatórios nela publicados no nosso caso o de Vianna sobre a circunscrição de Maputo, hoje Distrito de Matutuine.

Do Fundo da Junta Provincial de Povoamento e Terras do Conselho ou Circunscrição de Maputo colhemos importantes dados sobre a ocupação humana e aproveitamento territorial e o impacto do fomento agro-pecuário e colonização da região do Baixo Maputo.

Das informações recolhidas em entrevistas durante o trabalho de campo constatamos a confirmação de estudos já realizados na região, porém encontramos algumas informações novas¹⁶.

1. 5. 2. Bibliografia

Além das fontes, seleccionamos alguns textos da bibliografia consultada que foram importantes para a colocação do problema e definição do argumento central do trabalho.

Organizamos a revisão da literatura segundo os sub-temas ou variáveis centrais da dissertação nomeadamente ocupação humana e história política pré-colonial da região.

Para a ocupação humana anterior a 1550, vários estudos arqueológicos e linguísticos já comprovaram que o povoamento da costa Oriental de África, de que a região do Baixo Maputo faz parte, pelo menos a partir dos séculos II-IV foi povoada pelos Bantu¹⁷.

Quanto ao grupo ou grupos populacionais que povoaram a região, Alan Smith (1973), que fez um dos apreciáveis exames aos trabalhos etno-históricos desenvolvidos por antropólogos sobre o povoamento do Sul de Moçambique, concluiu que esta região

¹⁵ RSEA II: 465-79 e 479-88 respectivamente.

¹⁶ Nomeadamente a existência de um khokholo associado à invasão Nguni em Catembe, na área de Djidji, actualmente quartel.

¹⁷ Hall, M. 1987; Phillipson, D. 1985; Maggs, T. 1992; Morais, J. 1988, Duarte, R. 1976 e 1988. Rita-Ferreira, A. 1982: 6 cita Guthrie que comparou 200 línguas bantu tendo encontrado 2300 palavras com raízes comuns.

na segunda metade do segundo milénio teria sido por populações Shona ou Sotho (=Twa).

Smith (1973)¹⁸ divide os autores dos trabalhos examinados em particularistas que procuraram identidades especiais¹⁹ e, os globalistas que consideram os povos habitantes ao redor da baía como do mesmo "stock" populacional²⁰. Com base na tradição oral recolhida na região, sugere que foi no Norte de Transvaal que se desenvolveu o grupo bantu Oriental e que a imigração foi um factor de formação de grandes unidades políticas entre os tsonga. Liesegang (1988), com base em Bryant que entre os Nguni identifica sub-grupos, considera a identificação dos Twa com os Sotho por Smith como errônea. Propõe identificá-los com os Nguni. A correcção de Liesegang parece atestada pela documentação holandesa de 1721-30²¹. Os Sotho parecem ter sido em número relativamente reduzido no período histórico, existindo apenas entre os rios Incomáti, Ngwenya e Elefantes, principalmente a Oeste da escarpa²².

Montês (1939), que Smith o enquadra nos globalistas, afirma que os Tembe são vindos do Norte e desde logo fixaram-se na região Sul da baía e, num refluxo contingentes de grande bloco invasor refizeram caminho na direcção Norte²³. Nas entrevistas em trabalho de campo o autor deste trabalho constatou a divergência de origem com uns indicando sua origem a Swazilândia e outros o Norte com referência ao Calanga. Sem se referir ao refluxo para o norte, também Junod (1996) indica as terras de Calanga como proviniência dos Tembe e sua fixação no Sul da baía de Maputo antes de 1550²⁴. Esta data é baseada no relato de Perestrelo.

Pelas evidências arqueológicas, relatos dos naufragos nos séculos XVI-XVII, documentação holandesa e de Santa Teresa do século XVIII e recuros históricos em Bryant, Liesegang, Rita-Ferreira e outros admitimos como grandes vagas migratórias por sequência os Bantu entre os séculos II-VI²⁵, Shona, associada aos Estados do Grande Zimbabwe e Mapungubwe, a partir dos séculos X-XI e, por volta do século XVII-XVIII os Nguni.

¹⁸ Smith, A. 1973: 565-566.

¹⁹ Exemplo de Fuller, E. Dora Eathy e Martha Binford.

²⁰ Exemplo de H-P. Junod e Caetano Montez.

²¹ Capelle, J. V. 1721-30.

²² Liesegang, G. 1998: 25.

²³ Montês (1939) considera as formas Zembe e Tembe e, Anzete e Azante pronúnciação dos invasores e invadidos.

²⁴ Junod, H. 1996: 42-3 e, menciona Matutuine e Maputo como descendentes do Tembe.

²⁵ Duarte, R.T. 1976 e 1988; Maggs, T. 1992.

Houve igualmente alguma presença de outros grupos constituídos por asiáticos que provavelmente imigraram a partir do século IX-X parcialmente acompanhados por swahili e os europeus desde os meados do século XVI.

No que toca ao modelo de ocupação humana e aproveitamento territorial, Morais (1988) na análise das relações entre zonas ambientais específicas e variações particulares construiu um modelo de povoamento e de subsistência económica das primeiras comunidades agricultoras do Sul de Moçambique²⁶.

Carvalho (1969) apontou a dependência das culturas agrícolas às condições naturais, na base de amostras do censo de Moçambique nos anos 60. Do conjunto das condições naturais concluiu que é sobretudo o clima a que mais determina a tipologia agrícola.

Outras referências importantes na construção de modelo de ocupação e aproveitamento territorial são de Meneses (1999) sobre a segurança física no que toca aos predadores, segurança alimentar quanto ao modelo da disponibilidade dos recursos e sanitária em relação às doenças endémicas das comunidades líticas do Holoceno na zona do sopé dos Libombos que foi seu espaço de estudo. Da avaliação dos riscos naturais da região construiu o modelo de povoamento que utilizámo-lo ao longo do trabalho na comparação e articulação do período em referência com o período aqui em estudo.

Nas cartas 1:250000 e 1:50000 dos anos 1960 pode-se visualizar a tendência de concentração das povoações em determinadas zonas.

Felgate (1982), comparando duas áreas costeira e interior da região do Baixo Maputo, respectivamente Makhassa e Mbango, argumentou uma interacção de factores na escolha do habitat entre os princípios de parentesco e circunstâncias ecológicas e históricas. Liesegang (1978) argumenta a proximidade aos campos de cultivo na planificação do habitat e omite qualquer referência às fontes de água como um dos factores. Mas, na nossa zona observamos na generalidade que as áreas agricolamente úteis estão associadas a áreas com disponibilidade de águas superficiais; fluvial, lacustre ou das chuvas.

²⁶ Morais não encontrou evidências de transição da economia recolectora-cinegética e piscícola para a economia agro-pastoril, facto também constatado por Jonsson (1998) e Yellen (1984) que questionam o conceito da "Idade de Ferro" e o limite cronológico de transição da economia "natural" para a economia de produção concluindo que os mesmos espaços associados aos primeiros agricultores teriam sido povoados antes destes. A distribuição das estações arqueológicas da "Idade da Pedra" e "Idade de Ferro" no Sul do Save e da região em particular corroboram com as conclusões de Morais, Jonsson e Yellen.

Quanto à relação entre o perfil geográfico ecológico e os processos políticos pré-coloniais, Hall (1976-7; 1987), com base na crise ecológica dos séculos XVIII-XIX na África Austral, Hedges (1978) na análise da estrutura sócio-económica e processos políticos no Sul da baía de Maputo e a zona Norte Nguni nos finais do século XVIII e princípios do século XIX, Eldredge (1992), na análise das fontes de conflitos na África Austral c. 1800-30 e Newitt (1997) na análise da grande seca de 1794-1802, que na memória popular ficou com o nome de *Mahlatule*, no Sul de África, são parcialmente convergentes nos efeitos das crises ambientais não só sobre as estratégias de sobrevivência como também sobre a organização sócio-política.

Particularmente a partir do século XVIII, segundo Rita-Ferreira (1982), urgiu um reforço do poder centralizado de modo a assegurar a estabilidade política muito provavelmente relacionada com a crise ecológica.

Especificamente para Moçambique, Liesegang (1978) apresenta algumas evidências de crises ecológicas, embora muito aquém da realidade, sobretudo para o Centro e Norte do país não se sabendo se terão afectado o sul de Moçambique²⁷.

Relativamente à história política pré-colonial muitos autores já escreveram sobre a região aqui em estudo, incluindo outras regiões circunvizinhas; Norte Nguni e Norte da baía. Principalmente consultámos Henri Junod, Jan Vansina, Alan Smith, David Hegdes, Gerhard Liesegang e Benigna Zimba.

Relativamente aos processos de formação, estrutura e relações entre Estados locais e a presença europeia, Vansina (1962) faz uma comparação e classificação das unidades políticas africanas no período pré-colonial cujo critério de distinção é o grau de centralização e estruturação linhageira do poder.

Outra proposta é de Liesegang (1988) que também compreende cinco processos políticos, com similitudes de Vansina (1962), e dois dos quais caracterizaram a região do Baixo Maputo.

Junod (1996)²⁸ descreve o sistema de governo e o direito sucessório dos povos do Sul de Moçambique que assenta no parentesco, muito exposto à fragmentação pois a hierarquização é difusa; os mais novos governam antes de intronizados e segundo habilidades e ambições do poder conquistam uma base social para ganhar independência do poder central.

²⁷ Hedges, D. 1978: 144, menciona a fome de 1777 que gerou a extensão de Maputo, na qual conquistou Mpanyella.

²⁸ Junod, H. 1996: 370.

Smith (1970) parece ter sido o mais detalhado nos elementos que precisávamos para o nosso trabalho, embora suscite algumas discussões sobretudo na tradição genealógica do Tembe-nuclear que foi baseada em Ferrão (1909). O argumento dos processos políticos na região explica-os relativamente ao comércio.

Hedges (1978), paralelamente ao factor comercial, encontrou parcialmente a grandeza, a continuidade e descontinuidade dos Estados da região na relação com o acesso e controlo de recursos de que gozavam esses Estados_ centros geográficos do poder.

O trabalho de Zimba (1999) foi muito importante, para o nosso trabalho sobretudo a secção que trata do sistema tributário nas unidades políticas ao Sul da baía.

As hipóteses de Junod (1996) e Serra (1982) sobre a história da arte militar moçambicana e asserção de Meillassoux (1976) sobre as implicações da segmentação²⁹ na reprodução tecnológica e sistema económico são importantes para a análise do impacto das guerras pré-imperialistas na economia e evolução da população da região.

• Outra literatura que nos foi muito importante consta de artigos de síntese publicados, a partir dos anos 40 do século XX, na revista Moçambique: Documentário trimestral, Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique e outras publicações que incidem no reconhecimento ecológico, avaliação agro-pecuária e hidrológica da região e a descrição do interesse económico e alimentar de alguns frutos selvagens.

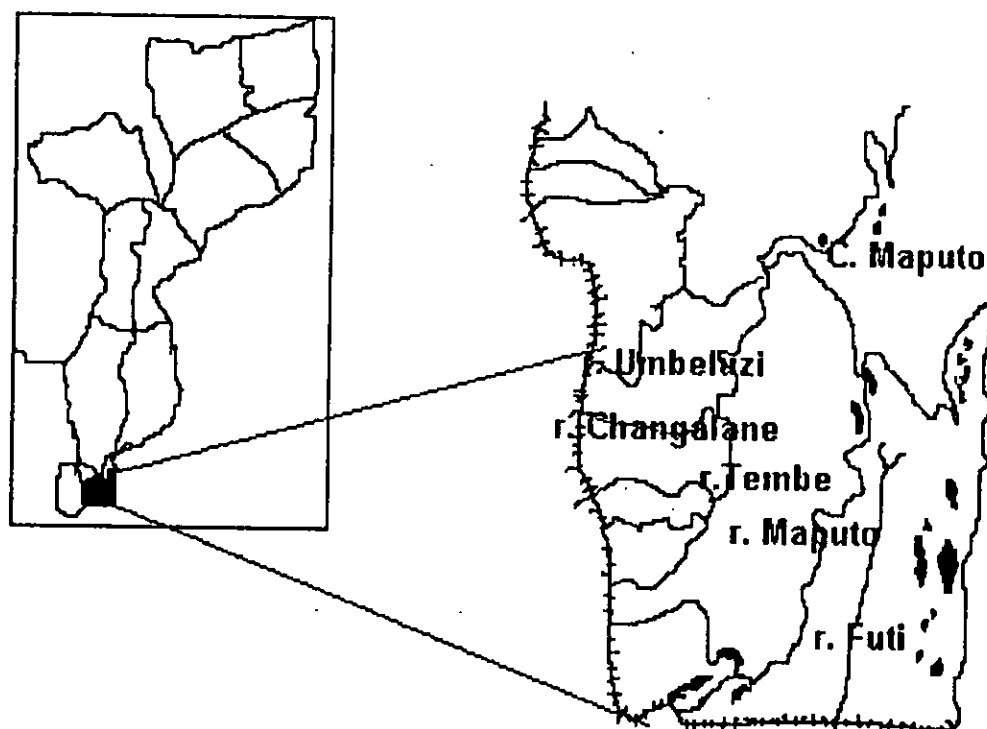
1.6. Limitações deste estudo

A reconstituição do passado com fragmentos de informação apresenta problemas. Adversidade dos dados que se apresentam dispersos no espaço e no tempo dificultam a construção de um único sistema analítico. Isto, impôs a utilização de modelos, hipóteses ou analogias para a reconstituição, não obstante os hiatos que sem outra alternativa só podem ser assumidos até que novas descobertas e estudos forneçam mais informações e alternativas.

É importante ressaltar que a limitada experiência do candidato em trabalho de campo para um estudo desta natureza repercutiu-se em contribuições novas limitadas.

Outra limitante resultou das várias mudanças da perspectiva de abordagem do trabalho, sobretudo depois da ida ao campo. Afectaram no que toca a prováveis mais novos elementos de que teria beneficiado o trabalho como por exemplo a implantação

²⁹ Meillassoux, C. 1976: 72-3.



MAPA 1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO
REGRÃO EM ESTUDO

dos colonatos nos vales do rio Maputo e Umbelúzi, o desterro das populações e a criação das "reservas indígenas" cuja inclusão na dissertação foi na etapa final.

Mais ainda foi a indisponibilidade de parte significativa de potenciais informantes, por um lado "saturados" de entrevistas e por outro por muitos deles estarem na África do Sul. Importa ressaltar neste aspecto que grande parte da população actual na região de estudo é imigrante do século XX, com origem maioritariamente das províncias de Gaza e Inhambane.

CAPÍTULO II: PERFIL GEOGRÁFICO ECOLÓGICO DA REGIÃO DE ESTUDO

II. 1. Introdução

II. 2. Localização geográfica

II. 3. Características físicas gerais

II. 4. Produtividade das zonas ecológicas

II. 4. 1. Recursos de recollecção, caça, pesca e fontes de água

II. 4. 2. Condições naturais para a produção agrícola e criação animal

II. 4. 2. 1. Factores adversos à produção agrícola e criação animal

II. 5. Sumário

II. 1. Introdução

Neste capítulo pretendemos traçar o perfil geográfico ecológico da região de estudo que é fundamental para o desenvolvimento dos capítulos III e IV, que são os centrais da dissertação. O nosso argumento centra-se no contexto ecológico na interacção com outros factores, sobretudo o tecnológico e histórico-antropológico, que determinaram ou influenciaram a ocupação humana, o aproveitamento territorial, o crescimento da população e os processos políticos pré-coloniais na região de estudo.

O perfil geográfico ecológico é aqui analisado com referência a potenciais recursos agrícolas nomeadamente clima e solos, florestais, faunísticas e piscícola existentes na região. Às potencialidades ecológicas da região, analisamos os factores adversos que limitaram a ocupação humana.

II. 2. Localização geográfica

A região de estudo é o Baixo Maputo cuja delimitação não corresponde exactamente aos limites e fronteiras actuais com a África do Sul e Swazilândia que, foram arbitradas pelo Presidente francês Mac Mahon em 1875 no contexto da disputa anglo-lusa sobre a

região. A nível interno também foram modificados os seus limites pelas reformas político-administrativas, a primeira foi fixada pelo Decreto provincial nº 67 de 17 de Julho de 1895, publicado no Boletim Oficial nº 34 de 26 de Outubro de 1895 e, a segunda reforma administrativa pela portaria nº 11932 de 30 de Maio de 1957 que desanexava o posto de Changanane que passou a pertencer a circunscrição de Namaacha. Na reforma de 1986 a ilha de Inhaca e a Catembe passaram a pertencer a cidade de Maputo. Porém, nós consideramos os limites da região do Baixo Maputo com base na história política do grupo etno-político Tembe. Segundo Vianna Rodrigues (1909), Bryant (1927), a linhagem Tembe dividia-se em dois ramos denominadamente Tembe-Sénior que ocupava o Oeste do rio Maputo até ao rio Umbelúzi e, o Tembe-Júnior toda a margem Este do rio Maputo³⁰.

II. 2. 2. Características físicas gerais

Nesta secção, traçamos em linhas gerais as características físicas da região de estudo cuja caracterização é baseada em estudos já realizados na região e cartas elaboradas a partir dos anos 1960-70.

I

Segundo o processo geológico formativo, Terciário e Quaternário, a região de estudo pode ser subdividida em 4 principais unidades no sentido Oeste-Este: (1) no sopé dos Pequenos Libombos que ocorrem os basaltos e riolitos; (2) segue uma faixa de planícies arenosas pleistocénicas na margem esquerda e o curso inferior do rio Tembe até Catuane, estendendo-se até à Ponta das Três Marias e à estrada Catembe-Bela Vista; (3) as dunas interiores fixas e consolidadas que assentam sobre as areias vermelhas mais velhas, de origem pleistocénica num estado avançado da diagénese da margem direita do rio Tembe até cerca de 10 Km da costa com uma orientação geral Noroeste-Sudeste. Cobrem uma larga área do interior e com planícies argilo-arenosas do Holocénico-Pleistocénico, depósitos fluviais e, (5) as dunas de origem recente que ocorrem ao longo da faixa costeira com orientação geral Norte-Sul, em faixas de 10 Km de largura, assentando em depósitos fluviais que têm no topo uma superfície de aplanamento.

Na faixa interior imediata, atrás das dunas costeiras, ocorrem lagoas alongadas e dispostas paralelamente à linha da costa, separando os dois sistemas dunares acima mencionados.

³⁰ Perestrelo em 1554 refere-se ao Tembe Moço e Tembe Velho. Também o Fynn em 1823 faz a mesma

Outras unidades geológicas expostas a superfície são pequenas bolsas de grés, grés calcário do Mioceno na área de Salamanga e curso médio do rio Tembe. Do Sul de Bela Vista até Salamanga ocorrem o grés glauconítico e calcário com algas do Eocénico. A Sul e Norte das lagoas Xingute e Píti, faixa costeira Ocidental de Machangulo e bordos dos rios Maputo e Fúti caracterizam-se por depósitos aluvionares e eluvionares do Holoceno. Do Cretáceo Inferior e Superior o grés glauconítico que ocorre em algumas bolsas ao longo das planícies arenosas e disposto em afloramentos nas dunas costeiras respectivamente, particularmente na Ponta de Ouro e Inhaca.

II

Pelo processo geológico formativo e eventos paleoambientais, entre os quais as transgressões e regressões marinhas e os períodos pluviais e interpluviais, a região do Baixo Maputo é caracterizado por dois aquíferos o mais profundo geralmente salino e o à superfície de água doce.

III

Geomorfologicamente³¹ a região de estudo pertence à região predominantemente de deposição e revolvimento de terra solta na planície e orla costeira do Sul de Moçambique. Compreende no sentido Oeste-Este: (1) a sub-região de sopé fluvial da superfície mais baixa dos Libombos; (2) entre Catuane e o sopé dos Libombos uma estreita faixa de planície inclinada no sentido Norte-Sul; (3) entre os rios Tembe e Umbelúzi a planície de deposição arenosa, que em extensão é a segunda depois das dunas interiores. Esta planície por vezes é interrompida por bolsas de subsolo próximo da superfície que se estende no sentido Norte-Sul e depressões húmidas que marginam o rio Tembe e Umbelúzi.

Na margem Este do rio Tembe, predomina a caracterização eólica no interior próximo da costa com dunas interiores não deformados sobre uma base de areias, vermelhas mais velhas que se prolongam até a costa. Estas dunas cobrem cerca de metade da região de estudo³².

Outras unidades são à superfície deposicional recente de génese fluvial-eólica que margina os rios Maputo, Manhoca e Fúti, a faixa lacustre por detrás das dunas costeiras e entre a península de Machangulo e o rio Maputo; uma faixa muito estreita

referência. Ambos nada dizem da relação entre os dois espaços Tembe.

³¹ Segundo a carta Afrika-Kartenwerk (1983) 1:100 000 S2

³² Afrika-Kartenwerk (1983) e outras cartas físicas.

Norte-Sul de dunas costeiras recentes com formação activa de recife ligeiramente elevadas e, por último junto ao Oceano Indico recifes calcareníticos³³.

IV

No que toca à orografia a região do Baixo Maputo é essencialmente de planície com altitudes que variam de de 0 a 100 metros, exceptuando algumas cotas de dunas acima de 100 metros ao longo da costa e outras poucas dispersas no interior. Excepção ainda da península de Machangulo com cotas acima de 100 metros até 120 e da cadeia dos Libombos cujas cotas chegam a atingir 400-500 metros de altitude.

V

A baixa altitude, latitude, continentalidade e a corrente quente de Moçambique são os principais factores do clima da região. O clima é tropical quente com temperatura média mínima de 15,7°C, com a excepção dos meses de Novembro a Fevereiro acima de 18,0°C, temperatura média máxima 30,3°C e média diurna 21,1-23°C e, média diária acima de 23°C.

A precipitação diminui da costa para o interior. Entre a costa e o interior os índices de aridez são 48,3 e 16,1 que correspondem a um déficit de água de 150mm e 500mm respectivamente³⁴. Distinguem-se 5 faixas no sentido Este-Oeste: (1) uma faixa costeira peri-húmida (>1,20) que abrange Inhaca até a Ponta do Ouro; (2) a faixa sub-húmida (0,80-0,61) entre Fúti e Maputo; (3) uma faixa semi-húmida (0,60-0,46) que se estende da Ponta Camandjuba e da baía cortando o curso médio do rio Tembe até ao Sul; (4) uma grande faixa semi-árida (0,45-0,31) da margem direita do rio Tembe até ao limite do sopé dos Libombos no sentido Norte-Sul e, por último uma pequena faixa semi-húmida (0,60-0,46) no sopé dos Libombos que beneficia da contrapartida orográfica pronunciada.

VI

Fitogeograficamente, a região de estudo é parte Centro-Occidental da escarpa do Centro da Maputalândia³⁵ que se estende do Nordeste do Natal até ao Sul do Limpopo³⁶. Esse Centro compreende a parte Norte do mosaico regional de Tongoland-Pondoland.

³³ Ibidem.

³⁴ Gonçalves, C.A. 1971.

³⁵ Wyk, V. 1994 citado em Lundin and Lindén 1997:14

O Centro da Maputalândia representa uma região de transição biótica, intercedendo as zonas tropical e semi-temperada, e pelo facto é também um centro de forte endemismo³⁷.

Do efeito combinado da topografia e do clima, a flora da região³⁸ é uma sequência da parte Ocidental da Escarpa que pode ser distinguido no Sul de Maputo no trajecto Siteki-Catuane-Zitundo³⁹. No sentido Oeste-Este temos uma faixa N-S de matagais das regiões montanhosas mais baixas dos Libombos latifoliadas e brenhas, desta unidade até a margem esquerda do rio Tembe descendo até ao Sul matagais a Sul das terras baixas de ambos os lados dos Libombos (aspecto de savana arbustiva), na margem direita uma bolsa da variante de Maputo (tipo Natal), envolvendo esta unidade matas em solos arenosos da faixa costeira e, por último matas de transição seca-húmida da faixa costeira do Sul (Maputo) em parte extensos graminais secundários em matas formando mosaico.

Outras comunidades características da ponta de Camandjuba até ao Sul é a vegetação das depressões, temporariamente alagadas, e a floresta galeria, savanas alagadas, comunidades herbáceas e árvores fruteiras relíquias. O mangal ocorre no litoral Oeste da Península de Machangulo, Ponta Camandjuba e curso inferior do rio Maputo até Salamanga e também do rio Tembe. O tipo Nata é característico da faixa costeira de Inhaca ao extremo Sul.

VII

Segundo a natureza geológica e topográfica e sob influência dos microclimas, os tipos e a distribuição dos solos na região pode obedecer para uma divisão entre planícies e depressões e vales dos rios por um lado, e nas dunas por outro lado.

Uma associação de solos arenosos com pouca matéria orgânica ocorrem ao longo da costa com bolsas de associação de solos fluviais no Norte e Sul de Matutuine marginando também os rios Fúti, Maputo, Tembe, Umbelúzi e afluentes e, a faixa litoral Oeste de Machangulo.

Nas largas planícies arenosas interiores uma variedade de solos arenosos que se caracterizam pela mudança na estrutura da cor ou da textura resultado dos microclimas.

Os solos brancos são inférteis, de origem recente e ocorrem em regiões secas particularmente a Oeste do rio Maputo e, os avermelhados-acastanhados e ou

³⁶ Lundin, C.G. and Lindén, O. 1997:13.

³⁷ Davies et al. 1994 e Wyk, V. 1994.

³⁸ Afrika-Kartenwerk 1985 S7.

amarelados são em parte férteis mais comuns a Este do rio Maputo⁴⁰.

Uma faixa de associação de solos aluvionares entre as margens direita e esquerda dos rio Tembe e Maputo estendendo-se até ao Sul. Pequenas áreas de "mananga" ocorrem na parte Ocidental do rio Maputo, bolsas de solos escuros nas depressões, baixas e margens dos rios.

II. 3. Produtividade das zonas ecológicas

Da caracterização física da região, a seguir, passamos a apresentar o inventário e distribuição dos recursos naturais importantes na sobrevivência das comunidades.

Definimos como grandes zonas ecológicas pela divisão do rio Maputo, que grosso modo, em termos de recursos agro-pecuários marca a transição de uma zona para outra; a zona a Este relativamente favorável e a zona a Oeste menos favorável. Consideramos à parte Machangulo e Inhaca pelas suas particularidades geográficas peninsular e insular respectivamente.

Duma maneira geral, em termos de solo e vegetação podemos distinguir 4 regiões nomeadamente a faixa costeira dunar com largura entre 500m-2/3Km; zona da serra *Ntlaveni* na Catembe, Sul de Bela Vista; areias em cima de rochas calcáreas que chegam relativamente perto da superfície no Sul de Matutuine (Salamanga) e o sopé dos Libombos que abrange parte do percurso dos rios Tembe e Umbelúzi.

II. 3. 1. Recolecção

Os recursos de recolecção são aqui inventariados de um modo global, sem especificação rigorosa das zonas ecológicas. As fontes arqueológicas e históricas concordam no grande papel que a recolecção desempenhou na região aqui em estudo⁴¹, particularmente pelas condições moderada e marginalmente sustentável para agricultura e infestação glossínica que limitou a criação e o povoamento pecuário. Existem várias árvores fruteiras colhidas quase por 100% da população, destacando-se *Trichilia emetica* (Mafurra), *Strychnos spinosa* (Nsala), *Sclerocarya birrea* (Canho), *Garcinia livingstonei* (Mpimbi), *Mimusops caffra* (Ntsale), *Vangueria infausta* (Mapfilwa), *Annona senegalensis* (Marhômpha), *Syzygium cordatum* (Timuhlu), *Strychnos gerardii*

³⁹ Austral-Grupo Impacto 1996:19-21.

⁴⁰ Ver o capítulo III.

⁴¹ Relatórios dos naufragos portugueses; Fynn e Owen (1823); Felgate (1982); Hedges (1978).

(Macuacua), *Ficus*, *Hyphaene coriacea* (lala), *Manilkara discolor* (Tinweve)⁴². Os Wyk (1994) entre estas árvores fruteiras têm uma lista de cerca de 30 espécies para a região de estudo.

Quando se abrem campos de cultivo, estas árvores são deixadas para provento de sombra, colecta da respectiva fruta na época e utilidade medicinal das suas raízes, folhas, caule, etc. Em trabalho de campo, no interior da Reserva de Elefantes de Maputo observamos várias dessas espécies que julgamos tratar-se de antigas zonas de povoamento abandonadas, particularmente por aparecerem muitas vezes associadas a cajueiros e outras fruteiras como a mangueira⁴³.

No passado, estas fruteiras terão alimentado um pequeno comércio entre as populações locais e populações vindas da Zululândia⁴⁴. Muitas das frutas são somente disponíveis na estação chuvosa entre Outubro/Novembro e Fevereiro/Março, algumas relativamente duradouras na estação seca como é o exemplo de *Strychnos gerardii* (Macuacua).

Quanto aos recursos florestais referências existem desde o século XVI com os relatos dos naufragos⁴⁵, continuando já com certa especificidade nos princípios do século XX com a menção da chanfuta, pau-preto, pau rosa, sândalo e em larga escala várias espécies de espinhosas aproveitáveis para vedação, lenha e fabrico de carvão vegetal⁴⁶ particularmente *Psydrax* spp. mais utilizada pela resistência à humidade, cresce muito e produz pouco fumo⁴⁷. A rede de caminhos de pé posto das povoações às bolsas florestais na carta da distribuição da população de 1966 evidencia a grande exploração dos recursos florestais.

A recollecção não só incluiu recursos de ordem vegetal como também recursos marinhos que são reportados em estações arqueológicas que datam dos finais da "Idade da Pedra"⁴⁸. Observamos em trabalho de campo, particularmente na enseada de Bembe e em toda a costa ocidental de Machangulo junto ao mangal, a colecta de carangueijo e ameijoas. Nas 4 estações localizadas em Machangulo, no âmbito deste trabalho, recolhemos algumas amostras do material conchífero entre *Chicoreus calcitrapus*, *Natica burdigalensis rugosa*, *Ostrea cornucopiae*, *Anadara diluvii*, *Cypraea prisca*, etc.

⁴² Wyk (1998) apresentam um levantamento de 302 espécies arbóreas da região, das quais 99 são fruteiras.

⁴³ Ver a secção III.

⁴⁴ Pomba, M.S. 1938: 34. Indica a sazonalidade e utilidade de algumas fruteiras.

⁴⁵ Relatos que temos vindo a citar ao longo do trabalho.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Austral Grupo -Impacto 1996.

⁴⁸ Korfman, M. 1987: 113.

II. 4. Condições naturais para a produção agrícola e criação animal

A despeito das condições técnicas e tecnológicas, as características pedo-climáticas são os principais factores naturais na produção agrícola e criação animal, pois conferem o padrão de crescimento e a qualidade e disponibilidade da pastagem.

II. 4. 1. Produção agrícola

No que toca às culturas agrícolas praticadas na região, dados arqueológicos e históricos indicam entre as culturas antigas o sorgo, mexoeira, inhame, feijão jugo (Tindlulu).

Os produtos agrícolas correntes encontrados pelos holandeses nas margens de Umbelúzi, Tembe, Maputo e Incomáti entre 1721 e 1730 são o arroz, cebola, bananas, batata-doce, cana sacarina, diversas espécies de leguminosas (exemplo de tindlulu)⁴⁹, etc. No último quartel do século XVIII, Santa Teresa (1784) apresenta a lista dos produtos agrícolas; muito e excelente arroz, legumes, feijões, favas, ervilhas, grãos, guandos, couves, alface, cebola e cana sacarina e, Fynn (1823)⁵⁰ à lista acrescenta o açafrão, ananás, pimenta e trigo indiano.

Esta relação de culturas muito praticadas no século XVIII demonstra uma certa especialização em resposta ao mercado que se estava a desenvolver a partir de então _ a intensificação do comércio e a presença de muitos marinheiros, que constituíam o principal mercado da produção agro-pecuária das populações locais para seu consumo durante as operações na baía⁵¹.

Não dispomos de dados específicos da introdução e generalização da cultura do milho na região em estudo. Adicionalmente às culturas agrícolas praticadas as populações colectam ervas selvagens como cacana (*Mormodica balsamina*), mabungwa (*Landolphia kirkii*), ntseke (*Amaranthus spinosus*) e xihobe (*Thunbergia* sp.) que são encontrados em forma de "machambas" e em áreas húmidas.

A adaptação das novas culturas, asiáticas e europeias, pode ser datada a partir do século XVIII devido ao empirismo dos métodos da prática agrícola e à própria aclimação. Esta indicação é baseada na documentação a partir desta época sobre a

⁴⁹ Tindlulu é feijão jugo que é parente afastado do amendoim e nativo do continente africano.

⁵⁰ RSEA, Vol. II, Fynn 1823: 480.

⁵¹ Hegdes, D. 1978: 149

abundância dessas culturas. Segundo as zonas ecológicas definidas pelas características físicas traçadas no capítulo II, secção 3, as condições naturais para a produção agrícola e criação animal são:

I

No que toca aos recursos agro-ecológicos a zona a Oeste do rio Maputo localiza-se abaixo de 600/700 mm/ano entre Novembro e Março, a zona de Catuane com menos de 400 mm/ano e no sopé dos pequenos Libombos a média é superior a 700 mm/ano, por beneficiar da contrapartida orográfica, que se distribuem entre Outubro e Abril, pertence à região térmica moderadamente quente e seca.

Em termos geomorfológicos e topográficos a área é de planícies de inundação dos rios Tembe e Umbelúzi, áreas pantanosas e dunas interiores. Durante a estação chuvosa, na baixa dos Pequenos Libombos ocorrem muitas lagoas e lagos que se formam nas depressões superficiais e, os principais rios provocam inundações⁵².

Na generalidade os solos da área são arenosos brancos de fertilidade muito baixa e com baixa capacidade de retenção de água. Estes, são interrompidos por bolsas de solos fluviais de difícil lavoura, com excesso de água e salinidade em partes⁵³. Comparativamente férteis são os solos, castanhos avermelhados e argilosos, do sopé dos Libombos até Umbelúzi, incluindo a bacia do rio Changanane. Existem, também, os solos são basálticos de origem do Karroo e derivação fluvial recente⁵⁴.

A média anual de precipitação na generalidade abaixo de 700mm indicia um estado semi-árido da área⁵⁵. Assim, na tipologia proposta por Voortman e Spiers (1982) no geral a zona tem um período de crescimento de 5 meses e um padrão de crescimento 2-1-3⁵⁶. Porém, exceptua-se a faixa do sopé dos pequenos Libombos que beneficia da contrapartida orográfica, tendo assim em média uma precipitação acima de 700mm ano que se distribuem entre 6 e 8 meses conferindo-lhe um padrão de crescimento de 2-3-1⁵⁷.

Relativamente à criação de gado, excluindo a zona de *mananga* entre os vales dos rios Maputo e Tembe, a pastagem é entre as melhores na região, formada por uma

⁵² Meneses, P. M. G. 1999: 593.

⁵³ Esboço pedológico de Barradas, L. 1962.

⁵⁴ Barradas, L. 1962; Balfour, J.A. 1922: 4.

⁵⁵ Barradas 1962: 57, pela baixa precipitação e solo bastante pobre, classifica a área de *mananga*, que em termos agrícolas significa uma área improdutiva.

⁵⁶ Voortman, R.L. e Spiers, B. FAO/UNDP/MOZ/75/D11 1982, modificado por Chonguiça, E. 1985; 2-1-3 significa dois períodos de crescimento por ano em 45% dos anos, com um período por ano em 30% dos anos e três períodos por ano em 25% dos anos.

associação de *Acacia* e *Themeda tiandra*, *panicum*, disponível cerca de 7 meses, de Setembro a Abril/Maio com capacidade de 2-4ha por cabeça de gado⁵⁸. Inclui zonas de Catuane, sopé dos Libombos e Changanane com pastagem doce como *Sporobolus*, *Panicum* e *Setaria* spp., *Eragrostis*, etc⁵⁹. Os primeiros reis Tembe criaram muito gado, porém depois da fissão do poder Tembe para Sudeste em meados do século XVIII e as invasões Nguni no século XIX, a área voltou a ser infestado pela tsé tsé nos meados do século XIX⁶⁰.

Outros espaços de produção oferecidos pelas características físicas da área são de caça, pesca e recollecção. Do que sabemos da arqueologia de toda região do Baixo Maputo, a caça pelo menos de animais de pequeno porte desempenhou um papel importante na dieta das populações mesmo depois da introdução da agro-pastorícia. Prova parcial disso é a ocorrência de restos ostensiológicos inidentificáveis e a marginal aptidão agro-ecológica da região.

A área de *mananga* improdutiva para fins agrícolas constitui um importante espaço para a caça. Com efeito, Vianna (1909) caracterizou a zona a Oeste com caça variada e rica; com abundância em elefantes nas matas de Likwati, na serra *Nlaveni*, entre os rios Maputo e Tembe⁶¹. As áreas da Catembe e Catuane são descritas como ricas essencialmente em elefante, impala, inhala, cudo, chango, gazela, cabrito do mato, magul, changane, javali, macaco, chacal, lebre, coelho, galinha do mato, peru, pato, perdiz e uma grande variedade de aves⁶².

Muito pouco sabemos da pesca nesta zona, mas certamente junto aos principais cursos de águas superficiais; lagoas ou rios praticou-se, e até aos nossos dias foi possível a pesca, sobretudo das tilápias.

Quanto à recollecção, para toda a região em estudo, existiram no passado e existem no presente várias árvores fruteiras colhidas quase por 100% da população destacando-se *Trichilia emetica* (Mafurra), *Strychnos spinosa* (Nsala), *Sclerocarya birrea* (N'canho), *Garcinia livingsstonei* (Mpimbi), *Mimusops caffra* (Ntsole) *Vangueria infausta* (M'pfilwa),

⁵⁷ Voortman, R.L. e Spiers, B. FAO/UNDP/MOZ/75/D11 1982, modificado por Chonguica, E. 1985, 2-3-1 significa dois períodos de crescimento por ano em 45% dos anos, com um período por ano em 30% dos anos e três períodos por ano em 25% dos anos.

⁵⁸ Morais, J. 1987: 145. Porém, a zona a Oeste do rio Maputo consta na carta da distribuição das tripanossomíases de 1949 a mais afectada. No Atlas Geográfico de Moçambique 1986: 24 para o ano de 1974, a zona detém o maior efectivo pecuário de cerca de 150 000 cabeças de gado bovino, 10 000 de suíno e 10 000 de ovinos.

⁵⁹ Atlas Geográfico de Moçambique 1986: 24. Também o relatório de Gil, A. M. (1960) indica as zonas de Catuane, Changanane e Mazeminhana como favoráveis para a criação de gado. Meneses, M. P. G. 1999: 622-3; Barradas, L. 1962: 111.

⁶⁰ Hedges, D. 1978: 51.

⁶¹ Vianna, R. In: Ferrão, F. 1909: 156.

Annona senegalensis (N'zônpfa ou N'rhônpfa), *Syzygium cordatum* (Mulhu), *Strychnos gerardii* (N'cuacwa), *Manilkara discolor* (N'tinweve), etc⁶³.

II

A zona a Este do rio Maputo está localizada entre 800 e um pouco mais de 1000 mm/ano que se distribuem entre Outubro e Abril. Pertence à região térmica moderadamente quente a fresca, com uma temperatura média anual a oscilar entre 21° C e 23° C.

Em termos geomorfológicos e topográficos a área é constituída essencialmente por planícies arenosas, com dunas interiores fixas e dunas costeiras móveis, que não excedem 100 m de altitude, com largura até 10 Km.

Os solos são dunares e arenosos, que variam de cor desde avermelhados, amarelados a esbranquiçados; alguns pardos ou acinzentados em vários tons, devido à acumulação, em maior ou menor quantidade, de matéria orgânica derivada de revestimentos vegetacionais, particularmente nas encostas das dunas e zonas baixas. No Norte da zona, na área estuarina dos rios Maputo e Fúti é caracterizada por uma grande bolsa de solos argilo-aluvionares com intrusão salina. Nas bacias dos rios Fúti e Maputo os solos variam entre ferralíticos de "mananga", aluviais, e os arenosos de dunas antigas que cobrem a grande área.

Da bacia de Fúti até a costa os solos arenosos de dunas antigas por vezes interrompidos por solos arenosos recentes não dunares e os aluvionares recentes. Bolsas de solos turfosos "machongos" caracterizam o Norte da lagoa Xigunte, margens do rio Fúti e todo sul da lagoa Piti até Zitundo e fronteira.

A média anual de precipitação que oscila entre 800mm e pouco mais de 1000mm e a variedade de solos conferem à zona um período de crescimento de 6 a 8 meses e um padrão de crescimento 2-3-1⁶⁴. É razoavelmente servida de águas superficiais, não só dos rios Maputo e Fúti que a atravessam de Sul a Norte, mas também das várias lagoas

⁶² Relatório de Gil, 1960

⁶³ No guia de campo sobre as árvores da África Austral de Wyk, B. V. e Wyk, P. V. (1998) são cerca de 97 árvores fruteiras para toda a região do Baixo Maputo descritas comestíveis. Muitas destas árvores são pouco exigentes em termos climáticos.

⁶⁴ Voortman, R.L. e Spiers, B. FAO/UNDP/MOZ/75/D11 1982, modificado por Chonguica, E. 1985; 2-1-3 significa dois períodos de crescimento por ano em 55% dos anos, com 3 período por ano em 30% dos anos e 1 período por ano em 15% dos anos.

disseminadas entre o rio Fúti e a costa⁶⁵. A grande densidade de *Syzygium cordatum* particularmente na parte Sul indicia lençol freático doce a pouca profundidade⁶⁶.

As bacias fluviais de Fúti, Maputo e Umbelúzi e o sopé dos Libombos são os potencialmente mais agricultáveis. Outras bolsas agricultáveis são as bacias lacustres, as encostas e sopés dunares que têm pequenas florestas como vegetação. A bacia de Tembe devido às águas salgadas foi pouco favorável à agricultura.

Relativamente à criação de gado, segundo as conclusões de Morais (1988) para algumas estações arqueológicas nomeadamente Zitundo e Mamoli a pastagem da área é marginalmente sustentável para a criação de gado. Esta pastagem, designada themedo-salacietum, normalmente é disponível de Setembro a Fevereiro cuja capacidade é de 11-12 ha por cabeça de gado. Mais para o interior e ao longo das bacias fluviais de Fúti e Maputo as pastagens são ainda mais pobres, tendo metade da capacidade e disponibilidade anual comparativamente à zona a Oeste. Porém, a disponibilidade de águas superficiais constituiu uma importante contrapartida para uma certa criação de gado.

No século XVI, quando os portugueses escreveram os primeiros relatos em Machavane (Maputo) havia gado bovino, ovicaprino e galináceo⁶⁷. Santa Teresa em 1784 viu muito gado ovino e caprino de "lã corredia e curta" nas margens de Maputo⁶⁸. Os pântanos de Fúti e a depressão entre as lagoas Piti e Psatine foram áreas favoráveis à criação de gado, com um constante fornecimento de água e pastagem⁶⁹. Os contactos com os Nguni, sobretudo a partir dos meados do século XVIII, parece terem reforçado a criação de gado na região do Baixo Maputo, sobretudo na zona a Este do rio Maputo; Tembe-Maputo transportava metais europeus e roupas para o Norte Nguni onde os trocava por gado bovino, ovino, brasão, etc⁷⁰.

⁶⁵ Ver as cartas 1: 50 000 da circunscrição de Maputo nomeadamente 2632 B4 Folha N° 1199, 2632 D2 Folha N° 1203 e 2632 D4 Folha N° 1207.

⁶⁶ Barradas, L. 1962: 114 (E. E. 27).

⁶⁷ A referência ao gado caprino e ovicaprino corrobora com a carta de distribuição das glossinas de 1949. Também Junod, H. Vol. I. 1996: 47, compara o papel ritual da cabra com o da mexoeira e, daí, sugere que a cabra seja o mais antigo animal doméstico dos Tongas e, sem dúvida, de todos os Bantu do Sul de África.

⁶⁸ Outras testemunhas da existência de gado, anteriores a Santa Teresa (1784), são Couto, D. RSEA, II, 138-9; Lavanha RSEA, VIII, 342; Feyerabend, B.T. VIII, 336.

⁶⁹ Hedges, D. 1978: 258.

⁷⁰ Hedges, D. 1978: 142-3.

Quanto aos recursos cinegéticos, as planícies de inundação provavelmente foram as primeiras zonas de distribuição de elefantes dado o valor nutritivo da vegetação ser maior relativamente às zonas circundantes⁷¹.

Na Reserva Especial de Elefantes de Maputo, que é cerca de metade da zona a Este do rio Maputo, Tello (1973) reconheceu outros animais de caça como o rinoceronte branco e preto, impala, chita, avestruz, tartaruga marinha (especialmente *Caretta caretta* e *Dumochelys coriacea*), chango, búfalo e espécies ornitológicas principalmente aquáticas e a fauna do mar⁷². Na mata de Libate na margem direita do rio Maputo, também houve no passado abundância de elefantes.

O rio Maputo, as lagoas interdunares e o sistema lacustre de Machangulo foram referidos no passado com abundância de hipopotâmos⁷³.

A plataforma continental, de que a zona faz parte, é rica em peixes, crustáceos e búzios que têm sido explorados desde os finais da "Idade da Pedra". Com efeito, importantes concheiros dos finais da "Idade da Pedra" e da "Idade de Ferro" têm sido localizados na costa⁷⁴. Nos relatos dos naufragos e documentação posterior que temos vindo a citar confirma-se a continuidade da importância da pesca na economia com variedades de peixe e os comuns, além dos crustáceos e búzios, são *Rhabdossargus* spp. (Bream), *Conger* spp. (Eel) e *Mugilidae* spp. (Mullet).

Tello (1973) reconheceu na Reserva Especial dos Elefantes 30 espécies de peixe⁷⁵, possivelmente entre lacustre, fluvial e costeiro. Actualmente existem pequenas áreas de pesca artesanal ao longo da costa como Djidjidji, Guachene, Amores, Ponta das Três Marias, Gala, Salva Chibalamati e Ponta de Ouro. As lagoas Changane, próximo de Bela Vista, nos anos 60 eram conhecidas pela abundância do camarão miúdo e, actualmente é a zona de Liundo, troço deltáico do Fúti, que é mais explorada para a pesca de camarão miúdo comercializado na cidade de Maputo.

A lagoa Psatine, junto do posto administrativo de Zitundo, nos anos 60 era também mencionada pela boa qualidade das tilápias⁷⁶.

⁷¹ Tello, L. 1973: 142. No guia de campo dos Wyk (1988) mais de 30 plantas são alimento preferencial dos elefantes.

⁷² Tello, L. 1973: 140-3. Os elefantes constituíam a grande manada de todo o distrito de Lourenço Marques e de toda a região Sul e, os changos a grande manada ao Sul do rio Urema.

⁷³ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 156.

⁷⁴ Exemplo da fábrica de cal e Tinonganine (Barradas, L. 1962).

⁷⁵ Idem (não são indicadas as espécies).

⁷⁶ Gil, A. M. 1960: 34.

Em trabalho de campo conhecemos a zona de Liundo, no Nordeste do rio Maputo, com grande abundância de camarão miúdo que é comercializado na cidade de Maputo.

Quanto à recollecção a caracterização é similar á descrita para a zona a Oeste do rio Maputo⁷⁷.

III

A península de Machangulo está localizada na faixa de 800 mm a 900 mm de precipitação ao ano que se distribuem entre Outubro e Abril. Tem de média anual 23°C de temperatura. É banhada a Este pelo Oceano Índico e com um cordão dunar acima de 100 metros. Na parte Ocidental é banhado pelas águas da baía e uma cintura de dunas recentes com cotas que variam entre 100 e 120 metros de altura e, seguem as dunas interiores cobrindo toda a península.

Entre os dois cordões dunares numerosas lagoas com destaque para Mucambe, Buti, Uani e Mangalidje que se dispõem paralelamente à costa.

Os solos são arenosos pouco evoluídos de dunas costeiras, que com o regime pluviométrico e térmico conferem à península um período de crescimento de 7 a 8 meses e um padrão de crescimento 2-3-1⁷⁸. A distribuição do *Syzygium cordatum* na faixa central da península indicia lençol freático doce a pouca profundidade⁷⁹.

Relativamente à criação de gado, segundo as conclusões de Morais (1988) sobre as primeiras comunidades de agricultores pouco se sabe. Porém, dos relatos dos naufragos em que nos parece que a indicação de Inhaca incluía também Machangulo, desenvolvia-se na península a criação de gado caprino e ovino. Ao longo da costa Ocidental da península de Machangulo vimos gâmbuas, que na documentação são reportadas desde o século XVIII. As principais áreas de pesca actualmente são Santa Maria, Ngomene, Ndelane e Mabuluco.

Quanto aos recursos de caça a fauna é descrita relativamente pobre constituída essencialmente de gazelas, cabritos do mato, coelhos, lebres, perdizes, perús, hipopotâmos, etc⁸⁰.

⁷⁷ Ver a página 19 e a nota 31.

⁷⁸ Voortman, R.L. e Spiers, B. FAO/UNDP/MOZ/75/D11 1982, modificado por Chonguiça, E. 1985; 2-1-3 significa dois períodos de crescimento por ano em 55% dos anos, com 3 período por ano em 30% dos anos e 1 período por ano em 15% dos anos.

⁷⁹ Barradas, L. 1962: 114 (E. E. 27).

⁸⁰ Gil, A. M. 1960: 34-5.

IV

Inhaca tem cerca de 40km² e resultou das mudanças do nível do mar na história recente do Holoceno da larga baía estuarina que é fronteira. As antigas dunas baixas na costa ocidental estão expostas aos ventos moderados da baía de Maputo mas ocasionalmente tempestuosos. O cordão dunar costeiro tem sido construído por deposição eólica das areias a milhares de anos. Está localizada acima de 900 a 1000mm/ano e a uma temperatura média anual entre 22° C e 23° C.

As dunas costeiras orientais estão muito expostas aos ventos salinos do Oceano Índico, predominantemente do sudeste. Este cordão dunar é continuamente alto, decrescendo em altura para o centro da ilha, entre os cordões dunares Este-Oeste. A parte central ocupa cerca de metade do total da ilha e tem muitas dunas baixas e vales. Cerca de 1/4 da sua área é coberta por pântanos de água doce, uns pouco largos e muitos pequenos, alguns que tem sido drenados para agricultura nos últimos 50 anos.

O solo é essencialmente arenoso e solto, excepto em áreas e perto dos pântanos de água doce, onde o húmus se tem acumulado, particularmente na área central da ilha. Com média de precipitação acima de 900 mm/ano a ilha tem um período de crescimento de 8 meses e um padrão 2-3-1.

Em 1823 na Inhaca, Fynn anotou haver pouco gado bovino e o mesmo um elemento distintivo pois pertencia aos chefes. Apenas o gado caprino e galináceo foram miúdos abundantes, mas também pertencente aos chefes⁸¹. Contrariamente, Owen também em 1823 caracterizou Inhaca com abundância de gado bovino e caprino, para além de muito peixe⁸².

II. 4. Fontes de águas superficiais: rios, lagoas e pântanos

A necessidade de conhecimento das disponibilidades em águas superficiais numa área, zona ou região é tão primordial pois constitui um dos importantes factores que interage na ocupação humana, sobretudo do espaço rural.

E, a região em estudo pelo processo geológico formativo e eventos paleoambientais, entre os quais as transgressões e regressões marinhas, é caracterizado por dois aquíferos sendo o mais profundo geralmente salino e o à superfície de água doce. Lá onde o último se aproxima à superfície, há muitas vezes pequenos poços de água como por exemplo perto do Posto de Santa Maria.

⁸¹ RSEA, II, Fynn, 480.

Quanto à disponibilidade de água das chuvas, o regime é sazonal variando o período chuvoso de Outubro/Novembro a Fevereiro/Março.

Um aspecto muito importante na avaliação e qualidade da água é o seu nível de pH. Internacionalmente está definido que valores entre 6,5 e 8,5 são aceitáveis para o consumo humano⁸³.

I

A zona a Oeste do rio Maputo na estação seca, particularmente em anos consecutivos de seca⁸⁴, os rios reduzem-se a riachos e os afluentes são muito poucos ou secam totalmente. O rio Tembe seca e reduz-se a um pântano. O Umbelúzi é o único rio com caudal permanente. Outros pequenos cursos fluviais existem na área de Catuane nomeadamente Tumbulumuno, Manhagane e Mahau e outros mais pequenos como Cauane, Simela, Conduane, Nalate, Chiosse, Palate, Chegueteuane, Muchauene na estiagem reduzem-se a pântanos. O rio Gunguane seca superficialmente mas é possível encontrar água no seu leito escavando menos de 2,5 metros de profundidade. Changalane, Manhangane e Mahau na estiagem reduzem-se a lagoas ou a pântanos⁸⁵.

Quanto às lagoas, em Catuane as lagoas Mandgene, Huane, Gucuana têm água doce, Mapimbine e Mutiquina com água salobra e, perto de Bela Vista a lagoa Changana. Em Machangulo pelo nível de salinidade, apenas a lagoa Uani tem água bebível. A população usa água dos poços nas margens das lagoas, com baixo nível de salinidade⁸⁶. A lagoa Piti apresenta altos níveis de salinidade⁸⁷. Os principais rios da região apresentam uma intrusão salina na sua parte estuarina, sobretudo o rio Tembe.

Na estação chuvosa, tem ocorrido inundações nos pantanaís, no rio Maputo e a lagoa Piti conecta-se com o mar. As inundações não resultam só das chuvas interiores mas muitas vezes das chuvas à montante dos rios Umbelúzi, Tembe e Maputo.

II

Na margem direita do rio Maputo, o rio principal é o próprio rio Maputo que nasce na África do Sul; entra na actual fronteira Sul de Moçambique da área de Catuane, atravessa a região de estudo no sentido Sul-Norte e desagua na baía de Maputo. O rio

⁸² RSEA, II, Owen, 168.

⁸³ Feachen et al, 1977 e Overman, 1976 citados por Impacto-Grupo Austral 1996: 31.

⁸⁴ Ibidem: 597.

⁸⁵ BSEM, Vol. 38, nº 158-9, 1969: 211.

⁸⁶ Impacto: Grupo Austral 1996: 31.

⁸⁷ Meneses, M.P. 1999: 612.

Maputo é o único com caudal permanente e apresenta poucos vales tributários. Os outros diminuem ou secam na estiagem embora seja possível encontrar água no seu leito quando se escava a menos de 2,5 m. Mais a Sul na área de Zitundo corre o rio Cele que desagua na lagoa Psatine (Sotine). O rio Fúti que nasce perto de Manhoca vai desaguar de forma deltaica e pantanal no curso inferior da margem direita do rio Maputo.

Na área interdunar, paralelamente à costa dispõe-se o sistema lacustre. As lagoas, menos profundas não excedem os 9 metros com a excepção da lagoa Piti que deve ter mais de profundidade. Essas lagoas estão associadas aos sistemas de drenagem, sendo as mais importantes de Sul para Norte: Psatine com 750ha, Piti com 3250ha, Xingute com 1750ha e Mundi. Para muitos autores a origem destas lagoas é uma consequência da transgressão e regressão marinhas⁸⁸, razão porque apresentam um certo teor de salinidade.

III

Na península de Machangulo ocorrem numerosas lagoas de média e pequena dimensão com destaque para Macumbe com 130 ha, Mangalidje com 124 ha e Buti com 100 ha⁸⁹.

As áreas abertas são permanentemente inundadas e, pelas informações colhidas no local indicam que algumas lagoas como Macumbe, Munhuane e Bulaxuane, Maganlidje e Buti tem sido relativamente reduzidos devido às prolongadas secas⁹⁰.

IV

Na Inhaca muitas ocorrências indicam que há muita água doce, drenada das dunas⁹¹.

II. 4. 3. Factores adversos à produção agrícola e criação animal

Na secção acima traçamos as condições naturais da região para a produção agrícola e criação animal. Porém, existem factores adversos que limitaram o aproveitamento dessas condições naturais, não só, impondo também o modelo de ocupação humana e afectando negativamente a evolução da população.

⁸⁸ Austral-Grupo Impacto 1996:6 e 11.

⁸⁹ Idem. As áreas das lagoas em Boletim da Sociedade Estudos de Moçambique Vol. 38, nº 158-9, 1969: 211.

⁹⁰ Austral-Grupo Impacto 1996:33. Exemplo da grande seca de 1902-9 reportada por Vianna, R. In : Ferrão, F. 1909: 137

⁹¹ Kalk, M. 1995.

II. 4. 3. 1. Produção agrícola

No capítulo II, secção 4.1, aludimos às frágeis condições naturais para a produção agrícola quer sob o ponto de vista pedológico quer climático da região. A este factor, associa-se o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas que seria uma contrapartida para um aproveitamento intensivo do espaço, aproveitamento de novos espaços e recursos.

Outro factor é o estado de guerra que caracterizou a região pelo menos a partir do século XVI. As fontes dos séculos XVI-XVII reportam estado de guerra entre Tembe e Nhaca para além das incursões Nguni, estas afectando fundamentalmente a parte Oeste do Baixo Maputo. No século XVIII o estado de guerra intra-linhagem do núcleo Tembe; com a expansão de Mangobe, a separação de Tembe-Maputo para a margem direita do rio Maputo e, a continuidade das incursões Nguni no Oeste.

Períodos de guerra significaram a destruição das culturas e interrupção das actividades produtivas, com consequências óbvias na reprodução das tecnologias de produção pois as migrações decorrentes levam a formas relativamente primitivas de produção; caça, pesca e recollecção. As consequências são extensíveis ao isolamento das comunidades e difícil comércio⁹².

Outro factor não menos importante são os campos cultivados que constituem autênticos ecossistemas pois neles encontramos diversas populações de animais que utilizam as culturas para abrigo ou alimentação, caso dos gafanhotos, lagartas, besouras, ratos, pássaros, etc. Ocorre também a competição entre as culturas e as ervas daninhas pela água, nutrientes, espaço e luz solar.

II. 4. 3. 2. Criação animal

As glossinas constituíram por si só grande óbice para a colonização de Moçambique e da região em estudo particularmente. Atesta isso, a criação da "Missão de combate às tripanossomíases" em 1949. As primeiras referências da tsé-tsé em Moçambique constam dos relatos de viagem de Louis Trichardt em direcção a Lourenço Marques em 1838⁹³.

A distribuição dos focos endémicos segue estreitamente os cursos de água⁹⁴. Segundo o mapa da distribuição das tripanossomíases que consta do relatório de 1949 da

⁹² Meillassoux, C. 1976: 73.

⁹³ A tsé tsé em Moçambique 1949 :45.

⁹⁴ Ibidem: 21.

"Missão de combate às tripanossomíases" na região aqui em estudo temos o tipo *G. Austeni* com maior expressão sobretudo na parte Este do rio Maputo extendendo-se até à fronteira; *G. Brevipalpis* que margina o rio Maputo a Este e limita-se pelo rio Futi; a consociação de *G. Austeni* e *G. Brevipalpis* que margina o rio Maputo desde Santaca até a lagoa Pandjene. A faixa entre a margem direita do rio Fúti e a costa está livre das tripanossomíases⁹⁵.

Outros factores da distribuição das tripanossomíases é a população de paquidermes como hipopotâmos e elefantes que são autênticos hospedeiros das tripanossomíases particularmente para *G. Brevipalpis*. Outros hospedeiros, particularmente da *G. Austeni* são porcos bravos, javalis, inhamiticos, macacos e aves⁹⁶. Entre 1949-50, na área de Salamanga reduziu o número de capturas do insecto após o afastamento do hipopotámo⁹⁷. O substrato arbustivo e ou herbáceo, sombra permanente na copa das árvores e vegetação arbustiva adjacente são outros habitats do insecto⁹⁸.

Quanto à morbilidade, entre os tipos de gado o caprino e ovino são os mais resistentes⁹⁹, facto que se constata nos arrolamentos pela sua predominância numérica e são as espécies mais reportadas desde os séculos XVI-XVIII de que se deduz ligeiras alterações ao longo do tempo.

II. 6. Sumário

O zoneamento ecológico que acabamos de caracterizar orienta a nossa análise sobre a ocupação humana da região aqui em estudo, no capítulo III. Esta análise é extensível, também, na parcial compreensão dos processos e história política pré-coloniais tratados no capítulo IV; parcialmente explica a localização dos centros geográficos do poder, a sua continuidade e descontinuidade, e grandeza.

⁹⁵ A *G. Morsitans* considerado o tipo mais perigoso seguido da *G. Pallidipes* não são referidos para a região aqui em estudo.

⁹⁶ Silva, M. A. 1952: 45 e 64.

⁹⁷ *Ibidem*: 45.

⁹⁸ Silva, M. A. 1952: 64.

⁹⁹ *Ibidem*: 32.

III. OCUPAÇÃO HUMANA DA REGIÃO

III. 1. Introdução

III. 2. 1. Período anterior a 1550

III. 2. 2. Período entre 1550 a 1870

III. 2. 3. Período entre 1870 e 1974-5

III. 1. Introdução

A ocupação do espaço pressupõe a existência de recursos cujo aproveitamento garante a reprodução física e social dos seus habitantes, particularmente quando é quase nula a entrada dos factores de produção como é o caso vertente da região aqui em estudo.

Como nos referimos na avaliação das fontes e da bibliografia, no capítulo I, muito pouco sabemos do período anterior ao século XVI. As fontes são gradualmente abundantes a partir do século XVIII, razão porque mais desenvolvimento damos na secção que data deste período em diante.

Pela disponibilidade das fontes, concentrámo-nos em períodos com fontes relativamente suficientes, nomeadamente os séculos XVIII-XIX em que temos algumas referências de ocupação humana e, no século XX já aparecem informações; mais localizadas em relatórios de inspecção à circunscrição de Maputo e cartografada a partir dos anos 60.

Com base nestas informações, fazemos generalizações para todo o período em estudo no presente trabalho (1550-1974-5).

III. 2. Ocupação humana da região

Segundo a estrutura de fontes disponível, apresentamos esta secção em sub-secções nomeadamente um breve sumário para o período anterior a 1550; uma secção que cobre o período cerca de 1550-1870 e a última secção para o período que data de 1870 a 1974-5. Incluímos no sumário a situação actual.

Procuramos descrever a ocupação humana com especial enfoque para os factores que estruturaram essa ocupação ao longo do período em estudo, nomeadamente a distribuição dos recursos, a segurança alimentar, sanitária e física e histórico-político.

III. 2. 1. Período anterior a 1550

A ocupação humana anterior ao século XVI, abordámo-la com base no que sabemos da arqueologia da região em estudo. Os contextos ecológicos de quase todas as estações arqueológicas da região são parcialmente secundários ou estão destruídos para dos mesmos avançar hipóteses.

Para o período muito mais recuado, que data da "Idade da Pedra", Meneses elaborou um mapa das estações arqueológicas do Sul do Save que para a região aqui em estudo as estações estão localizadas junto aos rios Umbelúzi e Tembe¹⁰⁰.

Deste período, no Departamento de Arqueologia e Antropologia existe um banco de dados das estações da "Idade de Ferro", sendo para a região do Baixo Maputo 27 estações da "Idade de Ferro Superior" que se distribuem ao longo da costa sobre o cordão dunar, de areias vermelhas e mais antigas. Outras 4, não só datam a "Idade de Ferro Superior" como também a "Idade de Ferro Inferior". Em trabalho de campo localizamos 4 novos sítios na península de Machangulo que representam a extensão das estações que constam no banco do Departamento de Arqueologia e Antropologia.

Distinguindo estas estações, Morais agrupou-os em: estações costeiras dunares que se caracterizam por formações pantanosas e predominância da savana secundária como substituto da vegetação primária e, estações fluviais interiores que se caracterizam por um modelo geral de baixa ou irregular precipitação e pobreza do solo. Zitundo e Mamoli, na zona a Este, e Caimane na zona a Oeste são exemplos do 1º e do 2º grupos respectivamente.

Este agrupamento reflecte o perfil geográfico ecológico da região do Baixo Maputo, e também pela baixa entrada dos factores de produção, que caracterizamos no capítulo II. O cultivo dependente das chuvas, torna-se mais arriscado e difícil à medida que se vai para o interior, já que o número de meses húmidos vai-se reduzindo até 4 meses como é característica da zona a Oeste do rio Maputo, que não obstante apresenta condições mínimas a suficientes para agricultura e sobretudo pecuária nas bacias de Umbelúzi e Changalane e sopé dos Libombos.

Estas estações costeiras, segundo Morais (1988), indicam uma ocupação temporária a julgar pelo seu reduzido tamanho, condições físicas e natureza dos vestígios arqueológicos. Embora se desconheça o papel da domesticação de animais na

¹⁰⁰ Meneses, M. P. 1998: 181. É provável que esta localização corrobore com o sentido e direcção do movimento migratório das populações do interior para a zona costeira utilizando os rios como corredores.

economia dos primeiros agricultores, esta ocupação temporária possivelmente esteve ligada aos movimentos sazonais de pastagem¹⁰¹.

As diferenças ecológicas entre a zona a Oeste e a zona a Este do rio Maputo, influenciaram em elevado grau a densidade de ocupação humana e o aproveitamento territorial na região.

Para este período, podemos concluir parcialmente que a zona a Oeste do rio Maputo prevaleceu com certas densidades populacionais até antes da introdução da agricultura. Na zona a Oeste as áreas sustentáveis para agricultura limitaram-se ao sopé dos Libombos até à área da bacia do Umbelúzi, e pequenas e dispersas áreas nas baixas e em solos húmidos. A área da serra *Ntlaveni*, entre os rios Tembe e Maputo terá sido aproveitável como espaço de caça, recollecção e de combustível lenhoso.

A interrupção do ciclo agrícola ou o fracasso na sua produtividade, mais determinaram a preferência para uma exclusivo e complementar aproveitamento das dunas costeiras para colecta pesqueira e de plantas como é evidenciado pelos concheiros. Isto mostra que as primeiras comunidades agrícolas tinham alcançado um alto grau de selecção de áreas potenciais de produção que adicionalmente oferecessem oportunidades de caça que deve ter jogado papel muito importante na dieta alimentar¹⁰².

A zona a Este incluindo a península de Machangulo, comparativamente, atraiu grandes densidades populacionais pela disponibilidade regular de águas superficiais e de precipitação acima de 700mm, existência de *machongos*, terras aráveis, pastagem e abundância de recollecção. É nesta zona que se localiza a maior parte das estações arqueológicas até agora conhecidas na região em estudo que datam da "Idade de Ferro"¹⁰³.

A introdução das culturas asiáticas por volta do século IX, particularmente o arroz e provavelmente a banana devem ter constituído um avanço técnico que permitiu a exploração das áreas pantanosas disseminadas sobretudo na zona a Este do rio Maputo¹⁰⁴. A imigração Tembe, datada antes de 1550, trouxe como é óbvio, alterações culturais e provavelmente económicas e técnicas que entretanto só mais investigações poderão aclará-las.

¹⁰¹ Maggs, T. and Whitelaw 1991: 14.

¹⁰² Morais, J. 1987: 174 e 179. A importância da caça pode ser justificada pela pouca ocorrência de vestígios de domesticação e a marginal aptidão agro-ecológica da região.

¹⁰³ Morais, J. 1978

¹⁰⁴ Existem referências de grande abundância destas culturas a partir do século XVIII nomeadamente das fontes holandesas (1721-30), Santa Teresa (1784) e dos britânicos Fynn e Owen em 1823. Ver o período seguinte 1550-1784.

Os recursos foram poucos e áreas densamente povoadas tinham pouca terra fértil disponível para agricultura; nas principais bacias fluviais e lacustres e zonas baixas. Alguns dados para esta hipótese é que todas as estações estão localizadas na região de maior predominância do milho e mapira, que são culturas moderada a marginalmente sustentáveis para muitas partes da região sul de Moçambique. Mas, comparativamente, largos povoamentos ocorrem nos estuários ou cordão dunar, onde o modelo actual de agricultura indica uma preponderância da mapira e mexoeira. Isso significa que as áreas do litoral e sub-litoral adjacentes, entre o vale do Fúti e a costa, somente foram aceitáveis como povoamentos permanentes, tardiamente, durante o 2º milénio, com a introdução de novas culturas uma vez que a cultura da mapira e mexoeira são especialmente sustentáveis no interior¹⁰⁵. A preferência de localização nas últimas áreas, litoral e sub-litoral, teria sido também pela existência de recursos; precipitação média geral não inferior a 700mm, águas superficiais, terras aráveis, pastagem, fauna selvagem, etc.

Porém, é presumível que antes da chegada dos agricultores, as zonas costeiras do Sul de Moçambique estavam, provavelmente, cobertas por densas florestas, interrompidas por zonas pantanosas, com poucas áreas mais abertas, aptas para a caça. Por isso, dum modo geral, o número de caçadores e colectores, na zona costeira do Sul de Moçambique, não era provavelmente muito grande¹⁰⁶.

III. 2. 3. Período de 1550-1870

A introdução de novas culturas agrícolas e sua generalização entre os séculos XVI-XVIII, constituiu uma inovação particularmente no que toca ao aproveitamento territorial. Tal como as culturas agrícolas asiáticas, banana e arroz, valorizaram ambientes húmidos e ou pantanais, as culturas agrícolas americanas reforçaram a selecção e o aproveitamento de ambientes particulares e passíveis para altos volumes de produção.

Os relatos dos naufragos dos séculos XVI-XVII que temos vindo a citar, descrevem-nos uma economia essencialmente de caça, pesca e recollecção. Estas descrições denotam quanto ainda prevalecia a importância da economia "natural".

¹⁰⁵ Morais, J. 1988: 129. Em termos de período vegetativo a mexoeira é uma cultura comparativamente vantajosa com 70-90 dias e, a mapira tem 90-120 dias.

¹⁰⁶ Liesegang, G. 1987: 61.

Porém, estas descrições são contraditórias e não correspondem à complexidade da economia da região, pois os naufragos e posteriormente os marinheiros alimentaram-se de cereais produzidos localmente como sejam mapira e mexoeira, e resgataram gado desde o galináceo ao bovino¹⁰⁷.

A faixa costeira parece o ambiente que se afigurou passível para as novas culturas pela média de precipitação não inferior a 700mm, disponibilidade de águas superficiais, de terras aráveis e de *machongos*.

A documentação holandesa (1721-30) e do "Plano e relação da bahia denominada de Lourenço Marques" de Santa Teresa (1784) pelas valiosas informações permitem-nos parcialmente caracterizar a ocupação humana e o aproveitamento territorial da região do Baixo Maputo.

As fontes holandesas caracterizaram um extenso Estado Tembe da costa ao interior, constituído por 27 "províncias" sob sua administração¹⁰⁸.

E, Santa Teresa (1784) assim descreve "São muitas as povoações deste Rio (Maputo)..." e similarmente descreve Inhaca cujas povoações são próximas uma da outra¹⁰⁹. Contudo, apenas deixou indicações estimativas da população de Inhaca, densamente povoada com média de 60-70 palhotas por povoação¹¹⁰.

Estas concentrações populacionais foram descritas sustentadas pela agricultura de arroz, legumes, feijões, favas, ervilhas, grãos, couves, alfaces, cebolas e cana sacarina. Também é referida a grande criação de gado bovino, caprino e galináceo, e muito comércio de marfim, pontas de rinoceronte, âmbar e alguns escravos em troca de panos e contas¹¹¹. Os marinheiros, durante as suas operações na baía, constituíam o principal mercado da produção local¹¹².

Porém, a introdução das novas culturas foi num período de estado de guerra. Pela diversidade das condições ecológicas, instituições sociais e a escassez de fontes torna relativamente difícil dimensionar o real impacto do estado de guerra na ocupação humana. Porém, pode-se estabelecer níveis dessas guerras¹¹³. Ao alto nível envolvendo diferentes sistemas como aconteceu com a chegada de agricultores, nos séculos II-IV, e

¹⁰⁷ Hedges, D. 1978: 112. RSEA, II, Fynn, 487-8, RSEA, II, Owen, 468, e Santa Teresa in Montez, C. 1948: 163-4.

¹⁰⁸ Segundo estimativas de Owen e Fynn em 1823, o Estado Tembe contava cerca de 16 a 20 mil habitantes que em média necessitariam mais de 5000 ha de terra para o cultivo.

¹⁰⁹ Santa Teresa in Montez, C. 1948: 162 e 164.

¹¹⁰ Santa Teresa in Montez, C. 1948: 162.

¹¹¹ Santa Teresa (1784) in Montez, C. 1948: 164-5.

¹¹² Hedges, D. 1978: 149.

a conquista colonial no século XIX. A um nível relativamente baixo são os conflitos entre dois ou mais Estados do mesmo nível tecnológico e estrutura como é documentado nos séculos XVI-XVIII entre Tembe e Nhaca; Tembe e Machavane, Nhaca-Manganheira e Nhaca, Tembe-Maputyo e Tembe-nuclear, etc¹¹⁴.

A um baixo nível ainda é a violência usada por Estados contra possíveis dissidentes internos e individuais que acumulando riqueza procuravam estabelecer seus poderes fora do poder central.

As fontes dos séculos XVI-XVII, constituídas essencialmente pelos relatos dos naufrágos que temos vindo a citar no texto¹¹⁵, reportam estado de guerra entre as unidades políticas da região do Baixo Maputo¹¹⁶. Machavane, que por volta de 1620 ganhou independência do Estado Nhaca, nos princípios do século XVII dominava a zona a Este do rio Maputo e, posteriormente passou a controlar toda a área da ilha de Inhaca, no Norte, até Kwazulu-Natal, no Sul. No mesmo período é também reportado o estado de guerra entre Tembe e Nhaca para além das incursões Nguni sobretudo na zona a Oeste do rio Maputo¹¹⁷.

O Estado Tembe, na zona a Oeste do rio Maputo, foi o que bastante sofreu estes efeitos, particularmente com a reestruturação política do interior a partir de 1821; formação dos Estados Zulu e Swati¹¹⁸. A despeito da fraca sustentabilidade da área entre os vales dos rios Maputo e Tembe, *mananga*, o seu despovoamento provavelmente está relacionado com este estado permanente de guerra e a insegurança alimentar que forçou a população dos Estados em volta da baía a refugiar-se em zonas mais seguras.

III. 2. 4. Período entre 1870 e 1974/5: a colonização agrícola, o "reassentamento" e a segurança alimentar das populações locais

Este período é marcado pelo esforço do Estado colonial português no povoamento de Moçambique, através do fomento agro-pecuário. Uma vasta legislação, iniciada em 1909, com base em dois importantes decretos, o nº 3983 de 16 de Março de 1918 e o nº 33727 de 22 de Junho de 1944, que regula a cedência de terrenos do Estado

¹¹³ Liesegang, G. 1998.

¹¹⁴ A este nível é também provável que tenha havido entre o grupo invasor Tembe com as populações já habitantes do sul da baía.

¹¹⁵ Ver no Capítulo I, secção 6.

¹¹⁶ Junod, H. 1996: 41, caracteriza o conhecimento da história das populações locais sob forma de tradições orais mais ou menos lendárias a respeito das migrações dos diversos clãs.

¹¹⁷ Ver o capítulo IV.

¹¹⁸ Liesegang, G. 1987: 29 e 33.

a entidades particulares, sendo competentes para receber concessões os cidadãos portugueses com capacidade para contratar, desde que requeiram ao governo central ou ao governador da Província, conforme a área que se pretender¹¹⁹.

O regulamento para a concessão de terrenos do Estado definia 3 classes de terrenos; das povoações, de exploração agro-pecuária e reservas indígenas¹²⁰. Esta classificação implicava o desterro das populações, sobretudo das áreas mais ou potencialmente mais produtivas como são os exemplos das principais bacias_ Umbelúzi, Maputo e Fúti. O vale de Tembe foi pouco objecto de colonização agrícola devido à intrusão salina e redução do seu caudal, à montante, na estação seca.

Doravante fizeram-se muitas concessões de terrenos para a agricultura comercial, muitas vezes em áreas onde as comunidades locais viviam, cultivavam e possuíam gado. Como forma de compensação, pelo disposto na circular nº 948 de 17 de Maio de 1927 da Repartição Técnica Provincial de Agrimensura, seriam atribuídos 2 ha por família e uma indemnização que variava segundo a avaliação dos bens existentes na área de desterro¹²¹.

A região do Baixo Maputo no geral não oferecia muitas formas alternativas de exploração, particularmente com baixo nível de entrada dos factores de produção que caracterizou o aproveitamento da região. Pouca precipitação, distribuição irregular e extemporânea e a infertilidade dos solos arenosos impediram o desenvolvimento de largas áreas agrícolas. Somente, mais para o Ocidente, no sopé dos Libombos até ao vale do Umbelúzi, os vales dos rios Fúti e Maputo favoreceram o estabelecimento de colonatos agrícolas europeus desterrando populações locais para áreas muito menos produtivas. Por outro lado, as concessões amiúdes vezes significaram impedimento de acesso às fontes de água, ao pasto e dessedentação de gado das populações locais como referem os relatórios para o vale de Fúti e Umbelúzi principalmente¹²². São reportados também os *budula* que atravessavam campos cultivados das populações locais e, o gado destruindo culturas.

O vale de Tembe foi pouco objecto de colonização pela intrusão salina na sua parte estuarina e redução do seu caudal, à montante, na estação seca reduz-se o caudal.

¹¹⁹ Araújo, F.M.R.P.V. de 1953: 35.

¹²⁰ Ibidem: 86.

¹²¹ Caixas 233 e 238: Por uma fruteira pagava-se 50 escudos; uma palhota entre 200 e 500 escudos e pela área cultivada com culturas agrícolas 100 escudos.

¹²² Em Catuane, em 1973 um grupo da população local queixava-se ao respectivo posto da falta de pasto para o seu gado pois, onde apascentavam seu gado fora concedido a João Manuel Lopes que por vedação impedia o acesso.

Porém, a política de colonatos muito cedo mostrou fracasso. Rodrigues no relatório de 1911-12, publicado em 1913, assim descrevia o povoamento colonial da circunscrição:

"Sobe a centenas o nº de concessões feitas para fins agrícolas; mas, à excepção dos pequenos agricultores, aqueles que menores áreas possuem, nada é feito que mereça atenção"¹²³.

A bacia do Umbelúzi terá sido a primeira experiência de uma colonização agrícola organizada, pelo menos na forma de projecto e lei, Portaria nº 1: 223 de 21 de Junho de 1919. A colonização seria feita por famílias de portugueses, compostas de marido, mulher e filhos, estabelecidas em fazendas de 70 a 75 hectares. As fazendas seriam arroteadas pelo Estado que, também forneceria outras infra-estruturas como casa, água e factores de produção¹²⁴.

Pelo Diploma legislativo Nº 297 de 11 de Abril de 1931, foram extintos os Serviços de Colonização do Umbelúzi¹²⁵.

Este fracasso do povoamento colonial na região prevaleceu até aos anos 50. Araújo (1953) lamentava a tendência de diminuição do número de propriedades devido ao abandono e o fracasso da colonização orientada do Umbelúzi e da colonização algodoeira por volta de 1924.

Até 1950, toda a faixa desde Umbelúzi a Goba, todos terrenos estavam concedidos aos agricultores colonos, não havendo nenhuma reserva com acesso ao rio Umbelúzi para as populações locais¹²⁶.

Em 1943 cerca de 23 000 ha da circunscrição de Maputo eram ocupados por colonos, porém apenas 1 118 ha estavam cultivados. Na zona a Este do rio Maputo, os colonos desenvolveram pequenas áreas agrícolas junto ao vale até Fúti. Uma vasta área foi designada para a conservação natural, a actual Reserva de Elefantes de Maputo¹²⁷. A área entre Fúti e a costa, que no arrolamento de 1957 contava mais de 10 000 habitantes e 14 383 bovinos, foi considerada uma reserva de colonização.

¹²³ Rodrigues, P.A.V. 1913: 48.

¹²⁴ Boletim Oficial I, Nº 25, de 1919. Ao fim de cinco anos a assistência do Estado em factores de produção cessaria, passando a ser exercida individualmente pelos colonos ou por sociedades por eles constituídas.

¹²⁵ Boletim Oficial I, Nº 15, de 1931.

¹²⁶ Silva, J.F. 1942. Em 1942, no vale do Umbelúzi registaram-se conflitos entre os concessionários "Esperança agrícola", uma empresa em constituição, com José Joaquim Verde Castro.

¹²⁶ Ferreira, A.H. 1959.

¹²⁷ Vianna, R. 1943

Comparativamente à zona a Oeste do rio Maputo contava aproximadamente 15 000 habitantes, 19 814 bovinos, 462 ovinos e 6841 caprinos¹²⁸.

Por iniciativa do Administrador Amadeu Ferreira foram criadas cooperativas para populações locais, cujo objectivo principal era combater a emigração clandestina para territórios vizinhos que amiúdes vezes é referenciada nos relatórios da circunscrição. Foi em 1958 que 32 famílias foram fixadas em Salamanga, margem direita do Maputo, e 32 famílias na área de Santaca em 1959, e na margem esquerda do Maputo a agricultura por irrigação¹²⁹.

Em 1960, no vale do rio Maputo foram demarcados 108 talhões, 45 dos quais na margem esquerda e 63 na margem direita cada um com extensão aproximada de 300ha. E, 5 em cada lado eram reservas indígenas¹³⁰.

A faixa entre a lagoa Piti e a costa pela diversidade de recursos de recollecção, terá no passado suportado uma grande concentração de população, hipótese atestada pela existência de indicações de ocupação humana na margem ocidental da lagoa Piti¹³¹. A observação em trabalho de campo e a interpretação da imagem satélite, que mostra grandes manchas amareladas acastanhadas, corrobora esta hipótese. Actualmente, esta faixa é pouco povoada. O seu despovoamento, segundo Felgate (1982), deve datar do início da exploração mineira no Natal e Transvaal e o exílio de Ngwanazi no Natal em 1896 que, com ele muita população deve ter emigrado definitivamente¹³².

A área de Mbango, na fronteira Sul junto à margem direita do rio Maputo, Felgate (1982) reconheceu-a como recentemente povoado, por volta dos anos 60, cuja população vive dos proventos da cultura da *Canabis Sativa* "Suruma" e do trabalho emigratório na África do Sul.

Na Catembe, na década 40, as poucas melhores terras estavam em concessões europeias anuladas, e outras subarrendadas. As terras subarrendadas, com bastante água, eram aproveitadas pelas populações locais para a cultura intercalada de batata doce, algum milho e especialmente para a mandioca¹³³.

¹²⁸ AHM, FGLM, Cx 233: Paiva, R.S. 1973 O arrolamento do gado neste ano indicava 1310 cabeças e 87 proprietários.

¹²⁸ Araújo, F.M.R.P.V de 1953: 32

¹²⁸ Ferreira, A. 1959: 53.

¹²⁹ Ferreira, A. 1959: 53.

¹³⁰ Gil, A. M. 1960: 23-4.

¹³¹ Felgate, W.S. 1982: 143

¹³² Em trabalho de campo constatamos que muita população da região do Baixo Maputo é imigrante. A linhagem Tembe é actualmente pouco expressiva na região.

¹³³ Brito, J.R. 1946: Cx 196. Diamantino, T.S. 1971-2: Cx 230.

Em 1973, Tello no reconhecimento da área da Reserva Especial de Elefantes mapeou a concentração da população, de gado e DE áreas de caça. As áreas de criação de gado e cultivo são contíguas aos espaços habitacionais. Estas aparecem confinadas às principais lagoas; Piti, Xingute, Mundi e pequenas concentrações junto do Fúti e margem direita do rio Maputo. É nestas áreas que hoje existem importantes povoações de Massoane, Tsolombane, Madladlane, Muvukusa e Gala-Cholombane.

No mesmo mapeamento a área Noroeste-Central da Reserva, Planície dos Changos, é indicada como zona de caça.

Com as concessões registou-se uma alteração da paisagem agrícola em que passaram a coabitar dois sistemas agrícolas nomeadamente o sistema de subsistência praticado sobretudo com lavoura itinerante e, o sistema orientado para a venda.

III. 6. População, factores e algumas hipóteses da sua evolução

III. 6. 1. Introdução e fontes estatísticas

São vários os factores que interagem na evolução da população quer para o seu aumento quer para a sua diminuição.

As primeiras estimativas parciais da população datam dos finais do século XVIII com Santa Teresa e, primeiro quartel do século XIX com os ingleses Fynn, Owen e Penwell. Depois destas fontes, dados gradualmente fiáveis foram surgindo a partir de 1896 com os arrolamentos das palhotas até 1940 quando se fez o primeiro censo que se pode considerar o primeiro mais fiável pela metodologia usada¹³⁴.

Santa Teresa em 1784 descreveu o rio Maputo densamente povoado. Cada povoação, na Inhaca, contava 60 a 70 palhotas que usando a média de 3 a 4 pessoas por palhota, cada povoação contava cerca de 200 a 300 pessoas¹³⁵. Nenhuma indicação estimativa do número de povoações é nos dado por esta fonte, com a qual se obteria a estimativa da população total.

Depois de Santa Teresa, em 1823 os britânicos Owen e Fynn forneceram novos dados. Owen estima 16 mil para Tembe, 5 mil em Panyell e entre 10 e 15 mil habitantes para Maputo¹³⁶. Em Fynn, a população do que é hoje administrativamente Matutuíne, parte da região aqui em estudo, era de 45 mil habitantes sendo 20 mil no Maputo, 20 mil

¹³⁴ Este censo foi dirigido por Manuel Simões Alberto.

¹³⁵ AHM, FGGM, Caixa 275, Gil, A. 1960: 5, cada povoação não tem mais de 10 palhotas, portanto, segundo a média geral, uma povoação não tem mais do que 30-40 pessoas.

¹³⁶ Ver a nota nº 73.

no Tembe e 5 mil no Panyell. Indica uma média de 15 e 30 palhotas por povoação contra 3 a 6 palhotas por povoação indicadas por Penwell para a ilha de Inhaca.

Estas estimativas comparativamente com os censos do século XX são muito interessantes. As indicações de Owen e Fynn são muito próximas e, ambos relativamente próximos até ao censo de 1940, considerado o primeiro mais fiável, com população de 40 854 habitantes. As indicações de Penwell para Inhaca são também muito próximas até ao período anterior ao recrudescimento da guerra civil.

Em 1896 a população da região era de 12 215 habitantes¹³⁷. Em 1909, Vianna¹³⁸ fornece uma tabela da população africana por sexo, adultos e crianças e o número de palhotas. Desta tabela fiamos-nos nos dados de 1906 e 1908 que por si foram apurados; 8 956 palhotas e uma população de 22 713 habitantes da circunscrição de Maputo entre 1896 e 1908¹³⁹.

Dos relatórios da circunscrição de Maputo de 1914 e de 1918 a população da região é de 30 221 e 30 886 habitantes respectivamente. No censo da década de 1930-40 a população aumentou para 33 398 habitantes¹⁴⁰.

Nos arrolamentos de 1938 e 1940 a população da circunscrição era de 21 815 e 21 516 habitantes respectivamente¹⁴¹. O primeiro censo populacional mais fiável é de 1940, publicado em 1942 por Manuel Simões Alberto, com a população de 40 854 habitantes. Este censo apresenta números apreciavelmente superiores que reflectem não só o crescimento normal da população mas também melhor contagem¹⁴².

III. 6. 2. As guerras, doenças e os factores ecológicos

Já aludimos ao estado de guerra que caracterizou a região. Dissemos também que as guerras muito pouco terão influenciado directamente a taxa de mortalidade. Antes da chegada dos Nguni em 1820 a arte militar era simples e não há notícia de grandes contingentes militares. Dois ou três inimigos mortos em combate representavam um feito militar de envergadura¹⁴³.

¹³⁷ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 142.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Segundo a mesma fonte os dados dos restantes anos são pouco fiáveis. É provável que o número de palhotas seja próximo da realidade; 5 664 em 1896 e 9 342 em 1908.

¹⁴⁰ Junod, H. 1996: 40.

¹⁴¹ AHM, FGLM, Cx 213.

¹⁴² Alberto, M.S. 1942; Junod, H. 1996: 40.

¹⁴³ Junod, H. 1996: 234. O roubo de gado e das mulheres constituíam os grandes espólios de uma guerra.

Provavelmente, o estado de guerra criou zonas de fricções nos períodos de grandes guerras, mas foi algum tempo guerras limitadas.

Por outro lado, o estado de guerra deve ter afectado directamente a reprodução e a evolução da população por resultar em migrações e concentração da população em determinadas áreas seguras. Estes concentrados podem ter sido focos de doenças e de depredação dos recursos.

As guerras pré-imperialistas não estão totalmente documentadas. Algumas conquistas são sumariamente mencionadas em tradições orais que muitas vezes não permitem o acesso ao grau de violência e perdas.

Alguns autores assumem que durante o período pré-imperialista o estado de guerra foi geralmente numa escala reduzida e o tráfico de escravos e outros factores externos destruíram o modelo geral das relações sociais e políticas de paz. Esse modelo não pode ser aceite, pois se tivesse prevalecido cremos que teria resultado num crescimento populacional no espaço de poucos séculos depois da primeira ocupação de agricultores nos séculos II-IV o que teria provavelmente influenciado na inovação técnica e intensificação da produção.

Períodos de guerra significaram a destruição das culturas e interrupção das actividades produtivas, consequente aumento do risco de sobrevivência para além das migrações.

O perfil geográfico ecológico da região que caracterizamos no capítulo II; muito em parte palustre pelas áreas panatanais pode ter contribuído para uma taxa relativamente alta de mortalidade. Muitas doenças podem ter sido diferentes no passado, mas actualmente são frequentes erupções de malária, muitas delas com origem na água. As doenças podem ter sido diferentes durante os períodos iniciais, mas os efeitos teriam sido os mesmos limitando o acesso a áreas específicas com relevância para doenças cuja fonte é a água. A malária pelo seu carácter endémico pode ter afectado profundamente o acesso às terras húmidas, incluindo o estuário e a costa¹⁴⁴. As doenças mais vulgares são a tuberculose, pneumonia, varíola, bronquite, sarna, enterite, febre, feridas infecciosas, lepra e sífilis¹⁴⁵.

O sistema de transportes e o limitado tamanho do mercado provavelmente impuseram limites para a especialização¹⁴⁶. Outra limitação certamente foi imposta por

¹⁴⁴ Meneses, M.P. 1999: 613.

¹⁴⁵ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 138.

¹⁴⁶ Liesegang, G. 1978: capítulo IX: 47.

frequentes guerras e violência que mais favoreceram unidades de produção pequenas e pouco investimento em construção e árvores de fruto que durante as invasões destruídas e cortadas respectivamente.

Os dados estatísticos da população nos relatórios das circunscrições até 1940 devem ser consideradas com precaução, pois revelam o aumento da população que a nosso ver resulta de cada vez mais rigor nos arrolamentos. Outra questão ainda sobre os números da população é o facto de a região em estudo ser fronteira e com uma tradição de emigração para a África do Sul. Aliás, em trabalho de campo constatamos que as gerações relativamente mais antigas dos Tembe e colaterais residem definitivamente na África do Sul e, outras vem a Moçambique temporariamente¹⁴⁷.

III. 6. 3. Densidades de população e sua relação com o perfil geográfico ecológico

Estabelecemos nesta secção o quadro de relações entre a distribuição espacial dos recursos naturais e as densidades populacionais. Contudo, reconhecemos que outros factores interagem, particularmente a segurança sanitária e física das populações como vária documentação colonial alude-nos. Não só a corroboração dessa documentação colonial como também o próprio perfil geográfico ecológico da região que traçamos no capítulo II deste trabalho.

Os recursos e aptidões das diferentes áreas ecológicas da região do Baixo Maputo são relativamente diferenciados. A existência de zonas húmidas foi mais um meio para a sobrevivência humana e, as zonas secas forneceram lenha e alguma caça.

A área de *Mananga*, entre os vales de Maputo e Tembe, é uma área com poucas fontes de águas superficiais e muito baixa e irregular precipitação. Ali, houve possibilidades de caçar, mas zonas aptas à agricultura foram poucas por isso existiram poucos núcleos populacionais.

Nos vales dos rios Fúti, Maputo, Tembe e Umbelúzi e respectivos afluentes e na zona das antigas dunas vermelhas até 70 Km do mar as condições para agricultura são mais favoráveis. Nestas áreas foi possível a fixação de núcleos populacionais relativamente grandes sustentados pela agricultura, pesca, recollecção e criação animal.

¹⁴⁷ A propósito da emigração, em parte resultado da fragilidade ecológica e da praga de animais, Felgate (1982) indica o século XIX como tendo sido de grande emigração. Esta data é marcada pelo desenvolvimento mineiro na África do Sul com a descoberta das minas diamantíferas e auríferas em Kimberley e Witwatsrand nos anos 1860-80 e pela conquista portuguesa na região entre 1890-1895, da qual os chefes das unidades políticas locais, e muita população, refugiaram-se na África do Sul e Swazilândia.

No relatório de inspecção à circunscrição de Maputo de 1945, em que se fez a relação entre população e água; de uma população total de 21 910 habitantes, 15 390 viviam junto do vale do rio Maputo e 6520 junto das restantes linhas de água, dentro da actual Reserva do Maputo e no resto da área de Catuane. Junto ao vale do Maputo 15389, nas lagoas (junto à costa marítima excluindo Zitundo e Machangulo) 4100, nos *machongos* e outras linhas de água 2421¹⁴⁸. Em Machangulo, a população ocupou as margens lacustres disseminadas na parte central da península e junto à costa ocidental e, em Zitundo a população concentrada nas terras aráveis¹⁴⁹.

Das cartas 1:250000 e 1:50000 dos anos 1960 pode-se visualizar a tendência de concentração das povoações; a área Este do rio Maputo mais densamente povoada relativamente às outras áreas ecológicas definidas neste trabalho¹⁵⁰ sobretudo o ecossistema lacustre costeiro incluindo a península de Machangulo e as bacias fluviais do próprio rio Maputo, do Fúti e do Umbelúzi.

Outros focos com relativa densidade são as estradas e linhas telegráficas que segundo os relatórios da circunscrição estes empreendimentos foram acompanhados por abertura de poços de água o que estimulou a movimentação das povoações para junto dessas vias.

A estrutura topográfica de povoamento é visível nas cartas 1:250000 e 1:50000 dos anos 1950/60 pode-se visualizar a tendência de concentração das povoações em determinadas zonas; para a exploração maximizada dos recursos disponíveis quer das zonas baixas quer das zonas altas num regime sazonal, que é bastante similar à estrutura mesmo das primeiras comunidades agricultoras do Sul do Save estudadas por Morais (1988)¹⁵¹. Nas áreas interiores bem drenadas, pequenas elevações ou áreas relativamente húmidas dos sopés foram relativamente importantes centros populacionais durante o período colonial¹⁵².

As povoações agricultam terras junto às casas para proteger os campos e, por vezes terras distantes, porém com natureza diferente como são os *machongos*. Estes, pelas condições especiais que representam para a pequena agricultura; terrenos turfosos, com uma constituição fundamentalmente orgânica, formados pela acumulação

¹⁴⁸ AHM, FGLM, Cx 275.

¹⁴⁹ Um dos factores de localização da estação de Zitundo, segundo Morais, era a disponibilidade de terras aráveis.

¹⁵⁰ Ver os capítulos II.3.2 e III.

¹⁵¹ Hall, M. (1982); Hedges 1978: 61; Maggs, T. (1992) no Natal encontraram a mesma estrutura topográfica de povoamento das comunidades agricultoras. Ver também Fialho (1996).

¹⁵² Liesegang, G. 1978: ??

progressiva de restos de plantas que sofrem uma decomposição lenta permitem a cultura principalmente do milho, na época seca. Na época das chuvas semeiam milho nos *machongos* e nas terras altas de forma que se o ano for muito chuvoso, ainda que se perca por excesso de água o milho dos machongos, têm a colheita das terras arenosas altas, e na época seca semeiam-no nos *machongos*, o que lhes permite uma segunda colheita no ano.

Pelo facto, nos *machongos* estão fixadas povoações que, estão em permanente luta com a invasão dos elefantes e javalis o que em muito tem contribuído também para o seu relativo despovoamento.

As florestas pantanais da margem direita do rio Maputo tem sido drenados e abertos para agricultura desde as últimas décadas do período colonial¹⁵³.

Homens têm suportado doenças parasitárias ao longo da sua evolução. Problemas contemporâneos, presentes na "Idade de Ferro" inclui tsé tsé que é conhecido por ter afectado os modelos de povoamento e de aproveitamento territorial. Também afectou o desenvolvimento de um comércio regional que aliviasses crises alimentares, pois a mosca tsé tsé foi principal obstáculo de comunicação entre a costa e o interior.

Outros factores adversos à produção alimentar e salubridade da população são a tuberculose, pneumonia, varíola, enterite, sífilis, bronquite, lepra, infecções, malária, a existência de felinos como leão e leopardo por exemplo, a invasão de culturas por elefantes, javalis, hipopótamos, passarinhos, etc limitaram o povoamento humano da região em estudo.

O risco predatório é uma constante na savana interior e na costa e, para a região aqui em estudo está documentado pelos relatos dos naufragos nos séculos XVI-XVII. Entre os mais importantes felinos constam o leopardo, leão, tigre, etc. Essas espécies, solitárias ou vivendo em bandos têm um vasto habitat com preferência para ambientes abertos. A presença de predadores provavelmente representou um alto risco para o povoamento humano. Na zona costeira e na divisão de Tembe, largas árvores podem ter constituído provável refúgio durante o Pleistoceno¹⁵⁴.

As principais lagoas e rios são descritos no passado como ambientes hospedeiros de animais que perigam a segurança física das populações utentes desses cursos de água. O crocodilo (*Crocodylous niloticus*) que habita alguns lagos costeiros e também em largas áreas estuarinas dos principais rios constituiu um grande perigo para as

¹⁵³ Idem.

populações. Actualmente, a população de Machangulo sofre do perigo dos hipopótamos que vivem nas lagoas que não só causam estragos nos campos cultivados como também destroem habitações¹⁵⁵.

Também grandes cobras (ex. de *Python sebae*) vivendo perto dos cursos de água, representa um constante perigo. Outras cobras venenosas, incluindo serpentes, estão presentes ao longo de toda área¹⁵⁶. Em trabalho de campo, soubemos do internamento de 7 pessoas entre crianças e adultos no hospital de Matutuine por terem sido mordidos pelas cobras que não apuramos as espécies.

Áreas circunvizinhas de mangal têm uma certa estabilidade de segurança alimentar, pela combinação da actividade agrícola e a recollecção marinha como podemos observar na costa Ocidental de Machangulo até à enseada de Bembe. A área mais a Sul do Baixo Maputo caracterizou-se por uma baixa capacidade de sustentar população pela infertilidade dos solos escassez de água e, em parte por ter sido área das incursões Nguni.

Na Inhaca, uma baixa densidade populacional no Sul e na faixa Este. A densidade é alta no Sudoeste, faixa norte e na parte central da ilha. Estas densidades são suportadas pela disponibilidade de água e terra arável para agricultural¹⁵⁷. Outros importantes recursos são os marinhos.

Acentuamos que quando nos referimos a elevadas ou excessivas densidades rurais, estamos conscientes da relatividade do critério quantitativo adoptado visto o mesmo se encontrar estreitamente associado à inaptidão para produzir suficientes meios de subsistência em terras que seriam capazes de suportar maiores populações se estas soubessem empregar uma tecnologia apropriada e introduzissem outras modificações na sua existência económica e social.

III. 7. Sumário

A região do Baixo Maputo caracteriza-se por uma diversidade de meios bioclimáticos que no passado mais recuado tornou-a numa das importantes bolsas de imigração como atestam estudos arqueológicos e históricos.

¹⁵⁴ Meneses, M.P. 1999: 613.

¹⁵⁵ Cujo número aumentou muito, de três para 15, durante o refúgio entre na Inhaca 1987-92 durante a guerra civil (Impacto: Grupo Austral 1996: 47).

¹⁵⁶ Meneses, M.P. 1999: 614.

¹⁵⁷ Kalk, M. 1995.

As florestas e os mangais constituíram uma excelente fonte de energia para a obtenção do ferro. A savana permitiu não só apoiar a subsistência das comunidades aí habitantes através da colecta de raízes e frutos, como também possibilitou a existência de uma fauna rica e variada onde abundavam elefante, rinoceronte, hipopótamo e outros animais de pequeno porte. Estes animais constituíram, a partir do século XVI, a razão do comércio internacional documentado pelos naufragos.

A plataforma continental é rica em peixe e crustáceos, os quais têm sido explorados desde os finais da "Idade da Pedra". Com efeito, importantes concheiros, contendo vestígios de artefactos que datam dos finais da "Idade da Pedra", bem como à "Idade do Ferro" têm sido localizados ao longo da costa. Em trabalho de campo verificamos esta realidade, particularmente na península de Machangulo cujo relatório têmo-lo na íntegra em anexo.

Antes da introdução da agricultura e criação de gado, a zona a Oeste do rio Maputo assegurou certas densidades populacionais que usavam a zona a Este como complemento da economia do interior.

A introdução das culturas asiáticas e americanas nos séculos IX-X e XVI-XVII respectivamente, e sua generalização no século XVIII doravante modificou a estrutura da ocupação humana e aproveitamento de novos recursos. A ocupação permanente das áreas costeiras e adjacente do Baixo Maputo data desta época.

Nos princípios a meados do século XX com a implementação dos planos de fomento económico e agrícola através da concessão de terrenos aos colonos nas principais bacias hidrográficas e criação de "reservas indígenas" engendraram-se também algumas modificações na ocupação humana e segurança alimentar das populações locais, como documenta a Junta Provincial de Povoamento e Terras. Aliás, o próprio Plano de Classificação de Documentos de 1940 e 1969 tem Sub-Processos relativos ao desterro das povoações, que muitas vezes esteve ligado à criação de colonatos em áreas agricolamente favoráveis outrora exploradas pelas populações locais que doravante passaram para as áreas menos produtivas.

Portanto, a imigração de colonos teve como consequência principal que os melhores terrenos fossem expropriados aos camponeses africanos, que foram desterrados. Não foi raro o caso de famílias inteiras de camponeses serem desterrados por causa de uma demanda de melhores terras com um agricultor colono. O resultado prático e final foi que muitos camponeses foram obrigados a abandonar o sector

agrícola, indo procurar trabalho como contratados ou enfileirar-se no chibalo ou, então, a procurarem trabalho nos grandes centros urbanos.

É importante realçar que a ocupação humana e o aproveitamento territorial foram, também, limitadas pela não disposição de meios técnicos e tecnológicos necessários para contrariar com menor ou maior grau de sucesso as condições naturais adversas que descrevemos nos diferentes micro-ambientes da região em estudo.

Densidades populacionais consideravelmente altas só foram possíveis nas zonas baixas, vales e áreas adjacentes e nos topos dunares. Outros factores foram a alta média de precipitação como na zona sub-litoral e, secundariamente em associação com solos aluviais e pantanosos que ocorrem ligados aos cursos de águas superficiais e, na zona litoral foram as areias vermelhas compactadas e a floresta primária que propiciaram a ocupação humana.

Os relatórios da Administração Colonial de concentrações populacionais e saúde geralmente suportam esta teoria da demografia histórica da região.

CAPÍTULO IV: HISTÓRIA POLÍTICA PRÉ-COLONIAL C.1550 A 1896

IV. 1. Introdução

IV.2. As bases da estrutura política na região

IV.3. O mapa político do Baixo Maputo c. de 1550 a 1647 segundo as descrições dos naufragos

V.4. As modificações depois de 1647 até 1730: Fissão e colapso de Nhaca e, a reascensão de Tembe

IV. 5. Entre 1729/30 e 1760-7: Conflitos e fissões na linhagem Tembe-nuclear e a ascensão de Nwangobe (Mangobe)

IV. 6. O período depois de 1760 até 1896: Ascensão de Tembe-Maputyo e a situação de Tembe-nuclear até à conquista colonial

IV. 7. Sumário

IV. 1. Introdução

Neste capítulo pretendemos essencialmente destacar as principais modificações políticas ocorridas no período entre 1550 e 1896. Adicionalmente, analisamos os

factores que geraram essas modificações e, fazemos remissões para o capítulo III como complemento da nossa compreensão.

Adoptámos uma periodização com base na história local e, não pela relação com a chegada dos europeus como tem sido comum.

A anteceder o desenvolvimento dos processos políticos pré-coloniais que caracterizaram a região em estudo, na secção que segue abordámos as bases da estrutura política como subsídio.

IV. 4.2. As bases da estrutura política na região

Pretendemos enunciar nesta secção as características gerais da estrutura política das sociedades africanas, particularmente as formas de controlo político, a hierarquização e as relações entre as diferentes unidades políticas.

O controlo político e territorial foram assegurados sob forma de um sistema de chefes-delegados, parentes reais, que controlavam as “províncias” ou “Distritos” enquanto o rei velava essencialmente pela política externa. Entre os parentes favoráveis figuravam as mulheres e os filhos dos chefes¹⁵⁸.

Os reis eram símbolos de unidade e soberania e, acumulavam o auspício dos rituais mágico-religiosos que jogavam importante papel na reprodução social e económica das comunidades. Apesar da concentração de funções, o exercício do poder era contrabalançado pelos conselheiros e membros da família real. O executivo linhageiro não lhes devia obediência cega; se exorbitassem as suas funções podiam ser depostos ou mesmo executados por rebeliões populares¹⁵⁹.

Além do controlo dos recursos, o poder foi exercido controlando também a população. Mulheres de outras comunidades foram importantes para a reprodução da sociedade, através de casamentos e nascimento de crianças que constituíam a geração vindoura. Chefes locais ambiciosos atraíram muitos seguidores através de casamentos, vassalagem ou aliança que lhes proporcionavam oportunidades de riqueza e poder nas

¹⁵⁸ RSEA, II, Penwell, 458; RSEA, II, Fynn, 480; Vansina, J. 1962, Smith, A. 1970: 32. Parece que Maputo após ter derrotado os Nhaca, colocou como chefe-delegado uma mulher_ Ninguane. Depois seguiram-lhe outras duas mulheres_ Jeela e Nimagonane e, só depois destas é que se seguiu um homem_ Magojela Tembe. Em Machangulo, Maputo colocou seu irmão Mahoho Tembe (AHM, FGLM, Caixa nº ? Gil, A. M. 1960: 5)

¹⁵⁹ Exemplo de Muhadane deposto em 1791 e, o assassinato de Bangwane pelos seus próprios indunas nos anos 40 do século XIX.. Ver Rita-Ferreira, A. 1982: 35-9, Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 148, Elias, T.O. in McEwan and Sutcliffe, R. 1965: 92. Também as pags. ...

zonas ou áreas circunvizinhas¹⁶⁰. Fynn anotou a importância das princesas e gado, que era uma das moedas de casamento¹⁶¹, nas relações políticas e económicas:

“As princesas são mais valorizadas e são vendidas para reis de outras tribos”¹⁶²

Macassane, rei de Maputo, tentou gerir as relações com os Nguni disponibilizando sua filha favorita She shaqua para casamento com shaka. Exigia 55 bois. Shaka recusou o preço e organizou um pequeno grupo Nguni para tomá-la à força, plano que fracassou¹⁶³.

Os casamentos constituíam, assim, uma estratégia política de aliança ou de consecussão de privilégios. Uma situação similar em que o casamento jogou importante papel, neste caso para a consecussão de privilégios foi do “English Bill” em Shamaguava. O casamento de uma das filhas com o rei de Maputo, Macassane, tornou “English Bill” num importante porta-voz do comércio entre britânicos e os Estados Tembe e Maputo¹⁶⁴.

O controlo da população acima descrito estava associado ao papel de gado, pois o fim da criação não era a obtenção de leite mas sim a aquisição de “riqueza”, o gado constituía um meio de lobolar mulher e de aumentar assim a família¹⁶⁵. Assim, as mulheres e o gado estruturavam as relações e hierarquização entre as linhagens e, entre as unidades políticas.

A extensão e poder do governo linhageiro central dependia da coerência com que se organizavam os recursos materiais e humanos para manter a subordinação das linhagens sob seu domínio, cujo sucesso era minimizar as rivalidades. Isto, porque a linhagem central e dominante reproduzia sua dominação controlando a reprodução e a produção de outras linhagens e, também pelo controlo do poder dos mais velhos das linhagens subordinadas. A natureza da dominação exercida pela linhagem dominante pode ser vista em relação ao controlo do processo do trabalho que não foi centrado na povoação, e para a possibilidade de expansão da linhagem¹⁶⁶:

¹⁶⁰ Hall, M. 1987: 69

¹⁶¹ As enxadas também foram um importante meio de pagamento de casamento. No século XIX, na região de Maputo 15 enxadas era o preço de uma vaca e 50 era de lobolo (Guia do Museu 1983: 4).

¹⁶² RSEA, II, Fynn, 482.

¹⁶³ Zimba, B. 1999 faz uma interessante análise da situação sócio-económica e política da mulher no Sul da baía de Maputo entre c. de 1720 e c. de 1830. Sobre She Shaqua ver esta autora nas págs. 87-88.

¹⁶⁴ RSEA, II, Owen, 471; Zimba, B. 1999: 358-9.

¹⁶⁵ Jund, H. 1996: 45.

¹⁶⁶ Hedges, D. 1978: 71-2.

“guerras que eles fazem geralmente é para procurar aumentar os seus bens através da expropriação de um grande número de mulheres que ou produzem filhos ou são alienados, sendo muitas vendidas por mais gado do que elas tinham custado (...) Eles não procuram alianças muito afastadas (...)”¹⁶⁷

A dispersão e a sazonalidade de recursos para a produção dos meios de subsistência e as necessidades de reprodução social, associadas ao sistema de governação e lei de sucessão estruturaram uma rede territorial política fracamente hierarquizada sob dominação linhageira. Sobre a lei de sucessão Junod observa

“Este sistema procura conciliar os dois princípios que estão na base da vida da família: 1º. O direito absoluto e preeminente do ramo mais velho; 2º. A comunidade da propriedade entre irmãos. Mas se odem ser conciliados na vida ordinária, os dois princípios opõem-se quando se trata da política, e a lei de sucessão foi origem de perturbações sem fim nos clãs tsongas”¹⁶⁸

A rivalidade deve ter sido potenciada e alargada pelo tipo de casamento poligâmico, que envolve mulheres casadas pelo dinheiro próprio e mulheres casadas pelo dinheiro do tributo cujos filhos de ambas têm estatutos diferentes. Os filhos das mulheres casadas pelo dinheiro de tributo são os legítimos herdeiros¹⁶⁹.

As mudanças sócio-políticas, que se manifestaram pela expansão e conquistas territoriais, particularmente a partir do século XVIII prolongando-se durante o século XIX, resultaram de uma interacção de factores dos quais o meio ambiente foi dos principais. Ao longo deste período são reportados períodos de seca que terão exigido o domínio de extensas áreas para controlar recursos e população dispersos.

Pelo critério processo de formação das unidades políticas, dois caracterizaram a região; 1º) reprodução da estrutura linhageira e constelação de Estados linhageiros pequenos entre 1680 e 1820 e, 2º) o aparecimento de estruturas hegemónicas baseadas em Estados linhageiros e substituição de linhagens, sobretudo no século XVIII, como foram a expansão de Nwangobe (1730-1750) e a ascensão de Tembe-Maputu (1760-1790/5). Este modelo traduz uma frequente ligação entre migração e conquistas no

¹⁶⁷ RSEA, II, Penwell, 461.

¹⁶⁸ Junod, H. 1996: 370. Fortes, M. e Evans-Pritchard, E.E. in McEwan and Sutcliffe, R.B. 1965: 55-6 e 92.

¹⁶⁹ Tive esta explicação do régulo Makuza, da área de Mussumbuluco/Matola.

estabelecimento de Estados, revelando uma contradição entre a reprodução local e regional e do sistema político central que interfere nesse processo¹⁷⁰.

Um outro aspecto importante das bases da estrutura política foi o tipo de relações entre as unidades políticas. Rita-Ferreira (1982) e Liesegang (1998) afirmam que entre os vencedores e os vencidos frequentemente estabeleceu-se um contrato social, assente na exclusividade do poder mágico-religioso dos vencidos para captar a chuva fecundante e outros benesses e protecções das divindades “nacionais”, indispensáveis à sobrevivência da comunidade. Sobre o contrato social também alguns dos nossos entrevistados atestaram, particularmente em Machangulo e margem direita do rio Maputo. Também, os topónimos nas cartas muitos outros nomes, provavelmente apelidos, como é Massinga¹⁷¹ que terão passado ao domínio dos Tembe e de Tembe-Maputy.

Porém, um importante estudo de Zimba (1999) analisa o sistema tributário entre as unidades políticas ao Sul da baía entre c. de 1720 e c. de 1830 e, observou que não é necessariamente o grupo que produz que detém o monopólio do poder cuja evidência foi a continuidade de Tembe-nuclear apesar de escassos recursos que a sua área possuía¹⁷². Foi através da gestão de recursos locais e extra territoriais para o seu próprio benefício que permitiu a continuidade dos Tembe como grande Estado. Mais ainda, a tributação de Nhaca ao Maputo mostra que a abundância agrícola não foi suficiente para determinar a posição do reino na hierarquia tributária¹⁷³.

Portanto, outros factores interagiram nesse sistema tributário. A complexidade do sistema tributário transcendia questões de abundância em recursos e acesso ao comércio. Podemos, entre os factores, indicar aqui a antiguidade cuja evidência a indicar são as visitas que muitos chefes, incluindo Maputy, faziam a Mpanyele, que dominava terras do passado Nwangobe, para um ritual de paz entre os Tembe¹⁷⁴.

Na literatura e nas fontes consultadas, encontramos classificações diferentes quanto ao tipo; se é uma chefatura ou Estado mesmo para a mesma unidade política e na mesma fonte ou obra. Nhaca por vezes classificado como chefatura noutras como Estado,

¹⁷⁰ Liesegang, G. 1998.

¹⁷¹ Entrevista: Ngomugomu Nhaca: 1999, Bela Vista; AHM, FGLM, Caixa nº ? , Gil, A. M. 1960, relatório annual da Circunscrição do Maputo, 1960: 6. Massinga parece que são os Ticalala, primeiros habitantes de Machangulo Ngomugomu Nhaca.

¹⁷² RSEA, II, Owen, 466-7; Zimba, b. 1999: 122-135. Ver as páginas a seguir.

¹⁷³ RSEA, II, Fynn, 488. Zimba, B. 1999: 135-6.

¹⁷⁴ Smith, A. 1970: 172. O ritual prova também a grande influência de Muhadye no cenário político do Baixo Maputo.

o mesmo sucedendo com Tembe. Porém, no período entre 1700 e 1820, relativamente melhor documentado, existiram na região do Baixo Maputo basicamente dois tipos de estruturas; chefaturas mais ou menos estatizadas com uma população entre 5 000 e 20 000 habitantes como foram Tembe, Machavane, Mpanyele, Nhaca, Maputyo e pequenas unidades constituídas por vilas unidas como é referido por exemplo o rei Gimbacucuba¹⁷⁵.

IV.3. O mapa político do Baixo Maputo c. de 1550 a 1647 segundo as descrições dos naufragos

As primeiras e principais referências sobre a região encontram-se nos relatos dos naufragos aludindo superficialmente as unidades políticas. Perestrelo, um conhecido piloto português, documentou a configuração política da região do Baixo Maputo em 1554:

“Nesta Bahia se recolhe a agoa de tres Rios assás grandes, que de muito pelo Sertão dentro vem alli acabar; por cada hum dos quaes entra a marê dez e doze legoas, além do que a Bahia alcança. O primeiro delles para a parte do Sul, se chama mar do Zembe, que divide as terras de hum Rey assim chamado, das d’outro, que he o Inheca com quem nós ao despois estivemos (...)”¹⁷⁶

Neste período são apenas dois grandes Estados, Nhaca e Tembe, que dominam a região do Baixo Maputo. Nhaca estendia-se do Norte da ilha, nas planícies a Este do rio Maputo prolongando-se mais a Sul até as terras da Zululândia. Tembe estendia-se na zona a Oeste do rio Maputo até Umbelúzi¹⁷⁷.

Nos meados do século XVI, Nhaca não foi um Estado muito poderoso nem extensivo para o Sul. Nhaca requeria apoio dos marinheiros para derrotar um chefe que se insubordinava a 20 milhas para o Sudoeste da capital. Os relatos dos naufragos sugerem que a aliança militar e comercial ocasional com os europeus foi uma considerável vantagem para o sucesso do governo linhageiro durante décadas, e o mesmo não aconteceu com Tembe¹⁷⁸.

¹⁷⁵ Liesegang, G. 1998; RSEA, II, Lavanha, 261, o rei Gimbacucuba que na guerra sangrenta com Nhaca perdeu seu reino e solicitou apoio de Nuno Velho, capitão do navio S. Alberto (1593) para recuperar o seu reino. Mais nenhuma fonte fala deste rei.

¹⁷⁶ RSEA, I, Perestrelo, 200.

¹⁷⁷ RSEA, I, Perestrelo, 200-206; Smith, A. 1970: 28.

¹⁷⁸ Hedges, D. 1978: 114; Montês, C. 1948: 27-37.

Nos princípios do século XVII, a coesão política dos Nhaca colapsou. Em 1622, D'Almada descreve Nhaca assim:

"(...) Inhaca Sangane o verdadeyro Rey, & senhor da Ilha, que està no rio de Lourenço Marquez, a quem o Inhaca Manganheyra tinha despojado della, & elle vivia na terra firme com sua gente (...)"¹⁷⁹

No que toca às áreas ocupadas por ambos, para Smith (1970)¹⁸⁰ a área ocupada por Manganheira foi conhecida como Machavane no Sudeste do Baixo Maputo e, Sangwane ocupou a área Norte. Newitt (1997) quando se refere à fissão de Nhaca apenas indica os nomes de Machavane e Nhaca¹⁸¹. Rita-Ferreira (1982) diz que Manganheyra conseguiu separar-se do núcleo central, chefiado pelo Sengane, passando depois a ser conhecido por Machavane¹⁸². Hedges (1978)¹⁸³ indica Sangwane como tendo ocupado a área continental e Manganheira a área Norte. E, Liesegang refere-se à conquista da Ilha de Inhaca pelos Manganeyra, antes de 1622¹⁸⁴.

Torna-nos difícil avaliar a versão correcta. Porém, avançamos duas hipóteses; 1ª na versão de Smith e Newitt os primeiros momentos de fissões e fragmentação foram omitidos, e terá havido uma posterior conquista de Manganheyra em direcção ao Sudeste do Baixo Maputo, e a 2ª hipótese é que simplesmente houve uma leitura incorrecta do relato de Feyo que na região do Baixo Maputo se refere ao rei "Unhaca Sangoan", reino de Machavane, mais rico e poderoso que "Sangoan", e aos reinos Tembe Velho e Tembe Moço¹⁸⁵. Assim a versão de Hedges pode estar correcta.

A reputação de Nhaca como único parceiro comercial com os europeus, faz sugerir que Tembe foi excluído do importante papel de intermediário pelo menos até princípios do século XVII. A riqueza da linhagem real, para qual favoreceu a posição no comércio externo contribuiu na acumulação de riqueza na forma de gado. Por volta de 1590, Nhaca tinha se expandido mais para o Sul até montes Libombos, onde uma irmã residia na vila real e controlava o comércio para o Sul através das áreas de Mkuze e Pongolo¹⁸⁶.

¹⁷⁹ RSEA, VIII, D'Almada, 48.

¹⁸⁰ Smith, A. 1970: 33.

¹⁸¹ Newitt, M. 1997: 146.

¹⁸² Rita-Ferreira, A. 1982: 131. Não indica a data de separação.

¹⁸³ Hedges, D. 1978: 116.

¹⁸⁴ Liesegang, G. 1987: 26.

¹⁸⁵ RSEA, VIII, Feyo, 288-90.

¹⁸⁶ Hedges, D. 1978: 114 e 116.

A extensão da dominação Nhaca reflecte que já tinha desenvolvido meios de defesa física e ideológica da coesão e dominação linhageiras que, limitavam a independência das linhagens dominadas das quais obtinha gado e alimentos. Os portugueses quando chegaram encontraram relações de hostilidade entre as unidades políticas da região; Nhaca em constantes guerras com Tembe. A linhagem Tembe reclamava uma espécie de "direito histórico" de supremacia em relação aos outros povos da zona. Contudo, a força do comércio revelou-se muito superior à tradição. Tembe foi forçado a ocupar uma posição inferior, facto que o levou com bastante frequência, mostrar a sua hostilidade para com os europeus exercendo toda a espécie de violência aos naufragos portugueses que procuravam alcançar o Norte da baía.

Outra vantagem comparativa de Nhaca foi a pobreza da zona Oeste sob o domínio do Tembe que apenas produzia com abundância a cebola¹⁸⁷. A vantagem de Nhaca prevaleceu apenas até finais do século XVI.

As causas da fissão do clã Nhaca provavelmente devem-se às contradições dentro do governo linhageiro pelo controlo das relações entre os comerciantes europeus e seus fornecedores africanos. Embora não se saiba exactamente as causas das disputas entre Nhaca-Manganheyra e Nhaca-Sangwane, mas é claro que essa divisão e disputas na chefatura afectaram o comércio de marfim¹⁸⁸.

Os portugueses continuaram o comércio na ilha de Inhaca até 1621 quando Nhaca-Mangaheyra executou 4 portugueses incluindo um padre em retaliação ao assassinato de um dos seus irmãos. Embora Manganheyra ainda gerisse o comércio de marfim, os portugueses temporariamente recusaram comprar-lhe. Nos anos seguintes os portugueses preferiram contar com a sua base na ilha de Xefina e no Norte da baía, e no comércio por barcos e canoas no Maputo¹⁸⁹.

Nhaca gozou neste período de uma posição geoestratégica no xadrez comercial da baía até princípio do século XVII; enquanto o comércio para o Norte era via Manhiça, para o sul foi via Nhaca. Nhaca fornecia segurança através da pequena ilha desabitada a Norte_ Setimuro, que servia de base para os comerciantes europeus e embarcações¹⁹⁰. Com uma pequena vila sob seu controlo na zona mais a Sul, perto dos montes Libombos, Nhaca intermedeiu e controlou o comércio entre as áreas mais sertanejas_ Norte Nguni, com bastante marfim, e a costa.

¹⁸⁷ RSEA, II, Fynn, 487.

¹⁸⁸ Heds, D. 1978: 116.

¹⁸⁹ Heds, D. 1978: 116.

A fragmentação de Nhaca e incidentes de hostilidades com os portugueses resultaram na renovação e ascensão de Tembe no cenário político do Baixo Maputo entre 1720 e 1790¹⁹¹.

V.4. As modificações depois de 1647 até 1730: Fissão e colapso de Nhaca e, a reascensão de Tembe

Em 1649, Feyo descreve-nos Tembe dividido em duas chefaturas; Tembe Velho, em Tembe (=Catembe) e Tembe Moço, provavelmente, na margem direita do rio Tembe:

“Passados todos á outra parte com o gado (...) marchamos para o Reyno de Tembe Velho, em que fizemos noyte, (...) levados daqui o dia seguinte, sendo a jornada larga, fomos anoytecer ao Reyno de Tembe Moço, poderoso Rey em gente, & gado (...)”¹⁹²

Sobre esta divisão de Tembe não tivemos fontes que fornecessem mais informações como seja; as causas dessa divisão, as relações entre os dois, etc. Assim, é provável que esta divisão não fosse de hostilidade mas sim o reflexo do sistema de governação que caracterizou a região através de chefes-delegados das “Províncias” ou “Distritos”.

Antes do desenvolvimento do comércio de marfim pelos portugueses, que significativamente foi a partir dos meados do século XVIII, Tembe era o Estado mais poderoso a Sul da baía. Esse poder, provavelmente, foi facilitado pelo controlo da comunicação fluvial entre o Norte e o Sul_ Tembe e Maputo, e o comércio de cobre do Norte para a zona de Natal¹⁹³.

A facilidade de comunicação atravessando o rio Maputo entre Machavane e Tembe e a utilização de canoas e barcos pelos portugueses indicam ambos que o acesso de Tembe para o Sul tinha sido restabelecido e que as canoas foram usadas para transportar marfim para a baía. Isto é provável que o comércio fluvial circunscreveu-se principalmente em Tembe e Machavane reportadas como as chefaturas mais ricas a Sul da baía¹⁹⁴.

¹⁹⁰ Hedges, D. 1978: 110.

¹⁹¹ RSEA, VIII, Feyo, 357-8; D'Almada, 119-20; Zimba, B. 1999: 128.

¹⁹² RSEA VIII, Feyo, 290. Grilo, H.V. 1958 in Boletim Oficial XVII, Nº 112: 163 Tembe Novo é Maputsu (=Maputyo). Esta versão não nos parece correcta se tomarmos em conta que Maputsu foi um dos filhos de Nwangobe e que só aparece na arena política nos anos 40-50 do século XVIII.

¹⁹³ Hedges, D. 1978: 115.

¹⁹⁴ Santa Teresa (1784) in Lobato, A 1949: 17; RSEA, VIII, Feyo, 355; D'Almada, 118; Hedges, D. 1978: 118.

Em Novembro de 1725, forças de Tembe atravessaram o rio Maputo e conquistaram Machavane, donde espoliaram muito gado e mercadorias. Para o Norte da baía, Tembe apoiou Mfumo na guerra contra Magaia. Em Outubro de 1728, Tembe apoiou Mfumo na guerra contra Massangano, no Incomáti, a Norte formalmente ocupado por Magaia¹⁹⁵.

Enquanto Tembe-Madommadom ocupou-se de guerras no Norte, o seu tio Nwangobe virou-se para o Sul onde por volta de 1750-60, tornou-se chefe dominante controlando a mais rica área com a abundância de elefantes e boa aptidão agro-climática e, uma estratégica área no xadrez comercial interior-baía de Maputo. Por isso, o período que vamos tratar a seguir é da ascensão de Nwangobe no cenário político do Baixo Maputo.

IV. 5. Entre 1729/30 e 1760-7: Conflitos e fissões na linhagem Tembe-nuclear e a ascensão de Nwangobe (Mangobe)

É importante observar que este período é o da intensificação da actividade comercial dos povos da baía com o interior. Começa com o estabelecimento da feitoria dos holandeses entre 1721-30.

É importante referir que a tradição oral da região do Baixo Maputo conserva a invasão de Tembe e a genealogia e história que não vão além de Nwangobe, cuja aparição política data mais ou menos deste período¹⁹⁶.

Porém, Senhor Macassa, meu entrevistado¹⁹⁷, indicou o nome de Mahundze(dje) como tendo sido o pai de Nwangobe, seu favorito filho. Sobre Nwangobe contou um mito em que seus irmãos mais velhos conspiraram o seu favoritismo. Amarraram-lhe no tronco e atiraram-lhe ao mar, e foi encontrado e reconhecido a flutuar na área de Djidji. Levaram-no até perto de Missão Roque, área chamada Filhwini ou Lhonnâni, onde recuperou. Não analisamos aqui esta versão, pois não dispomos de outras fontes ou informações que nos permitam a avaliá-la.

Depois de uma avaliação das possibilidades de prática agrícola na zona da baía, em 1726 os holandeses iniciaram a compra de terras para a produção agrícola em Tembe e Machavane. Porém, de muitos esforços muito pouco foi colhido e, até à sua retirada,

¹⁹⁵ Smith, A. 1970: 78, 102.

¹⁹⁶ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 147. Ver anexos sobre a genealogia Tembe.

¹⁹⁷ Entrevista : Silace Macassa, Bela Vista ,1999.

em finais de 1730, a Companhia foi incapaz de produzir para a sua própria subsistência¹⁹⁸.

Os anos de 1726 a 1730 caracterizaram-se por uma profusão de fissões e guerras intralinhageiras e interlinhageiras¹⁹⁹. A presença holandesa na região deve ter aberto a profusão de armas²⁰⁰ e, na subsequência guerras a uma escala de impacto comparativamente grande ao período anterior.

Segundo as fontes holandesas, nos primeiros anos da sua chegada, Madommadom, chefe Tembe, não tinha alcançado a maioridade e seu poder era encabeçado por um regente cujo nome não é referido. Não mencionam Nwangobe, tio de Madommadom, em guerras para o Norte da baía e nem indicam quando Madommadom tomou pessoalmente o poder.

Quando Madommadom atingiu a maioridade para tomar o poder pessoalmente, Nwangobe pouco tempo depois mudou-se para Machavane, onde se refugiou. De Machavane, Nwangobe lançou vários ataques contra seu sobrinho Madommadom até derrotá-lo.

Nwangobe não só derrotou Madommadom, mas também fez muitas campanhas de expansão. No início de 1730, Nwangobe (Mangobe) figurava ainda como tio do chefe Madommadom, nas fontes holandesas, que residia perto da margem direita do rio Tembe, provavelmente na zona de Gwaxine onde se localizou o centro de Tembe até finais do século XIX. Nwangobe vivia entre esta zona e o rio Maputo, conhecida nessa altura como o "rio Machavane"²⁰¹, provavelmente perto de uma pequena depressão ainda hoje marcada nos mapas como "Baixa Mangove".

Doravante, uma série de conflitos e fissões na linhagem Tembe devem ter caracterizado e modificado o mapa político do Baixo Maputo por cerca de uma geração²⁰². Em finais de 1730, Nwangobe atacou Madommadom obrigando-o a fugir para Mpfumo que tentou apoiar-lhe na recuperação do poder²⁰³. Na mesma altura, Maputu, filho de Nwangobe, deve ter atacado os Machavane forçando-os a submeter-se ou a fugir para o Sul.

¹⁹⁸ Smith, A. 1970: 86-7. Uma das culturas experimentada foi o índigo.

¹⁹⁹ Smith, A. 1970: 53 e 68.

²⁰⁰ Smith, A. 1970: 53, 68 e 105-7. Por exemplo os Magaia quando abateram o esquadrão holandês em Abril de 1729 apropriaram-se das armas de fogo.

²⁰¹ Liesegang, G. 1978: 26, assim era chamado porque banhava o "país" dos Machavane, que predominavam na sua margem direita.

²⁰² Comunicação pessoal de Liesegang, G. Deve ter havido uma parte lateral da linhagem Tembe que lutou pela usurpação do poder central Tembe.

Nos meados do século XVIII, Nwangobe tinha consolidado sua autoridade nas planícies entre Umbelúzi e Maputo, com a capital em Madubula a Sul de Matutuine²⁰⁴.

A área de Madubula oferecia muitas vantagens; é uma área protegida, com a lagoa Pandejene a Sul, o rio Pembenduene no Ocidente, e o rio Maputo no Este e, o interior de Madubula para o Sul e Este de Maputo foi mais atractivo do que o Norte pela abundância da caça do elefante e gado. Solos férteis do rio Maputo constituíram uma vantagem adicional e, por último grande vantagem tinha pela proximidade aos rios Pongola e Grande Usutu que lhe permitiu controlar as ligações entre a região mais sertaneja e a baía.

Estes eventos sugerem que enquanto Madommadom ocupou-se de guerras no Norte, Nwangobe virou-se para o Sul onde por volta de 1750-60, tornou-se chefe dominante controlando a mais rica área com a abundância de elefantes e boa aptidão agro-climática e, uma estratégica área no xadrez comercial interior-baía de Maputo.

Nwangobe, como os outros chefes à volta da baía, procurou estabelecer boas relações com os comerciantes europeus. Em 1757, Nwangobe prometia apoio ao navio Naarstigheid e, disputou esta promessa com os Nguni que também colocavam terras à venda ao Naarstigheid²⁰⁵.

Nwangobe morreu entre 1760-1765²⁰⁶. O período que segue é marcado pela separação e ascensão de uma nova "capital" Tembe, construída por Maputu a Este do rio Maputo.

IV. 6. O período depois de 1760 até 1896: Ascensão de Tembe-Maputyo e a situação de Tembe-nuclear até à conquista colonial

Este período marca a continuidade da intensificação do comércio, iniciado no período anterior, com o estabelecimento da companhia austríaca entre 1777-1796 e por último a fixação portuguesa definitiva a partir de 1799.

Embora se desconheça realmente o volume do comércio realizado com os portugueses, sabe-se que foi muito importante o comércio feito com a companhia

²⁰³ Hedges, D. 1978: 125, 143-4.

²⁰⁴ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 147. Hedges, D. 1978: 135, parece que Nwangobe foi o primeiro dos chefes a fixar-se mais para Sul. Smith, A. 1970: 169-70

²⁰⁵ Smith, A. 1970: 105.

²⁰⁶ Hedges, D. 1978: 137 supõe que Nwangobe tenha morrido entre 1758-1765, tomando como balizas o facto de "Naarstigheid" ter visitado a baía em 1758 e Nwangobe ainda vivo e, a data de 1765 da morte de Nkupo. Liesegang, G. 1987: 62 afirma que Nwangobe já estava morto em 1767 quando o Governador de Inhambane José de Melo mandou para ali um navio.

austriaca durante o tempo de permanência na baía, que se pode concluir pela existência de um sistema organizado por parte dos chefes locais e de que havia conhecimento em pleno sertão²⁰⁷.

O mapa político da região do baixo Maputo na chegada dos austríacos deferia de algum modo do que tinha prevalecido durante a presença holandesa. As mudanças significativas tiveram lugar em Tembe.

Paralelamente à intensificação do comércio este período foi marcado por uma grande instabilidade política por disputas de sucessão de que se originaram segmentações e fundação de uma nova e independente capital dos Tembe_ Tembe-Maputu doutro lado do rio Maputo²⁰⁸.

Com a morte de Nwangobe provavelmente entre 1760 e 1765, três dos seus filhos dividiram o poder entre si. Muhadye, estabelecido nas terras de Tembe (Catembe), tornou-se chefe de Tembe. Mpanyele, na margem esquerda do rio Maputo, na zona de Matutuine, ficou com as terras paternas. Ao Maputu, filho favorito, couberam as terras conquistadas na margem direita do rio Maputo. Esta foi a situação política que os austríacos encontraram em 1777, e Tembe já tinha recuperado sua importância.

Na sucessão de Nwangobe as fontes contradizem-se. Vianna (1909: 147) indica Nkupo, filho mais velho, que era delegado-chefe nas terras de Catembe sucedeu o pai tomando conta do governo de todas as terras subordinadas ao seu pai e dirigidas por seus dois irmãos; Mpanyele nas terras de Matutuine e, Maputo nas terras de Macassane na margem direita do rio Maputo. Descrito "de espírito fraco e estado doentio, Nkupo animou seus irmãos a declararem-se independentes e pouco tempo depois morreu provavelmente em 1765". Hedges²⁰⁹ e Smith²¹⁰ serviram-se da versão de Vianna²¹¹, porém Hedges acrescenta um quarto filho, Ndumu, que tomou a área perto da confluência dos rios Pongolo e Grande Usutu. Para Liesegang (1987) Muhadye era um dos três filhos de Nwangobe que, após morte deste, sucedeu no governo das terras de Catembe.

Uma outra versão é de Zimba (1999) que apresenta Capela (=Muhadye?) filho de "Mulungu"

²⁰⁷ Lobato, A. 1949: 18-9.

²⁰⁸ Smith, A. 1970: 170 eclodiu uma nova guerra civil entre os Tembe.

²⁰⁹ Hedges, D. 1978:135 e 137

²¹⁰ Smith, A. 1970: 170-1.

²¹¹ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: ??

“(...) que nós somos landim (Tsonga), filhos de Capella, nosso ancestral. Ele (Capella) foi nascido dos *Mulungus* como Maloto, e Mumumba, quem sustentou esses fortes, e que eles foram obrigados adoptar algumas medidas para obter provisões desses fortes”²¹²

Zimba (1999) apresenta Capella (=Maceta que deve ser Mayeta) como um exemplo de casamento e poder político. Esta versão analisámo-la em duas vertentes; 1ª é que o primeiro rei Tembe a ser designado por Capela (Capella ou Capelle) foi o Muhadye²¹³ e não Maceta²¹⁴ como indica Zimba com base no documento que citamos na nota 212; 2ª é de Capella (=Muhadye) ter sido apenas adopção do nome de Capella em referência ao Jan Van Capelle, comandante do Forte Holandês, eventualmente como alternativa de ganhar boas relações comerciais ou outros privilégios com os europeus, aliás, como Zimba afirma²¹⁵.

Formulámos estas hipóteses tomando em consideração a testemunha de Santa Teresa

“Este princepe, des da antiguidade, como me disse, hé muito amigo da Nação portuguesa, (...) Hé da caza dos Landins, pera fazer differença dos alentotes (...)”²¹⁶

Outra hipótese que deixa em discussão a versão de Zimba (1999) é que no Sul de Moçambique a filiação é patrilinear e, por outro lado a lei de sucessão consuetudinária que caracterizamos acima torna difícil compreender as circunstâncias que permitiram a sucessão do *mulato*. Se efectivamente Capella era *mulato*, temos de aceitar que esse Capella assumiu o poder fora da lei de sucessão consuetudinária.

Liesegang, G., que discutiu a versão de Vianna com Alan Smith, em comunicação pessoal argumenta que esta versão deve resultar de uma manipulação da tradição oral supostamente da parte lateral Tembe, recolhida por Vianna, que lutou pela usurpação do poder central Tembe. A manipulação intencionalmente teria sido para legitimar o poder dessa parte lateral linhageira, representada neste caso por Nkupo²¹⁷.

Ainda sobre esta provável manipulação da tradição oral relativamente à sucessão de Nwangobe, a indicação em Hedges (1978) de Mhali como sucessor de Nkupo pode

²¹² Zimba, B. J. L. M. L. 1999: 89-91. Cita “Act of declaration by King Maceta or Capela that he had not ceded his lands to Captain Owen and that the Lands belonged to Portugal October 20 1823.

²¹³ Smith, A. 1970: 170.

²¹⁴ Maceta há-de ser Maheta, quem sucedeu Muhadane por volta de 1823.

²¹⁵ Zimba, B. J. L. M. L. 1999: 91.

²¹⁶ Santa Teresa in Montez, C. 1948 164. Segundo Liesegang, G. Caza é uma gralha, no documento original aparece casta que em português tem o significado de tribo ou grupo étnico. Santa Teresa (in Montez, C. 1948: 165) explica a origem do nome Capella como derivando de capoeira onde se agasalhavam os portugueses despojados pelo naufrágio.

ser uma subsequência, se atendermos que este aparece no lugar de Muhadye. E Muhadye foi sucedido por Muhadane, seu filho. Outra hipótese é que Mhali seja o mesmo que Muhali ou Mohaar que é mesma pessoa que Muhadye²¹⁸.

A despeito da veracidade ou não das versões acima, doravante, o sul da baía foi caracterizado pela confrontação entre as “casas” de Tembe-Maputyo e Tembe-nuclear, com Tembe-nuclear a sofrer mais. A dependência e inferioridade de Tembe em relação a Maputyo é observada por Fynn como resultante da fragilidade ecológica da zona sob seu domínio, a Oeste do rio Maputo associada às frequentes invasões Nguni que destruíam e limitavam, ainda mais, os investimentos de produção²¹⁹.

Uma das causas da fissão da linhagem nuclear Tembe foi a contínua fragilidade da zona Norte de Tembe. Adicionalmente, a Muhadye coube a pequena e pobre área da Catembe para governar e, por outro lado Sikuke, filho de Madommadom, reclamava à força o poder que então estava nas mãos de Muhadye. Por duas vezes Sikuke guerreou Muhadye sem sucesso, indo-se refugiar na Matola. O exílio de Sikuke na Matola parece ter agudizado os conflitos entre Tembe e Matola em Julho de 1777 ao ponto de este ser expulso e recorrer a uma reconciliação com seu avô Muhadye²²⁰.

Parece que Muhadye envidou esforços de reconciliação com os seus irmãos; Mpanyele e Maputyo que permaneceram independentes do Tembe-nuclear, então Muhadye. Segundo Smith (1970)²²¹ Tembe-Mpanyele e Tembe-Maputyo pagavam tributo e observavam certas restrições nas suas esferas de acção. Por exemplo Bolts que comprara terras ao Sul da baía, as transações comerciais entre Maputyo e os austríacos passavam pelo consentimento de Muhadye²²².

Nós, neste aspecto de tributação e restrições pensámos que se tratava simplesmente de exigências simbólicas, pois para o caso concreto de Tembe-Maputyo, neste período, já era um grande chefe no Sudeste do Baixo Maputo. Algumas fontes indicam como tributo peças de carne de caça como menciona Smith que muitos chefes

²¹⁷ Vianna, R. 1909: 150. Hedges, D. 1978: 138. Smith, A. 1970: 170, com base em Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 147, Muhadye foi o primeiro a ser chamado Capele.

²¹⁸ Liesegang, G. 2001 (comunicação pessoal); Felgate, W. S. 1982: 154, Muhali é indicado como 1º rei Tembe da linhagem sénior.

²¹⁹ RSEA, II, Fynn, F. 1823, 480. Smith, A. 1970: 102 e 260. Áreas de frequentes guerras ficam fora das áreas produtivas. Porém, a “Casa” de Maputo pagou tributo à “Casa” de Tembe mesmo até ao século XIX. Ver relações de tributação entre as unidades políticas do Baixo Maputo c. 1720 a c. de 1830 (Zimba, B. 1999: 122-135).

²²⁰ Indicamos as duas tentativas de Sikuke contra Muhadye, mas para Hedges, D. 1978: 143, uma foi contra Nkupo e a segunda contra Muhadye. Esta indicação de Hedges pode resultar da discussão que acima apresentamos à volta da sucessão de Nwangobe.

²²¹ Smith, A. 1970: 223.

do Sul da baía "... visitavam Mpanyele (...) matavam duas cabras por forma a fazer paz entre Nwangobe e um outro nome..."²²³. Portanto a tributação não tinha finalidades efectivamente de enriquecimento económico²²⁴.

Segundo Ferrão (1909) e Smith (1970) Muhadye morreu entre 1790 e 1792. A informação de Fynn em 1823 é que Tembe foi governado por Capell que veio de Manica e ocupou Catembe. Capell, que em Ferrão é o mesmo que Muhadye, foi morto por um dos súbditos chamado Bongnoi que depois refugiou-se em Maputo. Acrescenta que Capell (=Muhadye?) é pai de Mahetta, filho mais velho²²⁵.

A referência de Capell na informação de Fynn parece que aplanar a época de Muhadane, quem é o pai de Maheta, e que foi assassinado em meados de 1822, por um dos seus súbditos chamado Bongnoi²²⁶ como dissemos acima.

Sucedeu a Muhadye, seu filho Muhadane em 1791²²⁷. Interessa até aqui vermos que processos ocorreram na nova "casa" Tembe- Maputyo, que foi contemporâneo de Muhadye.

O início da ascensão de Tembe-Maputyo, provavelmente, data dos finais da década 40 ou princípios de 50 do século XVIII. Maputyo, segundo a tradição oral "o mais inteligente, vaidoso, ativo, guerreiro e, portanto, atrevido" não se contentou só com as terras que seu pai, Nwangobe, lhe atribuiu. Entre os filhos, Tembe-Maputyo tinha um grande chefe militar de nome Muhaye que comandou vitoriosamente a invasão de Matutuine, passando as terras à dominação de Tembe-Maputyo²²⁸.

A ascensão de Tembe-Maputyo foi num contexto da intensificação do comércio e, localizou-se favoravelmente no importante xadrez comercial entre a baía e região Norte Nguni. Este centro geográfico do poder respondia suficientemente às novas exigências com o crescimento da actividade comercial; solos que produziam alimentos e gado e abundância da caça, particularmente de elefantes e rinoceronte, que favoreceram o encadeiamento com a costa através da actividade comercial com os europeus. O

²²² Smith, A. 1970: 172.

²²³ Smith, A. 1970: 172. Sr. Silace Macassa, Bela Vista, 1999, Macassane mandava periodicamente peças de carne de caça ao Tembe-Maheta.

²²⁴ Rita-Ferreira, A. 1982: ??

²²⁵ RSEA, II, Fynn, 486-7, RSEA, II, Owen, 472.

²²⁶ RSEA, II, Fynn, 486-7, RSEA, II, Owen, 472.

²²⁷ Smith, A. 1970: 214. Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 147.

²²⁸ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 150. Muhaye ferido na batalha de "assalto" a Matutuine cuja data não é indicada, morreu dias depois.

comércio com a costa e marinheiros em operações em Maputo, permitiu ao Maputyo a compra de muito gado na região Norte Nguni²²⁹.

A governação de Tembe-Maputyo deve ter sido das mais longas, prologando-se talvez até a sua morte, que pode ter ocorrido entre 1790 e 1795²³⁰. Se for assim, deve ter quase igual à do seu filho ou neto Makhasane que governou c. de 1810-1854.

Voltando à "casa" Tembe-nuclear, a partir da sucessão de Muhadye pelo seu filho Muhadane. Nesta conjuntura, a área experimentou uma grande fome. A fome foi tão severa que resultou em doenças entre a população que quis se socorrer com as carcaças das baleias deixadas por ingleses²³¹.

Muhadane procurou fazer face à fome, extorquindo os mantimentos dos seus súbditos. Esta atitude de Muhadane gerou uma grande insatisfação em Tembe.

Paralelamente a esta adversidade ecológica com que se deparou Muhadane, antes de consolidar o seu poder, outros problemas se colocavam como seja a gestão dos conflitos com outros reinos para além dos intralinhageiros; um dos seus irmãos usurpou-lhe o poder²³². Com o auxílio do então Governador português Matos, em 1793 Muhadane recuperou o poder.

Muhadane teve tempo de governação muito longo, parece ao ponto de os próprios filhos conspirarem a sua morte. Segundo Vianna (1909) o governo de Muhadane durou até 1823 quando lhe sucedeu seu filho Maheta que parece ter morrido entre 1840 e 1841²³³.

Enquanto em Tembe (Catembe) Muhadane sucedeu Muhadye, na nova "capital" Macassane foi quem sucedeu Maputyo. Macassane, parece que ascendeu ao poder pouco antes, ou na época em que Muhadane foi proclamado por volta de 1791²³⁴. Smith (1970) indica por volta de 1800²³⁵ e, documentado em fontes contemporâneas, Makhasane governou entre 1810 e 1854.

Doravante, as guerras que caracterizaram as relações entre os Nguni e Tembe-Maputo no século XVIII terminaram ou diminuíram consideravelmente, através de uma de algumas alianças que Macassane fez com os mesmos. Por exemplo, da tradição oral

²²⁹ Hedges, D. 1978: 142.

²³⁰ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 148 e 150.

²³¹ Smith, A. 1970: 215.

²³² Smith, A. 1970: 170.

²³³ Ver as notas 208-209 e os respectivos parágrafos em texto.

²³⁴ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 150, parece que Macassane subiu ao poder pouco antes ou na época em que Muhadane foi proclamado. Smith, A. 1970: 247 indica cerca de 1800 quando Macassane tomou o poder em Maputo.

recolhida em Maputo pode-se inferir que ao contrário do seu avô, Maputyo, e de seu pai, Muhaye, Macassane tendia mais a ser dominado do que a dominar. Porém, devido ao assassinato de Bangwane, seu genro, atacou Tembe (Catambe), a fim de colocar seu neto Bucutye no trono que segundo o direito sucessório lhe pertencia²³⁶.

Macassane também apoiou Dinguiswayo do reino Mthetwa na guerra contra Qwabe. Esta aliança era muito favorita para Macassane, pois lhe foi assegurado todo o marfim da região Norte Nguni²³⁷. Mesmo depois de Zwide ter derrotado Dinguiswayo, Macassane aceitou a nova aliança.

Estes eventos mostram quanto Macassane soube gerir e capitalizar as vantagens que gozava no xadrez comercial. Esta asserção questiona de alguma maneira a visão que a tradição oral nos deixou sobre o reinado de Macassane. Enquanto os reinos à volta da baía sofreram invasões Nguni, Maputo permaneceu populoso, melhor cultivado, próspero e recebia frequentes presentes pela permissão de passagem para fazer comércio no interior.

Em 1824 Shaka tinha estendido o seu poder para Norte, submetendo Tembe-Maputyo, Tembe-Maheta e também Matola²³⁸. Estes não foram substituídos, mas sim forçados a pagar tributo e a fornecer apoio militar em caso de guerra²³⁹.

Em Catembe, em 1822, parece ter havido uma crise de sucessão após assassinato de Muhadane. Um primo de Maheta, do nome Mambetta, conspirou a favor de um dos tios de Maheta²⁴⁰.

As várias pressões sobre Maheta; desde as invasões Nguni, a rebelião de alguns dos seus súbditos e a continuação das relações incertas com Tembe-Maputyo e Matola, não favoreceram que Maheta fosse capaz de manter a integridade territorial de Tembe. Por exemplo, um seu chefe-delegado chamado Slangelly, neto de Muhadane, assinou o acordo com os britânicos por volta de Março de 1823.

Além das duas "capitais" Tembe, existiam ainda Nhaca dividido, que tributava ao Maputo, e o pequeno Estado de Mpanyele²⁴¹. Mpanyele subordinava-se a Muhadane,

²³⁵ Smith, A. 1970: 247.

²³⁶ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 150. É possível que a tradição oral sobre o carácter de Macassane corresponda, numa outra visão, a uma estratégia política de Macassane para a segurança e ganhar vantagens comerciais. E, pode-se concluir da relativa paz que Maputo viveu doravante.

²³⁷ Smith, A. 1970: 249.

²³⁸ Liesegang, G. 1987: 30.

²³⁹ Liesegang, G. 1986: 11.

²⁴⁰ RSEA, II, Owen, 472, escreve Mayyet. Smith, A. 1970: 257. Mohambie, grande chefe militar de Maheta, descrito por Fynn como um sanguinário, e o único chefe na baía que trocava prisioneiros de guerra, como escravos, por bijuterias e tecidos.

mas a aliança com Sochangane permitiu-lhe certa independência²⁴². Prova disto é que por volta de 1822, Sochangane tinha estado ao longo do rio Tembe e, Boteler encontrou que “as margens do rio Tembe são povoadas por uma população diferente de toda a que antes fora conhecida abaixo daquele nome (Tembe), cujo chefe era Chinchigany”²⁴³.

Sucedeu a Maheta, Bangwane, filho de Maheta com Mishifunge. Pouco se sabe do governo de Bangwane, apenas que teria sido assassinado por alguns dos seus indunas. Foi colocado no poder Makhuba (=Makuza?) que foi desterrado para Swazilândia. Macassane, tio de Bukutye, através de uma acção armada punitiva contra Makhuba e, colocou no poder Bukutye, seu neto, entre 1845 e 1847 sob tutela da sua mãe até 1856²⁴⁴. Este acto, provavelmente, resultara do seu carácter governativo contrário ao sistema consuetudinário que como já dissemos é punível por membros da família linhageira ou por rebeliões populares.

Bukutye, bastante novo e dotado e muito irrequieto, provocou guerra contra Mahlombe, de Matutuine, da qual saiu vitorioso. Bukutye, em 1870 estendeu sua rivalidade contra Mussongue, sucessor de Makhasane, que o derrotou. Sucedeu-lhe Mabaye poucos anos depois. Foi deportado em 1890, por ter assassinado uma das suas mulheres_ Mimhangine ou Gigiseka²⁴⁵.

Sucedeu a Mabaye Luís Filipe, marcando assim definitivamente a montagem efectiva da administração colonial pelo menos na área da Catembe.

Em Maputo, sucedeu a Makhasane, Mussongue, filho de Thluma e Mimhumti ou Malati, por volta de 1850 ou 1852. Thluma era filho de Makhasane com Mithlukane. Mussongue é descrito uma antítese de seu avô, irascível, mau, soberbo, sanguinário e covarde. A sua predilecção era suprimir, assassinando, todos os que tentassem fazer-lhe oposição, que tivessem prestígio ou os que ele pensava que pudessem vir a fazer “sombra” ao seu poder²⁴⁶.

Mussongue envolveu-se assim em várias guerras. Em 1870 guerreou pelo menos duas vezes com Bukutye, a segunda vez em aliança com Matola, Zilhalha, Moamba, e a aliança saiu derrotada. As “mangas” de Mussongue ultrapassaram o rio Umbelúzi e

²⁴¹ RSEA, II, Owen, 468-469.

²⁴² Smith, A. 1970: 258-259.

²⁴³ Smith, A. 1970: 258.

²⁴⁴ Vianna, R. 1909: 148. Bucutye era filho de Sishaka, filha de Macassane com...

²⁴⁵ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 148.

²⁴⁶ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 151, consta na tradição ter manadado assassinar parte da sua família e, os membros que se escapara é porque refugiaram-se em terras muito afastadas.

chegaram até Marracuene em perseguição dos aliados. Doravante, Matutuíne tornou-se domínio de Mussongue²⁴⁷.

Zambia (=Zambili), mulher de Mussongue, ficou chefe-delegada de seu marido em Matutuíne. Foi nas terras de Matutuíne que Zambia gerou, com Mussongue, o Ngwanazi. Zambia ficou regente durante a minoridade de Ngwanazi após a morte de Mussongue²⁴⁸. Zambia, descrita com índole não inferior à do seu marido Mussongue²⁴⁹, mandou expulsar comerciantes portugueses de Maputo logo que tomou a regência do poder com seu filho. Augusto Castilho, então Governador de Lourenço Marques aos 14 de Setembro de 1878 mandara ocupar a ilha de Inhaca.²⁵⁰

Ngwanazi, filho de Musongue, sucedeu ao trono provavelmente em 1890. Em breve tempo, Ngwanazi e sua mãe Zambia envolveram-se em muitas guerras; o cônsul britânico, Henry E. O'Neill dissuadiu-os a atacar Tembe em 1880, em Dezembro de 1895 o Governador de Lourenço Marques, Castro Silva, solicitou o apoio de Ngwanazi e Zambia contra Magaia que, para o efeito estes aceitaram apoiar em 4000 guerreiros se recebessem armas. Foram 3000 guerreiros que se deslocaram do Sul devastando atrozmente tudo quanto encontravam. Chegados a Catembe foram-lhes distribuídos 1000 armas de qualidade inferior (Albani) e, talvez por isso no dia seguinte à distribuição das armas desapareceram²⁵¹. Outra hipótese da atitude de Ngwanazi e sua mãe há-de ser a advertência de Ngungunyane²⁵².

Em Janeiro de 1896, Ngwanazi exigiu aos missionários a indemnização do gado que teria sido roubado por uns africanos da Missão católica instalada em Macassane e, inclusive ameaçou matar os padres²⁵³.

Considerado desobediente, a administração portuguesa através de Mouzinho de Albuquerque procurou prender Ngwanazi em 1896, que entretanto já tinha desertado com a família e mais de 3000 pessoas para Natal²⁵⁴. Albuquerque devastou Maputo e, até meados de Março já tinha percorrido todo Maputo obrigando ao pagamento de imposto cerca de 2000 povoações, apreendera 2500 cabeças de bovinos, queimou 200

²⁴⁷ Vianna, R. in Ferrão, f. 1909: 151.

²⁴⁸ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 151.

²⁴⁹ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 151.

²⁵⁰ Pélissier, R. 1994: 228.

²⁵¹ Pélissier, R. 1994: 254-260.

²⁵² Pélissier, R. 1994: 254-260.

²⁵³ Pélissier, R. 1994: 312.

²⁵⁴ Vianna, R. in Ferrão, F. 1909: 152.

povoações e recolheu 1800 libras²⁵⁵ marcando efectivamente o início do controlo político-administrativo da região por Portugal.

Apesar de Ngwanazi ter se exilado no Natal continuou a agir como chefe de todos Tembe e, indicou seu irmão Sibunjane como chefe na área da fronteira e quando Sibunjane morreu, Ngwanazi indicou seu filho Guebeza como sucessor de Sibunjane. A área da fronteira aqui referida é hoje é conhecida por Guebeza²⁵⁶. Esta continuidade indica que Ngwanazi foi bem acolhido e reconhecido como chefe Tembe pelos britânicos a quem muito lhes interessava o controlo da região para o acesso à baía.

IV. 7. 1890-1896: A ocupação colonial e o fim dos Estados africanos a Sul da baía

Como referido acima, em 1890 a administração colonial tinha sido suficientemente forte para prender Mabayi, chefe de Tembe²⁵⁷.

Tembe foi o primeiro a sofrer a interferência dos portugueses através da cobrança de imposto e deportação do seu chefe em 1890. Mas, só no fim de 1895 a cobrança de impostos foi extendida para área de Maputo, perto de Makhasane, por uma coluna móvel punitiva, circunstância, em que Ngwanazi com sua família e mais de 3000 pessoas refugiaram-se para o Norte de Natal²⁵⁸ como já anotámos.

Após o refúgio de Ngwanazi, foi chamado a tomar conta do poder Mpobobo que estava refugiado nas terras de Catembe. Por irregularidades é destituído em Maio de 1906 e, foi empossado Madhladhlaná.

Na área de Catuane, Maduvula era o chefe Tembe que após a conquista colonial recusou-se a cobrar imposto. Refugiou-se com a família e população para África do Sul. Assim, os portugueses empossaram Catuane²⁵⁹.

Doravante os chefes passaram a ser interlocutores da administração colonial portuguesa e, sobretudo para a cobrança do imposto.

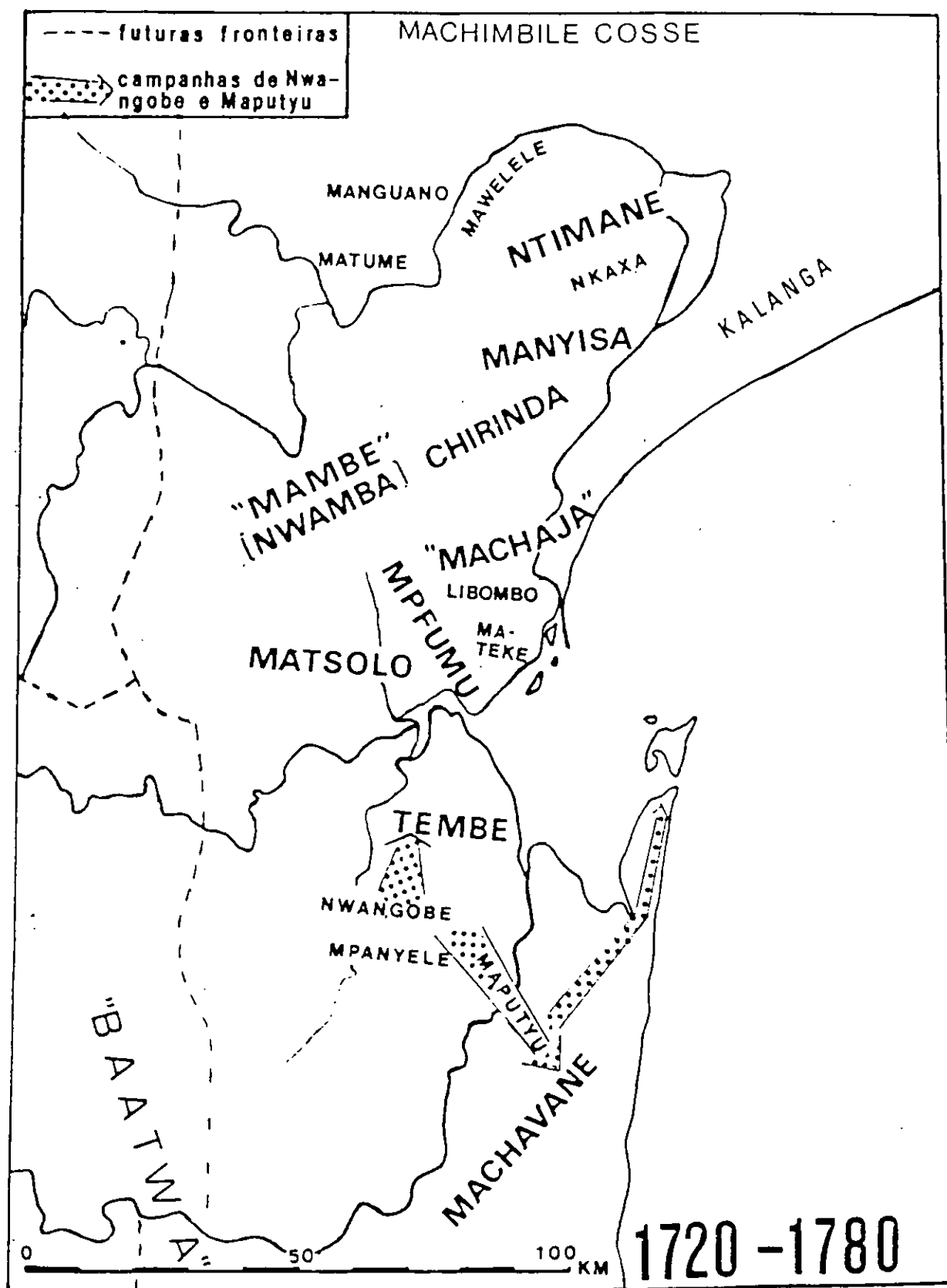
²⁵⁵ Pélissier, R. 1994: 312.

²⁵⁶ Felgate, WS. 1982: 160.

²⁵⁷ Liesegang, G. 1987: 35.

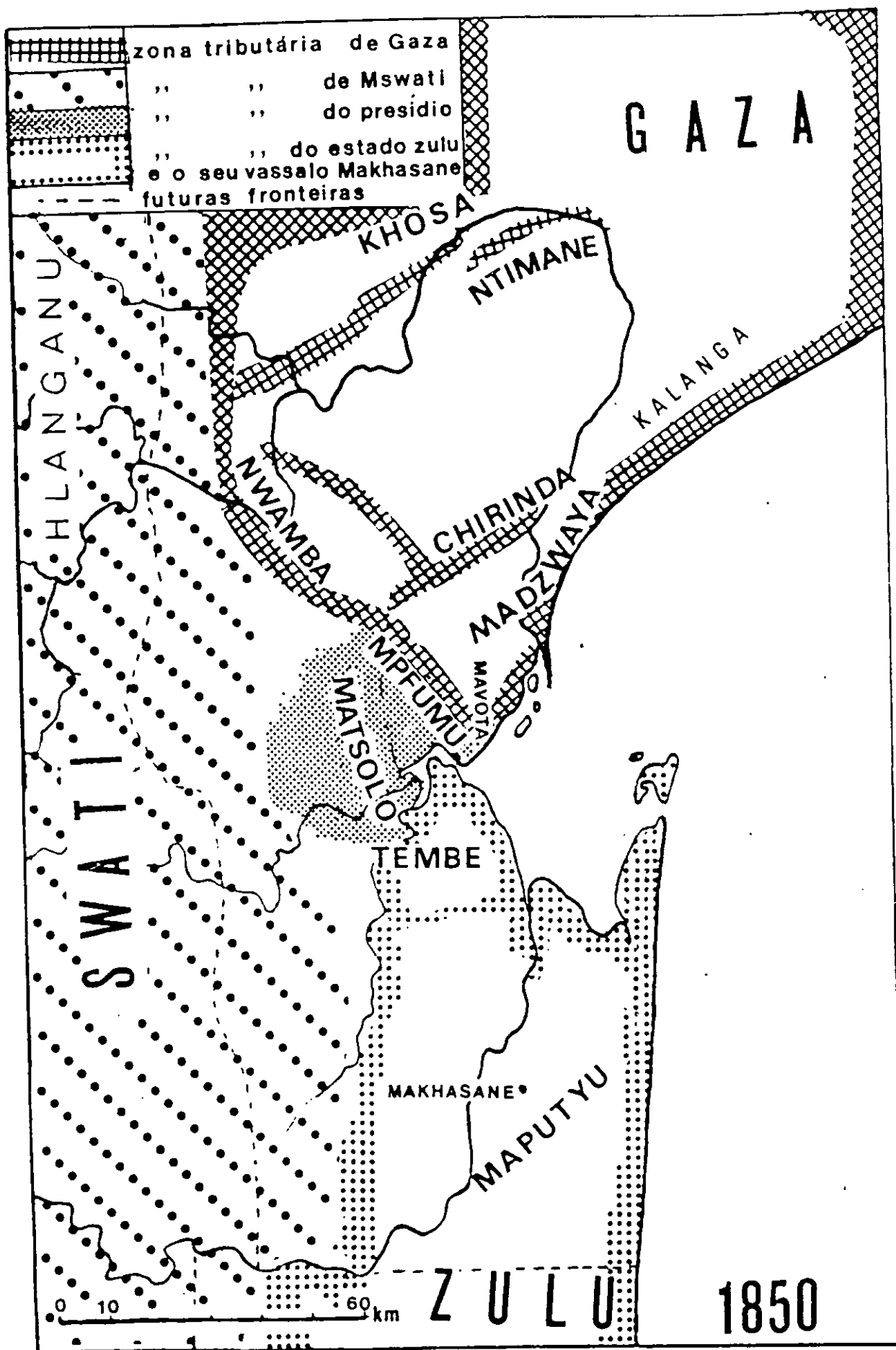
²⁵⁸ Vianna, R. 1909: 152; Pélissier, R. 1994: 341.

²⁵⁹ Entrevista: Senhor Fernando Mwandambu : Salamanga, 06.05.1999.



Mapa 1: Os Estados em Volta da Baía de Maputo, 1720-1780

FONTE: LIESENGANG, G. 1987 IN ARQUIVO 2.



Mapa 3: Os Estados em Volta da Baía de Maputo, c. 1850

FONTE: LEGANG, G. 1987: IN Arquivo 2

IV. 8. Sumário

Na historiografia da África Austral, de que a região de estudo faz parte, para o período pré-colonial o modelo ecológico explica parcialmente os processos. Nesta sequência Hedges (1978) fala dos centros geográficos do poder, cuja continuidade e descontinuidade dos mesmos está relacionada ao controlo dos recursos que asseguram ou não a reprodução linhageira.

Hedges encontrou a explicação da continuidade de Nwangove e Tembe-Maputo comparativamente ao Tembe-nuclear, sustentada pelo controlo do Sul da baía de Maputo onde abundavam elefantes e outros recursos como pontas de rinocerontes e âmbar²⁶⁰. Estes recursos proporcionaram uma vantagem comparativa no comércio internacional. Adicionalmente a zona também tem uma óptima aptidão agro-climática que propiciou cereais e gado cujo grande mercado eram os marinheiros durante a sua estadia na baía ou no vale de Maputo²⁶¹.

Esta constatação de Hedges é análoga a outras regiões de África, exemplos de Luba-Lunda, Barotse, Congo onde existiram unidades políticas seculares controlando contextos ecológicos favoráveis a grandes concentrados populacionais e estrategicamente localizados no xadrez comercial com a costa.

Esta asserção é utilizada por muitos autores na análise do *Mfecane*. Hall (1976 e 1987), Eldredge (1992), Newitt (1997) e outros sugerem que as crises ecológicas dos séculos XVIII-XIX na África Austral não só tiveram efeitos sobre as estratégias de sobrevivência como também afectaram a organização sócio-política da região. As crises ecológicas resultaram em desigualdades entre as sociedades ou unidades políticas e, aumentaram a competição dessas sociedades sobre o controlo dos recursos e comércio. Na subsequência registaram-se fissões, migrações, expansão e conquista de pequenas chefaturas pelas unidades políticas que já tinham uma estrutura estatizada.

Nós julgamos pelas evidências históricas fornecidas por Liesegang (1978) para Moçambique nos séculos XVIII-XIX e XX que houve de facto crises ecológicas e que estas influenciaram os processos políticos na região em estudo, mas talvez não foram o factor principal porque apresenta de 1515-6 até 1983 cerca de 43 períodos de seca que, certamente é um número aquém da realidade por falta de evidências. Os séculos XVIII-

²⁶⁰ Hedges, D. 1978: 94.

²⁶¹ Smith, A. 1970: 52 e 70. Hedges, D. 1978: 149.

XIX e XX são os mais documentados, sendo em média 8-10 e 4-5 anos cíclicos de seca respectivamente. Entre as piores secas no centro de Moçambique figuram secas antes e depois de *Mahlatule*, e há certas dúvidas se estas não terão afectado o Sul de Moçambique e Natal também²⁶².

Portanto, se o comércio foi um dos factores que conduziu os processos políticos a partir, sobretudo, do século XVIII, o contexto ecológico em que se desenvolveram esses Estados subsidiou favoravelmente ou a desfavor as aparentes vantagens que o comércio trazia, particularmente para as classes políticas.

O comércio era um factor quando o meio ecológico oferecia uma contrapartida em produtos locais para troca com os comerciantes europeus como sejam elefantes, rinocerontes, âmbar, cereais e gado. Nestes recursos devemos ver a razão da continuidade de Nwangobe e Tembe-Maputyo. Outro factor adicional que favoreceu era o controlo do rio Maputo que era um importante recurso no xadrez comercial entre a costa e o interior, lá para o Norte Nguni.

Quando o meio ecológico comparativamente oferecia pouca contrapartida em produtos locais o comércio era pouco favorável. É de sugerir que as oscilações da importância política de Tembe-nuclear parcialmente tenha explicação nesta asserção. Adicionalmente Tembe-nuclear sofreu cerca de 1821-1840 as incursões Nguni e já anteriormente sofrera das de Nwangobe e Tembe-Maputyo que colocaram extensas áreas fora da produção e despovoadas.

A imagem global da história política pré-colonial na região é de um estado quase permanente de fissões e guerras, cuja origem, pelo menos antes da intensificação do comércio, está na lei de sucessão e sistema de governação que referimos acima.

Outro factor deste estado é relativo às diferenças de disponibilidade de recursos num ambiente ecologicamente frágil como descrevemos no capítulo II deste trabalho. Pelas adversidades para a prática agrícola, a zona de Tembe-nuclear foi dependente da zona de Tembe-Maputyo para parte da sua subsistência. Somente a produção de cebola era em abundância. As populações por uma ou duas mulheres de cada família que iam residir em Maputo durante a época agrícola regressavam com sua produção.

²⁶² Liesegang, G. 1978:35-50. No Boletim Oficial a partir do último quartel do século XIX e nos relatórios da circunscrição de Maputo do século XX a chuva é frequentemente referida como a grande incógnita dos recursos agrícolas pela escassez, excesso e extemporaneidade que sempre comprometeram o esforço agrícola das populações locais.

²⁶² Vansina, J. 1962:??-??

Neste aspecto, olhando para a carta do perfil geográfico ecológico da região de estudo, descrito no capítulo II, e para as modificações da estrutura política com a expansão de Nwangobe 1730-1750 na direcção Norte e de Tembe-Maputyo entre 1750-1760 para a margem direita do rio Maputo, incluindo a península de Machangulo, pode-se deduzir parcialmente que quer Nwangobe quer Tembe-Maputyo saíram da zona ecológica a Oeste do rio Maputo; de mais escassos recursos, particularmente, de chuvas e águas superficiais e solos pobres, glossinas, etc. A zona Este à margem direita do rio Maputo respondia suficientemente às novas exgências; solos que produziam alimentos e gado e abundância da caça, particularmente de elefantes e rinoceronte, que favoreceram o encadeiamento com a costa através da actividade comercial com os europeus.

Paralelamente a esta perspectiva importa ressaltar, tomando a complexidade do sistema de tributação que descrevemos acima, que a autoridade, o poder político e os factores culturais antes da abundância de recursos propiciada pelo contexto ecológico determinaram a posição dos reinos no cenário político na região do Baixo Maputo.

Portanto, as relações de subordinação entre as unidades políticas na região foram determinadas, antes que uma necessidade económica, pelo poder político que criou relações de subordinação e hierárquicas onde um único forte submeteu os reinos mais fracos. Porém, devemos reconhecer que a agricultura e o comércio foram as bases do sistema tributário.

V. CONCLUSÕES

O quadro de relações das variáveis em título que tentamos construir nesta dissertação, assenta no perfil geográfico ecológico da região que caracterizamos no capítulo II:

- solos muito em parte marginalmente aptas para agricultura;
- distribuição irregular, escassez e carácter extemporâneo das chuvas;
- tripanossomíase animal e humana;
- ambiente palustre;
- Corrente migratória da população da região do Baixo Maputo para Natal e Transvaal existente desde meados do século XIX;
- fragilidade ecológica da região em tempo de produção agrícola, por chuvas extemporâneas, inundações e secas.

Estes factores determinaram um modelo de ocupação humana e aproveitamento territorial essencialmente junto aos principais cursos de águas superficiais; rios e lagoas, nos topos e sopés de antigas dunas cobertas de árvores e nas baixas. Os solos aráveis e os *machongos* foram sempre outros espaços preferenciais de ocupação e aproveitamento. Por outro lado, estes factores influenciaram negativamente a evolução da população local.

Estas condições estão mais concentradas na zona a Este do rio Maputo, por isso é a mais densamente povoada mesmo em descrições não cartográficas dos séculos XVI-XIX e, visível nas cartas produzidas a partir dos anos 60.

Outros factores na ocupação humana interagiram nomeadamente:

- a disputa do espaço e recursos com animais selvagens, particularmente elefantes, javalis e hipopotâmos e predadores como leões, crocodilos, cobras, etc. que ameaçam a segurança física das populações;
- históricos com o estado de guerra na região do Baixo Maputo, que é reportado a partir do século XVI pelos naufragos até ao fim do período pré-colonial. No início do período colonial vimos os esforços do administração colonial através do Plano de Fomento Económico que afectou a estrutura de ocupação humana que se repercutiu com o desterro das populações das áreas mais produtivas em benefício dos colonos.

Este conjunto de factores orientaram a estrutura de ocupação humana limitando o aproveitamento territorial e, pressionando as poucas áreas favoráveis à segurança

alimentar na região de estudo. A emigração constitui a resposta mais secular das populações às adversidades ambientais.

Outro factor é o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas que se caracteriza pela ausência de investimentos de capital e tecnologia em larga escala e, a falta de sistemas de mercados e transportes desenvolvidos que serviriam para aliviá-las das variações da produtividade local cuja tendência é agravado pela redução da periodicidade cíclica de secas e cheias ao longo do período.

Os modelos dos processos políticos pré-coloniais propostos por Vansina (1962), Hedges (1978), Curtin et. Al (1992), Eldredge (1992) e Liesegang (1998), têm parcialmente uma sustentação nas características ambientais de muitas partes de Africa. Foram fortes os Estados que por exemplo controlaram meios ecológicos que lhes propiciassem gado e abundância de alimentos e, com o desenvolvimento do comércio adicionassem àqueles recursos o controlo das principais rotas comerciais.

Esses processos caracterizaram-se pela ligação entre migração, conquista e estabelecimento de Estados linhageiros com uma rede territorial fracamente hierarquizada e, pelo facto, muito propensa à fragmentação. Uma das fontes desta propensão à fragmentação era o próprio direito sucessório e o sistema de governação consuetudinários que vulnerabilizavam a unidade e coesão territoriais. São exemplos as separações de Nhaca-Manganeyra, de Nwangobe e de Tembe-Maputyo dos núcleos centrais e sua expansão e conquistas.

Os Estados estabelecidos, por actos violentos em benefício de um grupo, muitas vezes continham elementos de contrato social que limitava os direitos do grupo conquistador, em parte porque era necessário assegurar a cosmovisão local como importante componente técnica na reprodução das próprias comunidades nos aspectos sócio-económicos e político-culturais. Nhaca no Sul do Baixo Maputo incluindo parte da região Norte Nguni durante o século XVI, Tembe-Maputyo no Este do rio Maputo e na Inhaca a partir do século XVIII, Nwangobe em Machavane e algumas áreas mais a Sul no século XVIII, Tembe-Maputyo na área do Tembe-nuclear no século XVIII.

A actividade comercial contribuiu para o fortalecimento das estruturas linhageiras, permitindo-lhes ganhar uma base social e comprar gado com vista a aumentar o seu poder económico relativamente as outras linhagens. Quer os Nhaca, quer os Tembe desenvolveram chefias fortemente centralizadas e poderosas. A sua força e coesão políticas dependeram quase que exclusivamente do comércio praticado na baía.

À medida que as linhagens rivais competiam pela obtenção de privilégios no sector comercial, as chefias em causa demonstravam possuir tendências fragmentárias, agravadas pelo sistema de governação e lei de sucessão.

1. OBRAS

CARVALHO, Mário de. *Agricultura tradicional de Moçambique*. Lourenço Marques: Missao de inquerito agricola de Moçambique, 1969.

COUTO, Diogo. *Delagoa Bay, 1589, RSEA,II*, 153-188.

CURTIN, Philip; Feierman, Leonard and Vansina, Jan. *African history*. New York: Longman, 1992. (especialmente pp. 156-67)

FARINHA, José Lourenço. *Caça (Legislação): caça, parques nacionais coutadas, reservas e regimes de vigilância, outras disposições*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1972

FELGATE, W.S. *The Tembe Thonga of Natal and Mozambique: an ecological approach*. Edited by E.J. Krige. Durban: Dep. of African Studies University of Natal, 1982. Occasional publications n° 1.

FELICIANO, José Fialho. *Antropologia económica dos Thonga do Sul de Moçambique*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 1989.

HALL, Martin. *The changing past: farmers, kings and traders in Southern Afrca 200-1860*. Cape Town: David Philip, 1987. (especialmente os capítulos 4 a 7).

HALL, Martin. *Settlement patterns in the Iron Age of Zululand: an ecological interpretation*. Oxford: *BAR International Series 119*, 1981.

JOCHIM, Michael A. *Strategies for survival : Cultural behavior in an ecological context*. New York: Academic Press, 1981 (Particularmente os capítulos 1, 5 e 6).

JONSSON, Jimmy. *Early plant ceonomy in Zimbabwe*. Sweden: Department of Archaeology and ancient history/ Uppsala University, 1998.

JUNIOR, Rodrigues. *Os indigenas de Moçambique (Estudo)*. Braga: Editorial Pax, 1971.

- JUNOD, Henri Alexandre. *Usos e costumes dos Bantos*. Tomo I: Vida social. Maputo: AHM (Documentos 3), 1996
- JUNOD, Henri Alexandre. *Os indigenas de Moçambique no século XVI e começo do século XVII: segundo os antigos documentos portugueses da época dos descobrimentos*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1939.
- LOBATO, Alexandre. *História da fundação de Lourenço Marques*. Lisboa: Revista Lusitania, 1948.
- LOBATO, Alexandre. *História do presídio de Lourenço Marques*. Vol. I (1782-1786). Lisboa: Tipografia Minerva, 1949.
- LOBATO, Alexandre. *História do presídio de Lourenço Marques*. Vol. II (1787-1799). Lisboa: Tipografia Minerva, 1960.
- LOBATO, Alexandre. *4 estudos e uma evocação de Lourenço Marques*. Lourenço Marques: JIU, 1961.
- KALK, Margaret. *A natural history of Inhaca island*. Johannesburg: Witwatersrand Press, 1995.
- KORFMANN, Manfred et al. Historische Geographie: Sudafrica (23°10'-26°52'S; 29°50'-35°40'E). In: *Afrika-KartenwerkGebriiden BorntraegerBerlim Stuttgart*, 1987.
- MONTEZ, Caetano. *Descobrimento e fundação de Lourenço Marques 1500-1800*. Lourenço Marques: Minerva Central-Editora, 1948.
- MORAIS, João Manuel. *Early farming communities of Southern Mozambique*. Maputo/Stockholm: UEM/Swedish Central Board National Antiquities, 1988.
- PÉLISSIER, René *História de Moçambique: Formação e Oposição 1854-1918*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- PHILIPSON, David W. *African archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento* . 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1950

RITA-FERREIRA, António *Fixação portuguesa e história pré-colonial de Moçambique* . Lisboa: IICT/JICU, Estudos, Ensaios e Documentos 142, 1982.

RITA-FERREIRA, António. *Presença luso-asiática e mutações culturais no Sul de Moçambique até c. 1900* . Lisboa: IICT/JICU, Estudos, Ensaios e Documentos 139, 1982.

SCHAPER, Isaac. *The bantu-speaking tribes of South Africa: an ethnographical survey*. 5ª edição. Cape Town, 1956

SINCLAIR, Paul J. et al. *Excavations at the University Campus Maputo, Mozambique, 1984-85* . Estocolmo: Central Board of National Antiquities, 1987.

2. ARTIGOS E OUTROS TRABALHOS DE SÍNTESE

2.1. PUBLICADOS

ANÓNIMO: Documentos 1 *A guerra dos reis vátuas do Cabo Natal, do Maxacane da matola, do Macassane do Maputo e demais reinos vizinhos contra o Presídio da baía de Lourenço Marques*. Maputo: AHM, 1986.

ALBERTO, Manuel Simões. A Ilha da Inhaca. Nota histórica. In: *BSEM (LM) XXVII* (112): 21-6, 1958

ALBERTO, Manuel Simões. A Ilha da Inhaca e o seu povoamento humano (uma contribuição demográfica)". In: *BSEM (LM) XXVII* (112): 145-51, 1958

ALBERTO, Manuel Simões, Necessidade duma revisão da sequência do povoamento humano na África Meridional, In: *BSEM* , XXVII, 108, 1958. pp. 161-7.

- ALBERTO**, Manuel Simões. Os negros de Moçambique: Censo etnográfico. In: *BSEM*, N° 94, Setembro/Outubro 1955.
- BARRADAS**, Lerenó. Concheiros da antiga baía de Loureço Marques In: *Memorias*, n°50 (Estudos sobre a Pré-história do Ultramar português). Lisboa, 1964, pp. 113-47.
- CABLE**, Charles "A model for terminal LSA subsistence strategies" In: *BAR International Series*, 207 . Oxford, 1984.
- CARDOSO**, José Gardé Alfaro, Agricultura moçambicana Vol. I, In: *BSEM*, XXVI, 102, 1957 (especialmente o capítulo I)
- CARDOSO**, José Gardé Alfaro, Agricultura e floresta do Ultramar português: economia agrícola e florestal moçambicanas Vol. II, In: *BSEM*, XXVI, 102, 1957.
- DIARRA**, S. Geografia histórica: aspectos físicos. In: Coord. J. Ki-Zerbo. *História geral de África: metodologia e pré-história da África Vol. 1* . São Paulo: Ática; [Paris]: UNESCO, 1983. pp. 333-49
- DUARTE**, Ricardo T. *A expansão Bantu e o povoamento do Sul de Moçambique: algumas hipóteses*. Maputo: DAA/UEM, 1976
- DUARTE**, Ricardo T. Arqueologia da Idade de Ferro em Moçambique: retrospectiva do trabalho realizado 1974-88, In: *Trabalhos de Arqueologia e antropologia* , N° 5, 1988. pp.
- ELDREGDE**, Elizabeth A. Sources of conflict in Southern Africa c. 1800-30: the Mfecane reconsidered In: *JAH*, 33 , 1992, PP. 1-35.
- ELIAS**, T.O. Government and politics in Africa. In: McEwan and Sutcliffe, Robert B. *The study of Africa* . London: Editorial Matter, 1965. pp. 92-97
- FARIA**, José Mendes da R. e Gonçalves, Carlos A. Cartas de isopletas dos valores médios de alguns elementos climáticos e de classificação de Köppen em Moçambique (por distritos) In: *SMM 38, Memórias Tomo II*, 36. Lourenço Marques, 1969

- FERRÃO, J.E.M.** *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses*, Maputo: AHM, 1988
- FYNN, Henry Francis.** "Delagoa Bay" 1823, In: *RSEA*, Vol. II, 1964. pp. 479-88
- FORTES, Meyer and Evans-Pritchard.** Values in african tribal life. In: McEwan, Peter J.M. and Sutcliffe, Robert B. *The study of Africa*. London: Editorial Matter, 1965. pp. 55-7.
- GONÇALVES, Carlos A.** Balanço hídrico e caracterização climática da província de Moçambique: região do Sul do Save In: *SMM, MEM, 1971*, Lourenço Marques.
- GRILO, Vítor Hugo Velez.** Etnologia da Inhaca. In: *BSEM, XXVII, 112*, 1958. pp. 161-4.
- GUERRA, Maria S. Pomba.** Alguns frutos silvestres de Moçambique In: *Moçambique : Documentario trimestral*, 14, 1938, pp. 5-43.
- HALL, Martin** Ethnograph, environmental and the history of the Nguni in the eighteenth and nineteenth centuries In: *Collected seminar paper n° 22, Vol. 8 "The societies of South Africa in the 19th and 20th centuries"*. London: University of London Institute of Commonwealth Studies, 1976-77, pp. 11-20.
- HORNBY, B. H. E.** Notes on the vegetation of the coastal districts of portuguese East Africa between Lourenço Marques and Beira, in the relation to the distribution of the tse tse flies. In: *Missão de combate as tripanossomias, relatório de 1947-50: elementos de estudos sobre a biologia das glossinas de Moçambique*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1948, pp. 21-31.
- JONES, Peta,** "Mobility and migration in traditional african farming and Iron Age models", In: *BAR International Series*, 207, 1984. pp. 289-96

- LIESEGANG**, Gerhard J. Lourenço Marques antes de 1895: aspectos da história dos Estados vizinhos, da interação entre a povoação e aqueles Estados e do comércio na Baía e na povoação, *Arquivo*, 2 (Outubro 1987), pp. 19-75.
- LIESEGANG**, Gerhard J. "Considerações sobre a importância das distâncias no ordenamento do espaço rural: para a compreensão das estruturas rurais de povoação no tempo pré-colonial e colonial". Maputo: UEM/ Departamento de história, 1979.
- MABOGUNJE**, A. Geografia histórica: aspectos económicos. In: Coord. de J. Ki-Zerbo. *História geral da África: metodologia e pré-história de África Vol 1*. São Paulo: Ática; [Paris]: UNESCO, 1983. pp. 351-64.
- MAGGS**, Tim and Whitelaw. A review of recent archaeological research on food-producing communities in Southern Africa. In: *JAH*, 32, nº 1, Cambridge University Press, 1991. pp. 3-24
- MAGGS**, Tim, Iron Age settlement and subsistence patterns in Tugela river basin, Natal, In: *BAR International Series*, 207, 1984: pp. 194-206
- MARTINEZ**, Senna Carlos de S. *O problema do primitivo povoamento costeiro do Sul de Moçambique*. Lourenço Marques: CEDA/Departamento de Pre Historia, 1969.
- McCANN**, James C. Agriculture and african history. In: *JAH*, 32, nº 3, Cambridge University Press, 1991. pp. 507-13
- MONTEZ**, Caetano. Indígenas de Moçambique: estudos sobre os documentos portugueses dos séculos XVI e XVII. In: *Moçambique: documentário trimestral*, nº 20, 1939, LM
- MONTEZ**, Caetano. Os indígenas de Moçambique: estudos sobre os documentos portugueses dos séculos XVI e XVII" In: *Moçambique: documentário trimestral*, nº 20, Outubro/Novembro 1939. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1939.
- MENESES**, Paula Mapa arqueológico. Maputo: DAA/UEM, 1988.

- MORAIS**, João Manuel. *Tentativa de definição de formações sócio-económicas de Moçambique de 0 a 1500*. Maputo:UEM/História/IICM, 1978.
- OGOT**, B.A. The historical development of african societies, 1500-1800: conclusion. In: Edited by B.A. Ogot. *General history of Africa: Africa from sixteenth to the eighteenth century Vol. 5*. London: Heinemann, 1989. pp. 895-905.
- OWEN**, W.F.W. , 1823 The Bay of Delagoa, *R.S.E.A. , II*, pp. 465-479.
- PERESTRELO**, M. de Mesquita, 1555 Relação do naufrágio de da nau S. Bento, *R.S.E.A. , I*, pp. 150-218.
- POSNANSKY**,M. As sociedades da África subsaariana na Idade de Ferro Antiga. In: Coord. de Mokhtar,G. *História geral da África: a África Antiga Vol.2*. São Paulo:Ática; [Paris]: UNESCO, 1983. pp. 733-44.
- ROMANO**, Manuel Pedro, Inventário dos recursos hidráulicos do Distrito de Lourenço Marques, In: *BSEM , XXVI, 102*, 1957. pp. 137-56.
- SCHAPER**, Isaac. The activities of tribal governments . In: McEwan, Peter J.M. and Sutcliffe, Robert B. *The study of Africa* . London: Editorial Matter, 1965. pp. 98-106.
- SILVA**, Martins da. A Africa e o desenvolvimento da agricultura em Moçambique In: *BSEM*, ?? 1956, pp.
- SMITH**, Alan Kent. The peoples of Southern Mozambique: an historical survey, *JAH, XVI, 4* (1973), pp. 565-80
- TELLO**, João Lobão P. L. "Reconhecimento ecológico da Reserva dos Elefantes do Maputo". In: *Veterinária de Moçambique*, 6 (2). Lourenço Marques, 1973. pp. 133-86.
- VANSINA**, Jan. "A comparison of african kingdoms" In: *Africa : Journal of the International african Institute*. Edited by DaryllForde and Barbara Pyn. London: Oxford University Press, Vol. XXXII, N° 4, October 1962. pp.324-34.

2.2. NÃO PUBLICADOS

LIESEGANG, Gerhard J. *Estados e grupos etnico-políticos em Moçambique ao Sul do Save c. 1300-1850*. Julho de 1998 (Versão incompleta e preliminar)

LIESEGANG, Gerhard J. *Famines, Epidemics, Plagues and Long Periods of Warfare, their Effect in Mozambique 1700-1975*. 1982

3. DISSERTAÇÕES

HEDGES, David W. *Trade and politics in Southren Mozambique and Zululand in eighteenth an early nineteenth centuries*, Ph. D, Londres, 1978

MENESES, Maria Paula G. *New methodological approach to study of Achaulean from Southern Mozambique*, Ph. D, New Brunswick Rutgers/New Jersey, May 1999

ROQUE, Ana C.R.M. *A costa Oriental de Africa na 1ª metade do seculo XVI segundo as fontes portuguesas da epoca*, Mestrado, UNL/FCSH, Lisboa, Setembro de 1994.

SMITH, Alan Kent. *The struggle for control of Southern Mozambique, 1720-1835*. Ph. D thesis, University of Califórnia, Los Angeles, 1970.

ZIMBA, Benigna de Jesus Mateus Lisboa. *Overseas trade, regional politics, and gender roles: Southern Mozambique, ca. 1720 to ca. 1830*. Ph. D. thesis. University of Michigan, 1999

4.DOCUMENTOS (Relatórios e entrevistas)

BALFOUR, J.A. *Relatórios Sobre irrigação nos vales do Incomáti, Maputo e Umbelúzi*
Lorenço Marques: Imprensa Nacional, 1922.

DUARTE, J. Romão. *Relatório das circunscrições: Distrito de Lourenço Marques 1913-1914.*

VIANNA, Rodrigues. Circunscrição de Maputo In: Ferrão, Francisco. *Circunscrições de Lourenço Marques.* Lourenço Marques, 1909.

SANTA TERESA, Francisco de, 1784: Plano e relação da bahia denominada de Lourenço Marques. In: Montez, 1948, pp. 161-173.

AHM, FGGM, Caixa N° 20, Relatório da circunscrição de Maputo 1915-1916

AHM, FGGM/DSNI, ??? Processo n° 74 _ Inspeção ordinaria a circunscrição do Maputo e seus postos administrativos de catembe, Catuane, Inhaca e Manhoca/1960/Vol. I/101.

AHM, FGGM/DSNI, Processo n° 75 _ Inspeção ordinaria ao conselho de Lourenço Marques as circunscrições de Maputo e Marracuene/1954/145.

5. CARTOGRAFIA

Afrika Kartenwerk (1984)

Atlas de Moçambique, 1986

Cartas de Portugal 1: 250 000, Provincia de Moçambique/Maputo Folha n° 102. Direcção provincial dos serviços geográficos e cadastrais, 1966

Inventário climático: Província de Maputo. Maputo: INIA, 1985.

ENTREVISTAS

MACASSA, Silace, Bela Vista, 1999.

MWANDAMBU, Fernando, Salamanga, 1999

ISMAEL , Salamanga, 1999

WATCHE , Bela Vista, 1999

TEMBE, Wankanye , Madjadjane, 1999

MONDLANE , Machangulo, 1999